

Sérgio Mattos

LEITURA EM PRIMEIRA MÃO
(Prefácios e orelhas)

Dedico esta coletânea de prefácios e orelhas a todos aqueles que me confiaram a apresentação de suas obras. Tanto os que constam neste livro como outros que aqui não se encontram e que continuam produzindo. Alguns destes prefácios foram publicados no livro *Relicário Comunicacional e Literário*, publicado em 2008, pela Contexto e Arte Editorial.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

PRIMEIRA PARTE INTERPRETAÇÃO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA (VERSO E PROSA)

Upongo, um pranto poético (A poesia de Daniel Fernando Setila) [1998]	15
Sintonia poética (A poesia dos Randam, pai e filho) [1999]	20
Uma poetisa madura (Ana Maria Sales de Souza) [1999]	23
Um Maxado enamorado (A poesia de Franklin Maxado) [1999]	26
Tudo é poesia (Derval Evangelista de Magalhães) [2000]	30
Luar sobre as faces (A poesia de Ubiratã dos Santos) [2000]	34
Portais poéticos (A poesia de Antonio Massa) [2001]	36
Focus poético (Antologia organizada por Ivan de Almeida) [2005]	38
Felicidade ou magia? (A poesia de Clotilde Ribeiro) [2011]	40

Uma maneira de falar de amor (A poesia de Maria da Graça Sá de Carvalho) [2012]	42
Diversidade e criatividade poética (Antologia Focus VII) [2012]	46
Confissões líricas (A poesia de Tadeu Cruz) [2016]	52
O sonho de uma viagem (Livro-reportagem de Josemário F. Luna) [1996]	57
Crônica de viagem (Cuba vista por Guilherme Radel) [1998]	59
Crônicas de um tempo (A Janela Panorâmica de Nola Araújo)[1999]	62
Encantados da Bahia (Contos de Everson Nascimento Câmara) [2003]	65
Entre o mito e a realidade (Renato Bandeira e a busca do elo perdido) [2003]	67
Homens que fizeram história (Perfis feirenses por Lélia Fernandes de Oliveira)[2004]	69
Contador de causos (João José de Oliveira, seo Nenenzinho) [2008]	71
Reminiscências e outros contos (Almir Oliveira, contista do tempo presente)[2010]	74
Narrativas bem humoradas (O contista José Roberto de Sena) [2010]	77

SEGUNDA PARTE DIFUSÃO DA PRODUÇÃO COMUNICACIONAL

A Televisão na era da globalização (Coleção GT'S Intercom n° 9) [1998]	83
---	----

Recepção e TV a Cabo (A contribuição de Valério Brittos ao conhecimento) [1999]	92
Análise semiótica da telenovela (A contribuição de Lícia Soares de Souza) [2002]	96
Um manual essencial (A contribuição de Matilde Schnitman)[2004]	100
Trajatória da imprensa baiana (Compilação de Luís Guilherme Pontes Tavares)[2008]	101
Os dez anos da Turma do Xaxado (Cedraz, um dos mestres do Quadrinho) [2008]	109
Bernardino José de Sousa (Um exemplo a ser seguido) [2009]	112
Uma vida com acordes e arpejos (A musicalidade de Zelito Miranda) [2009]	114
A cidadania como instrumento de audiência (A contribuição de Jacqueline Lima Dourado) [2010]	117
Reflexões que merecem desdobramentos (José Marques de Melo e a televisão brasileira) [2010]	121
Fragmentos valiosos (Uma pesquisa de Renato bandeira) [2011]	128
Salvador à noite (A visão artística de Valter Lessa) [2011]	131
Alagoas na idade média (José Marques de Melo resgata débito cultural) [2012]	133
Jornalismo cultural de qualidade (A essência do jornalista Albenísio Fonseca) [2013]	140
Para entender a nossa independência (Pesquisa de Consuelo Pondé de Sena) [[2016]	144
Memória televisiva potiguar (Trabalho organizado por Valquíria Kneipp)[2016]	150

APRESENTAÇÃO

Ao longo das últimas quatro décadas tenho sido requisitado a prefaciар livros de literatura (prosa e verso) e acadêmicos de minha área de atuação profissional. Muitas vezes fui procurado não porque eu era um especialista, uma autoridade, mas pela visibilidade que tinha como jornalista e professor e que poderia ajudar na legitimação do autor prefaciado. Em outras situações fui convidado a prefaciар obras em sentido oposto, pois a obra e o autor prefaciado é que me deram prestígio. Em outros momentos, simplesmente fui utilizado por autores que procuravam apenas obter elogios e se gratificar, ganhando confiança ao saber que estavam no caminho certo.

É necessário deixar claro que o prefácio é um gênero textual e como tal apresenta figuras retóricas. Ao fazer um recorte analítico de uma obra, o prefaciador acaba assumindo o papel de mediador entre a obra e o público, entre o autor e o leitor. A verdade é que se exige do prefaciador que seja um leitor experiente, que seja referência em alguma coisa para atuar como um abre alas de novos autores ou de novas obras de autores já legitimados e conhecidos pelos leitores. Assim, exige-se do prefaciador coerência, conhecimento da obra e do autor.

Enquanto gênero textual, de um modo geral, a análise dos prefácios que acompanham as obras pode ajudar a determinar as formas de contato entre o autor e o leitor. Por meio da leitura de prefácios pode-se identificar o processo de legitimação, da recepção literária e os hábitos de leitura entre outros itens. Como os estudiosos da área costumam dizer, a análise dos prefácios contribui para que se possa fazer um es-

tudo de autores, obras, leitores e identificar aspectos sobre a história da literatura de acordo com o contexto socioeconômico, político e cultural em que eles foram produzidos.

Quando tomei a decisão de reunir alguns dos prefácios e orelhas que produzi ao longo dos últimos anos me questionei sobre a validade da decisão e o critério de seleção dos mesmos, pois não seria conveniente aproveitar todos e assim só alguns foram incluídos neste volume. Mesmo assim, outros questionamentos também se me apresentaram entre outros: será que os prefácios aqui reunidos são relevantes e seguem um mesmo padrão? Seguem um modelo tradicional? Estabelecem relação do tema com a obra e da obra com seu autor? Qual a relevância em se publicar prefácios em um único tomo?

Não me considero um prefaciador do tipo clássico que segue um padrão. Os textos seguem livremente de acordo com o tema e o quanto o conteúdo me sensibilizou ou não. Quando senti prazer na leitura da obra mais fluidez teve o prefácio.

Dizem que é normal ao prefaciador desconsiderar o que não gosta e destacar o que chama sua atenção. A verdade é que quem escreve prefácio tem que garimpar os detalhes e providenciar comentários comparativos que valorizem a obra e o autor. Acredito que o discurso prefacial tem a ver com a percepção do mundo, com o conhecimento do tema e com as leituras anteriores do prefaciador, que em seu texto apresenta o que pensa e procura estabelecer um vínculo entre o autor da obra e o leitor.

De forma memorialista, me exponho ao registrar minhas opiniões sobre a criatividade e diversidade cultural de vários autores, cuja produção literária ou acadêmica me coube a honra de ler e examinar em primeira mão e emitir parecer. Para algumas obras apresentei sugestões, na maioria das vezes aceitas, no sentido de modificar a maneira de apresentação do conteúdo e de correções necessárias. Alguns dos livros que prefaciei são de extrema sensibilidade, outros nem tanto, mas todos são valiosos.

Vale salientar que nunca me recusei a escrever um prefácio, mesmo sob pressões da editora e do autor. Sempre aceitei a encomenda feita com limitações quanto ao tempo, ao total do número de caracteres, de palavras ou de páginas, para dizer coisas substanciais da obra em análise que servissem como prefácio, orelha ou apresentação do autor e da obra. Entretanto, confesso que sofri muito para atender aos pedidos e pressões, mas até agora nunca fugi do desafio.

Acredito que, nos prefácios aqui reunidos, o leitor poderá identificar os mecanismos de comunicação que utilizei para apresentar as obras, tanto de autores principiantes quanto de escritores maduros e já estabelecidos. A leitura e análise desses prefácios permitirão ao leitor ou estudioso do tema identificar uma ampla diversidade de informações que acabam identificando a minha maneira de pensar, as obras que li e os autores com os quais me identifico e uso como referência.

Ainda como justificativa para a sua publicação, acredito que este livro pode vir a ser uma fonte valiosa de informações para a história da literatura e da história do livro, podendo também servir de evidência para o sucesso, fracasso ou desistência por parte de autores que foram ficando pelo caminho, o que não é o caso dos aqui prefaciados que permanecem no ofício de escritor de ficção ou de ensaísta acadêmico. O importante é que para ser legitimado como tal, um autor precisa ter muita persistência, dedicação à causa, acreditar no que faz e gostar do que fez.

Considero também que a reunião destes prefácios e orelhas é importante porque ao ler todos eles o leitor poderá se sentir atraído a ler e conhecer obras de vários autores, além de melhor avaliar o prefaciador que nos textos deixa transparecer, de certa forma, o que ele leu, como interpretou, justificou e que figuras de retórica utilizou. Outra razão para reuni-los é o fato de que tanto o prefácio como a orelha são produtos culturais e muitas dessas peças estão espalhadas por inúmeras obras que estão esgotadas e se perderam no tempo, sem que nenhum leitor tenha tido a oportunidade de vê-los juntos e tirar conclusões sobre o prefaciador e sua inserção no mundo literário e acadêmico-profissional.

Neste livro estão reunidos **37** prefácios e orelhas, sendo **21** de cunho literário (verso e prosa) e **16** da área da comunicação midiática, abordando resultados de pesquisas e experiências técnico-profissional. A abordagem utilizada tem caráter multidisciplinar. Os prefácios estão apresentados em ordem cronológica e divididos em duas partes, sendo a primeira destinada aos prefácios de verso e prosa e a segunda aos de natureza comunicacional. Os textos são reproduzidos aqui na íntegra, como foram publicados, com exceção dos títulos de identificação criados para cada um deles, que estão datados de acordo com a época em que foram produzidos. Considerando que nem sempre a data de produção do prefácio corresponde com a data da publicação do livro, notas de pé de página foram inseridas com informações complementares. Alguns dos prefácios apresentados aqui permanecem inéditos porque os respectivos livros não foram ainda publicados, por estarem aguardando financiamento, editora ou porque ainda se encontram no prelo.

Que tenham uma boa leitura!

Salvador, Verão de 2017.

Sérgio Augusto Soares Mattos

PRIMEIRA PARTE

INTERPRETAÇÃO DA
CRIAÇÃO LITERÁRIA
(Verso e Prosa)

UPONGO, UM PRANTO POÉTICO¹ (A POESIA DE DANIEL FERNANDO SETILA)

Daniel Fernando Setila, nascido em 9 de novembro de 1966 na cidade de Huambo (antiga Nova Lisboa), no centro de Angola, é poeta nato. Dono de uma poesia forte, marcada pelas cicatrizes deixadas em seu corpo, sua alma e em seu coração devido à experiência de sua luta em busca da realização dos sonhos e do mundo de esperança que idealizou construir.

A escolha da palavra **UPONGO** – que em Umbundo, língua falada na região centro sul de Angola, quer dizer Pranto, nos revela desde já um poeta que sabe cantar não apenas o belo, o sonoro ou o verde, mas também a dor que verdadeiramente sente. Não é à toa que se define como “o pé descalço dos esfarrapados de minha terra”. A sua sensibilidade está presente em seus versos e é ela que confere à sua poesia uma originalidade de conteúdo sensível, rico e depurado. Através deste livro de estreia, **UPONGO**, Daniel Setila expõe sua alma, compartilhando suas lembranças e sentimentos com o público leitor. É lamentável sabermos que outros originais de sua autoria tenham se perdido durante a guerra civil em sua terra natal.

Para que o leitor entenda e possa se situar melhor em relação a este livro e aos sentimentos e fonte de criação poética, é impor-

[1] O livro do poeta angolano Daniel Fernando Setila não chegou a ser publicado devido à sua morte prematura. Espera-se que as instituições culturais de Angola possam publicá-lo devido a força e a qualidade de seus versos, que devem ser preservados.

tante conhecer um pouco da história deste poeta angolano, deste mais novo poeta da língua portuguesa que desponta no território latino-americano. Filho de um médico e de uma enfermeira, Daniel iniciou sua vida profissional como jornalista na cidade de Benguela, aos 17 anos, trabalhando numa emissora de rádio local. Estava estudando jornalismo em Luanda, quando, em 1984, teve de abandonar a escola para cumprir o serviço militar obrigatório. Foi piloto de helicópteros, durante a guerra civil angolana, até sofrer um acidente que o tirou dos céus e o colocou novamente no ar, desta feita através da Rádio Nacional de Angola, onde foi nomeado chefe de redação e correspondente de guerra. Em 1989, por indicação do Departamento da Esfera Ideológica do Comitê Central do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, viajou para Cuba, onde estudou comunicação na Universidade de Havana.

A cidade de Havana, com seus contrastes, mistérios e riqueza cultural, que atraíram Ernest Hemingway, entre tantos outros escritores seduzidos pelo clima paradisíaco da maior ilha das Antilhas, embalados pelo som da salsa e dos boleros acompanhados do sabor forte do rum, também cativou Daniel, que lá permanece. Em Havana ele vive ao lado de sua mulher, um amor cubano, e continua exercendo a profissão de jornalista, trabalhando na Rádio Havana de Cuba. Sua vida e experiência marcam direta e indiretamente sua criação poética:

Os angolanos são diferentes.
Compram armas
e matam angolanos, como eu.
Falamos inglês, francês, chinês,
português português e português brasileiro.
Suas mulheres se perfumam em Paris
e compram sapatos italianos,
a carne da Argentina e o arroz da China,
as balas de Washington e os tanques em Moscou.

Segundo o crítico francês Léon-Gabriel Gnes, o poeta “vive de duas exigências contraditórias: a fidelidade aos dados da inspiração, às sensações elementares e ao rigor intelectual que se manifesta no próprio objeto verbal”. Partindo desta constatação, poderíamos acrescentar que, exatamente por isto, a poesia não pode ser vista apenas como um fenômeno artístico. Ela é também um evento histórico, pois o poeta registra a sua época, o seu mundo real e o seu mundo ideal, preservando assim a memória de um momento de vida, com suas cores, cheiro, dores, ódio e amores.

**Abro a janela do paraíso
e vejo as canções graves como elas.
Somente a morte vagueia na melodia,
Melodia triste e célebre,
Como o assobio dos canhões.**

A poesia de Daniel Setila revela um poeta atual, que registra a consciência humana e suas agonias. Imagens e metáforas se entrelaçam através de cada poema deste livro, evidenciando reflexões e constatações de um tempo com todas as suas implicações sociais, psicológicas e filosóficas. Daniel não foge da tendência que marca a poesia deste final de século, criando uma poesia livre, que canta e encanta. O poeta Daniel se deixa perceber pela sensibilidade à flor da pele, pois consegue ver com as mãos, sem ser cego, sentir a maciez da tez com um olhar e sentir o gosto do cheiro e transmitir aos leitores seus sentimentos, percepções e visão de mundo:

**Apalpei o teu suspiro,
como água de kalandula,
e vejo ainda a tua pureza nos meus dedos.**

Ou como mais adiante acrescenta cantando:

**Ainda assim
continuo apalpando aqui e ali
a cor dos meus olhos silêncio
clamando, chamando a música da alvorada.**

Daniel modela as palavras de maneira vigorosa, produzindo uma poesia sem sentimentalismo, mas plena de lembranças marcantes e cheias de críticas social e política:

**O meu castigo
é o desterro das minhas ideias,
o desamparo das vozes famintas,
o som do desabafo das decepções.**

Do cenário da guerra angolana, na qual o poeta foi protagonista (ator e vítima), afloram poemas que recordam um momento de vida, com extrema nitidez e plasticidade. A plasticidade e ritmo de seus versos revelam suas experiências de vida, enquanto sua percepção sensorial transmite as vicissitudes, a esperança, o amor, o ódio, a dor e a guerra:

**O meu grito é mudo e surdo
A minha palavra, o silêncio.
O silêncio dos meus anseios**

[...]

**Apenas sinto e consinto o que não consinto.
Por isso estou lhe escrevendo lágrimas do passado,
com temperos do presente.**

Como todo poeta, Daniel se exprime dentro de uma multiplicidade de sentimentos, demonstrando amplitude universalista, até mesmo quando transmite a vivência regional de uma situação localizada em Angola. Sua poesia apresenta um lirismo forte, uma lucidez melancólica e um engajamento político - ideológico sem ser contraditório ou radical.

UPONGO evidencia um autor de extrema sensibilidade, conhecedor dos segredos das palavras, e que demonstra pleno domínio sobre como se expressar e se utilizar de todos os recursos poéticos. Sua poesia agrada pela musicalidade, pela simplicidade, firmeza e beleza.

A rima, na poesia de Daniel, não é constante, banal ou rotineira. Quando aparece em seus versos, ela é incisiva e contundente:

**Se meu destino de rosa fosse
eu seria um mar de flores.
Se meu sorriso de pura fonte fosse,
seria um mundo de amores.**

Na verdade, cada um de seus poemas se constitui na projeção de uma ideia transformada em palavras através da emoção. Mas a emoção não se constitui no fundamental de sua criação, ela é simplesmente o meio que ele encontrou para transformar sua ideia, visão de seu mundo real, de seu mundo ideal, em palavras que pudessem ser sentidas, entendidas por todos. A emoção é o veículo de transmissão de sua mensagem para que ela seja percebida de forma universal. Isto porque ele demonstra ter a consciência de que a literatura não é um fenômeno exclusivamente artístico e que o poeta tem também a função de preservar a memória de sua comunidade, da sua terra. Falando da terra, ele fala do homem, dos seus valores e de sua visão de mundo. Assim é este poeta, cantor de Benguela, que diz ter alma do Bié e língua de Luanda.

Salve o poeta Daniel Fernando Setila.

Salvador, Bahia, Brasil, março de 1998.

SINTONIA POÉTICA² (A POESIA DOS RANDAM, PAI E FILHO)

Da Garganta da Alma une o concreto e o abstrato, a realidade e o sonho, o físico e o extra-sensorial, une o pai e o filho. É um encontro de gerações com personalidades diferentes, que coexistem e estão unidas por laços indissolúveis: o sangue e a poesia. Dois poetas diferentes, mas que se confundem como um todo.

Quando o poeta entra em sintonia com o leitor, permitindo que este navegue nos entre-versos, recriando, se identificando, fazendo aflorar novos sentimentos em relação àqueles expostos, um ciclo de comunicação se fecha, provocando um curto-circuito positivo, uma explosão de vida, na qual o autor cumpre o seu papel. Este lampejo, raio ou faísca transformadora, provocada pelo autor, transporta o leitor para o limbo, onde realidade e sonho se confundem numa outra dimensão permitindo que, através do livro, poeta e leitor possam interagir sentimentos, o ponto de partida de todas as nossas vivências.

Este livro é um verdadeiro extrato de emoções, que faz aflorar no leitor, os sentimentos mais escondidos, além de provocar arrepios e de marejar os olhos de lágrimas de satisfação e emoção de ter sentido, de ter percebido e de ter tido a oportunidade de entrar na intimidade de Jorge pai e de Jorge filho, uma família, pois são apresentados por Odette, a mulher, a mãe e musa inspiradora dos

[2] Prefácio escrito para o livro *Da garganta da alma (do pai e do filho)*, publicado em Salvador, pela Contexto & Arte Editorial, no ano de 1999.

sentimentos, sendo, ela própria, um poema na vida dos dois e o elo de ligação mais perfeito.

Diz-se que um único verso, ou um poema contido num livro faz valer por todo o volume. Difícil, neste caso, seria destacar um devido à unidade existente, apesar dos estilos diferentes contidos neste pequeno-grande livro. Trata-se de uma obra de sensibilidade, de beleza, onde pai e filho se mostram, lado a lado, com seus estilos, com suas personalidades, seus sonhos e realidade, mas, com toda a certeza, para o pai, seu melhor poema, sem dúvidas, é o próprio filho, obra feita e lapidada.

O texto, no qual o pai apresenta o filho, a meu modo de ver, destaca-se como sendo o verdadeiro e melhor poema de J. J. Randam. Cheio de sensibilidade, em poucas palavras, consegue expressar tudo com a força do sentimento contido no fundo de sua alma, conseguindo, a um só tempo, ser pai e mãe. Digo mãe porque ele conseguiu vê e expressa a realidade também sob uma ótica que só as mães podem. Conseguiu se ver por dentro e por fora. Compreendeu a realidade e o sonho, desnudando-se como um verdadeiro poeta, descrevendo sentimentos de rara beleza e difíceis de serem colocados no papel.

Outro primor do livro é a apresentação feita por Odette. Escreve sobre os dois poetas, os dois homens de sua vida. O marido, companheiro, amigo, sofredor e vitorioso, com defeitos e virtudes, e sobre o filho, fruto de seu corpo, de sua alma e de seu amor.

Ter acompanhado de perto o crescimento de ambos, os choques e divergências naturais das gerações, os encontros e desencontros na busca do ser e do querer ser, da pacificação e da maturidade, lhe dão autoridade suficiente para afirmar que este livro é um extrato de muitos sentimentos e o fruto das emoções vividas. O testemunho de Odette sobre o processo de relação entre os dois poetas, de saber exercer o ponto de equilíbrio e de ser o bombeiro e o elo entre os dois, transforma a mulher e mãe na fortaleza, na proteção, na fonte de inspiração e orientação, sendo a árvore fron-

dosa que garantiu a água fresca e a sombra acolhedora necessária para acalmar os espíritos empreendedores destes dois homens inquietos, permitindo-lhes o espaço e os momentos para a criação poética.

Como fruto de tanto amor, J. J. Júnior revela-se um poeta lírico na essência, com perfeito domínio da palavra. Um poeta que se abre para o mundo com sua realidade e seus sonhos. Sem ser herético, sua poesia tem a leveza de quem está de bem com a vida, de quem sabe que o sonho e o amor ainda são a mola propulsora da vida, de suas descobertas e a força para enfrentar as diversidades. Em *Radical*, ele canta:

Só admito uma dúvida
antes da decisão
Só admito uma regra
se não houver exceção.

Mais adiante, em *Aprendiz de sonhador*, clama:

Sonho todos os dias
e passo as noites acordado
Vivendo um sonho
que me faz levar a vida adiante.

Enfim, este livro é uma pérola única, que merece ser lido e apreciado e que os leitores, como eu, tenham a oportunidade de navegar nos entre-versos, deixando que seus próprios sentimentos aflorem como resultado das provocações de Jorge pai e de Jorge filho, construindo juntos o momento especial, que só a poesia permite, quando leitor e autor entram em sintonia.

Salvador, Primavera de 1999.

UMA POETISA MADURA³ (ANA MARIA SALES DE SOUZA)

Nas palavras de Paul Valéry, “a função do poeta não é sentir o estado poético, isso é um assunto particular. Sua função é a criá-lo nos outros. Reconhece-se o poeta – ou, pelo menos, cada um reconhece o seu – ao simples fato de que ele transforma o leitor em inspirado”.

E em *Chronos* – como foi batizado este livro –, Ana Maria Sales de Souza deixa suas impressões digitais, de corpo e alma, revelando-se num desabrochar natural como poetisa madura e reflexiva. Seus versos filtram aromas, luzes, cores e valores do seu universo, transmitindo ao leitor sentimentos e questionamentos, além de revelar as suas próprias verdades e as verdades do mundo como ela percebe.

Ana Maria Sales de Souza consegue captar a realidade com a óptica poética de quem sente “o verso profundamente, como quem chora de emoção”. Seus versos curtos e vigorosos são carregados de rara beleza e encanto. Até a tristeza que diz sentir se apresenta colorida, envolta em recordações cheias de imagens privilegiadas, pois sua poesia vem de dentro com a força de quem quer semear o mundo, num ato de doação:

[3] Prefácio escrito para o livro *Chronos*, de Ana Maria Sales de Souza, publicado em 1998.

Pulsa dentro aqui
o verso
e, se não o verto,
a poesia enclausurada
lira condenada,
triste, embrionada
morre semente
que não vingou.

Chronos é uma fonte de poesia renovada, pois Ana Maria é uma alquimista das palavras, transformando o ouro do sol na prata do luar. Ela consegue ouvir o murmurar silencioso da noite, olhar-se por dentro, sentir o aroma de manacás e radiografar o passado vivido e sentido livre de sentimentalismo. Ela mergulha em si mesma, questionando a vida, com sublime doçura e ironia sem deixa de cantar a natureza com rara habilidade:

A pitangueira florida,
toda de branco vestida
parece o véu de uma virgem
preparada pra casar.
Tem pitangas vermelhinhas
como beijos de menina.

Ana Maria mantém o seu “coração aberto para ocupar com sonhos que foram extraviados”, pois

sei que não sou
o que desejo ser,
mas às vezes
penso que posso
ser como queria

e por isso revela que

Já fiz versos
de adolescente,
com todos os lugares-comuns.

[...]

Hoje eu versifico
e, me diversifico,
ao sabor da vida.

Em síntese, neste conjunto de poemas, Ana Maria Sales de Souza desnuda-se como poeta que não precisa de apresentações. Aliás, a poesia é uma arte que comunica diretamente e o leitor gosta ou não gosta. No meu caso, li e reli *Chronos* num processo de descoberta. Trata-se de um livro que merece ser lido.

Saúdo, pois, a poetisa Ana Maria e espero que todo aquele que a leia venha a descobrir um pouquinho de sua lira sublime, sua alma clara e sua arte de recriar a vida semeando o mundo com poesia.

Salvador, Verão de 1999

UM MAXADO ENAMORADO⁴ (A POESIA DE FRANKLIN MAXADO)

Este livro, *Poemas Para Enamorados*, de Franklin Maxado, constitui-se, a meu ver, numa porção mágica de poesia, onde a sensibilidade poética do autor se apresenta cheia de imagens visuais e auditivas. Profundamente tocado pelos acontecimentos, revela-se um poeta consciente de viver seu tempo, interiorizando-o na sua poesia, de linguagem própria, onde as recordações de suas próprias experiências contribuem para a modelagem das palavras com que ele cria e dá vida aos seus poemas, verdadeiras pinturas ou esculturas.

Este livro demonstra também como seu produto interior, sua obra poética, tem crescido desde os primeiros livros *Álbum de Feira de Santana* e *Protesto à Desuman-Idade*, de cunho modernista e sob forte influência drummondiana, publicados num tempo de inquietudes devido ao regime de exceção imposto pela ditadura militar, e de sonhos, da geração paz e amor, difundidos em todo o mundo pelos hippies.

Certa feita, Banville escreveu que a poesia é “uma espécie de magia capaz de provocar sensações apenas com os sons combinados, encantamento graças ao qual as ideias nos são comunicadas...”. Por sua vez, W. Humboldt teorizou afirmando que “a palavra não transmite uma ideia precisa e definida, mas unicamente uma su-

[4] O livro de Franklin Maxado para o qual este prefácio foi solicitado ainda não foi publicado.

gestão visual ou auditiva, que coloca quem a recebe em tal ou qual estado de espírito”.

A poesia de Franklin Maxado, poderíamos dizer, é a síntese do que Banville e Humboldt afirmaram, pois consegue provocar sensações nos seus leitores, despertando a força interior de cada um, levando-os a um estado de espírito no qual podem realizar novas associações e descobrir o quanto a emoção lírica do poeta nos ajuda também a recriar, a partir do seu cantar. Os versos e sonhos líricos do autor exaltam o amor e todas as situações que envolvem a prática e a vivência do mesmo, que é a mola propulsora da humanidade. Sem a existência dos sentimentos, da paixão e do amor a vida não teria sentido e nós não existiríamos.

Sim, Maxado é um poeta que desempenha o papel de anunciador, cuja grandeza está no saber recriar poeticamente sua memória de vida. Sem falsos artifícios ele canta o amor, esbanjando uma emoção lírica forte e rica, deixando transparecer todo e qualquer sentimento através de sua simples fruição poética, que não se constitui num “mistério”, pois o ato de praticar a poesia é uma necessidade tão natural como é o ato de respirar. Sua poesia não pode ser rotulada. Ela reflete todas as tendências e contradições da poesia brasileira, principalmente aquela vertente que procura desvendar os segredos do amor dentro do contexto real de cada um, muitas vezes comprometido pelo modismo ou pelo ambiente no qual está inserido.

Como escreveu Raymond Radiguest: “l’amour est comme la poésie, en qui tons les amants, même les plus médiocres, s’imaginent qu’ils innovent.”

No poema intitulado “Deusa Nupcial”, Maxado apresenta-nos versos conclusivos:

**Eu e tu nos amamos tanto,
tanto que este amor
e estas três frases,**

por não rimarem,
não devem conter poesia.

A região do semiárido, onde tanto viveu, está presente em sua poética com toda a sua simbologia:

Menina!
Fulô de mandacaru
de olhos de folha verde.
Cheirinho de umburana
que me deixou jururu.

Utilizando-se das palavras com a maestria de um jogador o poeta cria brincando:

Eu prefiro ser simples semente
que a chuva enterra no chão
para depois, passado o aguaceiro,
explodir com vida.

A ironia, a memória da experiência das várias fases da vida são ferramentas do poeta e estão presentes em seus versos:

Perto de onde eu morava,
tinha um terreno deserto
onde debalde procurei companhia
para chocar os meus sentimentos.

Assim, homem solitário,
ali construí um cemitério
de muitas partes de mim
e de meus filhos gorados
e não gerados.

Enfim, Franklin Maxado, jornalista, poeta, escritor, diretor do Museu Casa do Sertão da UEFS e atual presidente da Academia Feirense de Letras (1999), não precisa de apresentação. Sua sensibilidade poética, como bom cordelista que é, está expressa nos quase 200 folhetos de cordel publicados e nos livros de poesias já editados. Seu trabalho profissional, sua ideologia e o exercício de

sua cidadania atestam o homem que é e registram sua contribuição à sociedade desde os anos sessenta, quando se revelou poeta. No início da década de 1970, Maxado deixou sua Feira de Santana para trabalhar em São Paulo. Sua despedida foi marcada por um espetáculo musico-teatral, “Terra de Lucas”, inspirado no folclore e na vida de Lucas da Feira.

Em São Paulo, além de exercer o jornalismo na *Folha de S. Paulo* e em *O Pasquim*, Maxado adotou temas sulistas em sua literatura de cordel, atraindo novos leitores, ao cantar as greves dos operários do ABC e as lutas e caminhadas pela Abertura Democrática. Ao retornar para a Bahia, em 1985, foi trabalhar na TV Educativa e logo em seguida publicou o livro ***Profissão de Poeta***, no qual resgata sua poesia modernista. Mas, seu destino está ligado, entretanto, a Feira de Santana, para onde retornou. Na cidade Princesa do Sertão ele vive e exerce o seu fazer poético, dentro de uma linha de vanguarda, sem nunca ter desprezado o cordel. Além deste ***Poemas Para Enamorados***, Franklin Maxado, que não para de produzir e sabe como ninguém dar o seu recado, tem também um outro livro já no prelo: ***Palavras à-toa***.

Que sejam bem-vindos os seus novos livros de poemas, possibilitando-nos uma leitura apurada para a identificação de todas as intenções, quase indevassáveis do poeta, que sabe muito bem como manipular a lírica dos versos.

Salve o poeta Franklin Maxado!

Salvador, agosto de 1999

TUDO É POESIA⁵ (DERVAL EVANGELISTA DE MAGALHÃES)

Ao concluir a leitura de *Poesia: Vida, Amor e Sonhos*, este novo livro de Derval Evangelista de Magalhães, fui transportado, como se numa máquina do tempo estivesse, pelas lembranças de uma época pura e doce, quando no início da década de 1960, como estudante interno, primeira série ginasial, conheci o autor, meu colega e amigo, sempre sorridente e prestativo. Naquela época, com certeza, nascia o poeta contemplativo, lírico e romântico em que se transformou o jovem de Inhambupe.

No internato, do Seminário Central da Bahia, líamos muito. Tínhamos contato com os clássicos e aprendíamos a traduzi-los do Latim para o português. Era um tempo de descobertas, quando, todos os dias, navegávamos na imaginação, deixando os sonhos construírem nossos caminhos. Talvez tenha sido durante aquele tempo de vida e de sonhos que Derval tenha aprendido a construir seu próprio mundo, transformando seus sonhos em realidade, suas fantasias em poesias. Talvez tenha sido durante aquele tempo, quando cantávamos músicas em ritmo de rock que ele tenha aprendido a sentir a natureza, além de reconhecer os valores e a defender as regras básicas da vida, cujo maior alimento e maior força de mobilização ainda é o amor. Quem produz e faz tudo com amor consegue transformar o que parecia impossível, o que luzia como pura fantasia, em verdadeira poesia.

[5] O livro do poeta Derval Evangelista de Magalhães foi publicado em 2002.

Nos versos de Derval, os mais ternos símbolos da natureza se fundem em sentimento e emoção:

Se eu fosse um colibri
E voasse de flor em flor
Iria pousar em tua face
E dar um beijo de amor.

A temática poética de Derval Evangelista é universal. A liberdade, o amor e a natureza; o sonho e a realidade; o concreto e o abstrato são temas favoritos deste poeta que voa alto, incorporando ora um anjo, ora um pássaro, ora um filósofo ou um mestre, que de tantas reflexões sobre os segredos da vida, sabe mostrar os caminhos que devemos trilhar porque “o homem nunca sabe o que quer”. Mas, ele sabe, vive e define o amor:

Amar é sentir a falta quando o outro sai.
É sofrer calado quando ele se vai.
É sentir felicidade ao chegar de volta.
É voltar a sorrir porque o coração se solta.

O poeta também descortina a vida a partir do voo livre e do trinar do passarinho:

O poeta é um pássaro que canta
desde o romper da aurora
até que a noite escura o espanta
e o que mais canta
é sempre o que mais chora.

Nem sempre, entretanto, ele chora quando canta. Ao tratar do amor ele baila no ar, dando voos rasantes ou flutuando no espaço, realizando o eterno sonho dos homens que é voar com liberdade. Derval consegue voar. Sua poesia é vida, é viva. Ele concretiza e reconstrói lembranças, espaços e resgata tempos vividos, tempos sofridos, tempos sonhados, transformando tudo em tempo-poesia:

A vida é como uma flor e um espinho.
Quem sabe, como você, colher a flor.
Quem vive, como você, sorri por amor!

O filósofo – poeta também se faz presente neste livro.
Com metáforas sobre o destino nosso de cada dia:

No jardim da vida
uma planta desabrocha duas flores.
Um dia alguém colhe uma delas.
Cada uma, distante uma da outra,
cumpre seu destino
sem deixar de ser uma flor.

Ou quando compara a vida às rosas:

esta vida é como as rosas
que se dizem muito formosas,
porém são como pétalas ao ar
que o vento as pode levar.
A vida é como a roseira:
cresce e começa a se espalhar.

Cantando a natureza da vida e a natureza como ela é, o poeta Derval Evangelista de Magalhães consegue marcar sua presença no cenário literário da Bahia, dando o seu recado poético. O seu principal objetivo é cantar a vida e isto ele consegue e muito bem, com arte e destreza.

Na verdade, Derval, filho de Joel Nunes e Maria Evangelista de Magalhães, advogado com pós-graduação em Direito Eleitoral e vencedor de vários concursos de poesia, não precisa ser apresentado como poeta. Ele já nasceu poeta e desde a adolescência vem se portando como tal, pois sou testemunha disto, apesar de só mais recentemente, 1996, quando completava 50 anos de idade, ele ter iniciado a publicação de seus poemas, quando lançou “Por um momento de inspiração” e agora retoma o caminho de reunir suas pérolas em novo livro, “*Poesia: Vida, Amor e Sonhos*”.

E assim saudamos a chegada deste novo livro, que merece ser lido por todos, pois o poeta Derval nos leva a refletir sobre a vida e os valores da natureza e a natureza do amor.

Primavera do ano 2000.

LUAR SOBRE AS FACES⁶ (A POESIA DE UBIRATÃ DOS SANTOS)

Ser poeta é cumprir uma missão. Ser poeta é ver o outro lado da vida. Ser poeta é saber mostrar o lado belo do feio. Ser poeta é viver o sentimento das coisas. Ser poeta é saber comunicar-se com a alma do leitor. Ser poeta é fazer do outro, também, um poeta. Ser poeta é saber como despertar o lado oculto do leitor. Ser poeta é ser presente. Ser poeta é sentir os elementos da natureza, interagindo com eles. Ser poeta é saber cantar a dor e o amor, a saudade e as perdas, os ganhos e as alegrias. Ser poeta é ser humano, com todas as virtudes e imperfeições. Ser poeta é ser, é viver, é saber sentir.

Ser poeta é ter persistência e isto, Ubiratã dos Santos, ao longo de dez anos na estrada poética, tem demonstrado que tem e ainda anuncia:

Pretendo fazer um verso
cem verso(s)
inverso(s) do(s) verso(s)
versado(s)
do(s) lado(s) da vida.

Luar sobre as faces é o quarto livro de Ubiratã. Os outros três são: *Cérebro de Poeta*, *A balsa da Primavera* e *Flores a Pablo*. Apesar de inquieto, ele é poeta de versos curtos, com men-

[6] Este prefácio foi publicado no livro *Luar sobre as faces*, que veio a lume em edição do autor no ano 2000, na virada do milênio.

sagens claras e definidas. Ele se propõe a dar o seu recado e cumpre com sua vontade poética, comunicando o que sente, registrando os momentos, descrevendo e pintando a vida de formas e cores diferentes, de acordo com a peculiaridade e a sensibilidade de cada pedaço vivido de sua vida. Às vezes, o poeta se questiona:

De que vale cantar tantas canções de Roberto,
de que vale fazer tanto verso para te poemar,
de que vale ser Neruda, Quintana ou Drummond
se às vezes nem sou Ubiratã?

Sim, Ubiratã, você é o Ubiratã dos Santos, o homem-poeta que sabe, até mesmo nas noites de insônia cantar:

Agora eu canto
aqui no canto
estas horas falecidas
deixando a madrugada
passar por mim.

É também o poeta-homem-amante que implora o beijo da amada:

Vem acender de novo
a luz dos seus lábios
no breu dos meus.

Ou o poeta que ironiza e denuncia a época em que vive:

Essa é a época
de mortes democráticas
mordaças e risos constantes.

É isso aí poeta Ubiratã dos Santos, continue produzindo, criando e participando de recitais. Não deixe de dar o seu recado. Cumpra a sua parte que a poesia saberá cumprir a dela.

Salvador, Inverno de 2000.

PORTAIS POÉTICOS⁷ (A POESIA DE ANTÔNIO MASSA)

Um dia divide-se em quatro partes: manhã, tarde, noite e madrugada. Um dia poético não se mede, é tridimensional, atemporal e virtual. Uma *Manhã de Enfeite*, o mágico título deste livro de Antônio Massa, não é apenas uma manhã poética, é uma vida que se descortina, ora do parapeito da janela do tempo, ora através das múltiplas e encantadas portas que o poeta vai abrindo com suas inúmeras chaves.

Abrindo seus portais do tempo, o poeta permite aos leitores ter não apenas uma completa interação com a sua mensagem transmitida, como também nos autoriza a realizar viagens no tempo, nas entre linhas ou entre versos, principalmente quando as memórias de Antônio se transformam em massa – como seu nome – concretizando, as lembranças até então virtuais e intimistas de seu tempo vivido, em mensagens fortes, compartilhadas em versos livres extremamente aconchegantes.

As imagens são tão ricas que o tempo do poeta se reflete, resplandece e se multiplica em luz, terra, rio e raiz. Com este trabalho de criação, Antônio Massa comparece mais uma vez diante de seu público leitor, expondo a maturidade atingida, transformada em versos escritos com as mãos puras da criança que sabe como tocar a alma dos homens, que vivem em busca de novas descobertas.

[7] Este texto de apresentação foi publicado nas orelhas do livro *Manhã de enfeites*, do poeta Antônio Massa, numa edição do CEPA, em 2003.

tas do inatingível quando as respostas podem estar dentro de cada um ou na natureza: “a chuva canta e eu nunca havia notado”.

Antônio Massa está completo no domínio da palavra e da lavra poética. Nada precisamos dizer frente à beleza de versos semelhantes a estes e outros mais:

**Plantei lagartas na véspera do plenilúnio
de março
e com as mãos ainda sujas de terra
colhi borboletas.**

Poeta! Que as borboletas de sua colheita levem suas mensagens mundo afora.

Salvador, Outono de 2001.

FOCUS POÉTICO⁸ (ANTOLOGIA ORGANIZADA POR IVAN ALMEIDA)

O terceiro milênio está se constituindo como uma época em que as oportunidades são múltiplas, mas com valores incertos. Uma época em que se busca o reencontro do homem com o meio ambiente, destacando-se a responsabilidade social e a ética como elementos básicos para que possamos cumprir os objetivos do milênio, atingindo também o nosso pleno desenvolvimento material, intelectual e cultural.

Baudelaire disse que a “poesia é a distância reencontrada” e a esta definição acrescento que a poesia é a soma de todas as fases da vida, com suas descobertas, vivências e valores, pois o poeta é o artista capaz de captar a poesia presente em cada momento, em cada gesto, nos elementos da natureza, nos relacionamentos, na beleza, na tristeza e na felicidade que nos envolve no dia-a-dia.

Em suma, o poema é o instrumento de que o poeta se utiliza no seu papel de conquista da realidade. E isto é exatamente o que fazem os poetas reunidos neste livro organizado pelo jovem poeta Ivan de Almeida. Eles transmitem as mensagens e com seus versos conseguem promover sonhos, transmitir verdades de épocas, valores e vivências. Esta antologia reúne gerações diferentes, mas a temática poética contida neste volume é universal. A liberdade, o amor, a natureza, as lembranças, os sonhos e o cotidiano, entre

[8] Texto publicado nas orelhas do livro *Focus – Antologia poética 2005*, organizado por Ivan de Almeida, em 2005.

outros, são os temas favoritos. Como disse João Cabral, a poesia é “o laboratório da linguagem” e os poetas aqui reunidos são os cientistas de toques refinados que nas experiências laboratoriais procuram captar e registrar a realidade atual com a ótica de quem sente e pressente. Eles constroem poemas com uma magia especial, transmitindo com palavras, suas respectivas sensações e desejos. Vejam exemplos:

“Velejar pelo aquém e pelo além da obriedade” (Amélia Carvalho); “poeta, acorda desses sonhos impossíveis. Vem viver” (Ana Moreira); “Não posso falar agora se me cala o medo” (Ana Maria de Souza); “só os que amam conseguem ciumar” (Araíldes Valois Costa); “Estar em um lugar de senso comum”(Carla Sabiá); “Quando me envolve em doce neblina vejo teu céu respirar marfim”(Edgar Velame); “O que vale é somente o que se baseia no espírito” (Germano Machado); “Assovia o vento mendigando, cantando, cantando em surdina (Herick Rios); “Sentimos o toque do Olimpo ... nos sons, nas cores, nos ritmos de nosso universo mágico”(Ivan de Almeida); “O que meus olhos anseiam é contigo imergir por onde as nuvens passeias, no espaço azul, a sorri” (Leda Jesuíno); “Voei como os pássaros, dancei com as ninfas modernas, amei como as noivas antigas” (Lolitta Walter); “A lua banhava-me com brilho, prateando minha luz” (Lucrécia Rocha); “Nas horas oscilantes de trevas e felicidade necessito de um tato na alma, um vento que parta minhas veias e volumes” (Nana Moreira); “O silêncio é o companheiro dos meus dias...”(Regina Helena); Nada perece, tudo permanece, meus pensamentos continuam lá fora, na vaga da chuva”(Rogério Tanajura); “Seus beijos têm o gosto do mais puro vinho: porto fino”(Walter Altino).

Salvador, Dia de Todos os Santos de 2005.

FELICIDADE OU MAGIA?⁹ (A POESIA DE CLOTILDE RIBEIRO)

Para conhecer uma pessoa, é necessário saber o que ela leu e escreveu, além de conhecer suas vivências, realizações, sonhos e frustrações. Para sentir uma época, com todas as suas nuances, devemos ler os poetas. O poeta registra, recorda e eterniza momentos, sabores, odores, amores, alegrias, tristezas, vitórias e derrotas. O poeta canta, chora e percebe a vida com toda a sua magia e fantasia. É exatamente isso o que Clotilde Ribeiro faz neste livro, *Devaneios na Madrugada*, um livro denso, com mais de 130 poemas, dividido em sete partes, das quais destaca-se a quinta, dedicada aos amores que por ela passaram, quando a poetisa revela uma aguda percepção dos sentimentos. Como mulher amante, apaixonada por tudo, ela fascina, disfarça e transmite, com suavidade encantada, seus sonhos e paixões, como em “Paradoxo” onde de forma pulsante registra:

Quero você!
Verdade mentirosa
lembrança gostosa/doce saudade
não sei se é verdade
tamanha felicidade.

Clotilde Ribeiro (bacharel em Processamento de Dados, mestre em Administração, especialista em Engenharia de Sistemas e

[9] Orelha produzida para o livro de poemas *Devaneios da madrugada*, publicado no ano de 2011.

doutoranda em Administração) não se fez poeta, pois já nasceu em forma de verso. Com pleno domínio das palavras, a poetisa é, simultaneamente, cronista, pintora, fotógrafa, historiadora e analista de seu tempo. Nas entrelinhas ou entre versos, de modo contagiante e melodioso, a autora nos fala com a voz do coração, eternizando, com maestria, momentos, sensações, prantos, desencantos, fantasias e a magia de seus sonhos. Cantando e procurando a diversidade da vida, a partir de seu eterno espírito infante, Clotilde Ribeiro é uma poetisa guerreira, de fala contundente e em perfeita sintonia com seu desejo de sonhar, por meio da poesia.

Enfim, este livro veio para ficar e merece ser lido. Salve a poetisa Clotilde Ribeiro!

Salvador, julho de 2011

UMA MANEIRA DE FALAR DE AMOR¹⁰ (A POESIA DE MARIA DA GRAÇA SÁ DE CARVALHO)

Este é o primeiro, o último e o eterno livro de poemas da artista plástica e poeta Maria da Graça Sá de Carvalho, cujas pinturas embelezam e interagem plenamente com a emoção poética e a personalidade que ela conseguiu imprimir em cada um dos versos aqui reunidos. Seus poemas, para quem se descrevia, nas redes sociais na Internet, simplesmente como “artista” não são meros objetos estéticos, pois refletem o registro de seus pensamentos, desejos, frustrações, emoções, conflitos e a eterna procura de si mesma.

Nos 60 poemas reunidos neste livro póstumo, intitulado *Breves Anotações Poéticas*, Maria da Graça conseguiu transformar cada poema numa mensagem, não permitindo ao leitor ficar indiferente à forma de expressão que se completa com as pinturas. Por meio de sua arte poética ela nos abre as portas para o mundo dela, iluminando o caminho a ser percorrido. Não deixando nada oculto:

Assim como na fantasia,
Você é a fera que me faz bela...
Mas não me deixe na espera...
Preciso do seu riso pra viver na terra.

Em outro poema ela se mostra consciente do processo de vida:

[10] Prefácio publicado, em 2012, no livro póstumo de Maria da Graça Sá de Carvalho intitulado *Breves anotações poéticas*.

Não há motivos para a tristeza se a
felicidade está mais próxima do paraíso.

E em outro, conclui:

Como tudo é relativo na vida, o tempo pode
passar mais uma vez, e reescrever o texto,
tornando a dor uma ilusão e a felicidade,
eternidade no coração...

A poesia de Maria da Graça nos apresenta uma autora reativa e instigante, pois consegue aproximar a experiência poética da linguagem plástica. Suas pinturas e seus versos registram o mundo mágico interior dela pelas perspectivas da artista plástica e do poeta ao mesmo tempo, nos oferecendo um todo, como se tudo fosse conteúdo autobiográfico. Os poemas extravasam sentimentos de amor, de solidão, de angústia, de insegurança e ao mesmo tempo de segurança, esperança e serenidade.

Em tom confessional, romântico e de harmonia, os versos deste livro estão impregnados de sensibilidade e de criatividade. As verdades reveladas estão livres de qualquer artificialidade. Trata-se de um hino ao amor, uma busca do amor ideal:

Do nada se faz o vazio no meu coração... mas,
como viver é sempre uma deliciosa ilusão, o seu
acaso transforma sempre o nada em amor ideal.

O poeta Gilberto Mendonça Teles afirma que “a compreensão de um poema ou de determinadas passagens de um poema poderá ser completamente distinta, variando em consonância com o índice cultural, o gosto, a sensibilidade, a iniciação literária e até mesmo com a habilidade de quem o fizer, dependendo em última instância do poder imaginativo do leitor, de qualquer tipo de leitor, inclusive o crítico”.

Por isso pode-se afirmar que Maria da Graça não se deixou levar pelos modismos e que sua poesia se apresenta com característica universal. O ritmo, a cadência e a rima aparecem nos versos

com naturalidade, nada é forçado. A autora tem perfeito controle do uso das palavras na transmissão das mensagens, tendo encontrado soluções poéticas para registrar como via, sentia e pensava o mundo em que viveu.

Na busca da rima perfeita, do ritmo bem cadenciado e usando versos livres, a autora demonstra todas as virtudes poéticas e uma capacidade exemplar:

Preparei para você um coração cheio de flores, cheio de
cores...
Preparei para você a minha alma em festa, transbordando
de amor...
E a sua indiferença tornou tudo tempestade sem fim,
dentro de mim...

Em alguns momentos ela usa a técnica drummondiana do encadeamento sucessivo de palavras, como no poema intitulado “Restos Mortais”:

Foram tantas as quedas que eu fiquei aleijada...
Foram tantas as dores que eu fiquei anestesiada...
Foram tantas as lágrimas que eu fiquei desidratada...
Foram tantas as tristezas que eu fiquei sádica...
Foram tantas as mágoas que eu fiquei masoquista...
Foram tantas e tantas as tantas que eu fiquei tantã...

Logo nos primeiros poemas ela se define como um dos elementos da natureza mais poderosos e de maior flexibilidade que existe, que é a ÁGUA:

Sou água tenra e clara.
Venho do ar e vou para a terra acalmar o fogo.
Por onde passar, matarei a sede e alimentarei o trigo...
Mas, também, arrastarei todas as impurezas, mesmo que
estas estejam nos corações humanos.

Segundo J. G. Merquior “a obra de arte verdadeiramente superior é aquela em que convivem duas virtudes básicas: perfeição formal e grandeza”. Para Carlos Drummond “a poesia é luta”. Para

Fernando Pessoa “a poesia é astúcia, fingimento”. Para T.S. Eliot “A poesia não é um perder-se na emoção, mas um escape da emoção; não é a expressão da personalidade, mas uma fuga da personalidade”. Para Maria da Graça a poesia é reflexão e filosofia: “Lembre-mo-nos que o verso só se sobrepõe ao reverso quando falamos com o coração e não apenas com o sexo”.

Cantando e pintando ela, a artista do pincel e da palavra, com sensibilidade, registrou o mundo dela, nos deixando, como legado, uma maneira diferente de ver as relações entre as artes e os homens. Assim é a poesia de Maria da Graça, que virou encantada, nos deixando o seu sentir, o seu modo de ver o mundo e a maneira especial de falar do mais gratificante sentimento humano, o amor.

Salvador, Verão de 2012.

DIVERSIDADE E CRIATIVIDADE POÉTICA¹¹ (ANTOLOGIA FOCUS VII)

Ao abrir suas portas para poetas jovens, principiantes, e velhos, experientes e conhecidos, Ivan de Almeida, coordenador/editor da antologia poética FOCUS tem dado uma contribuição maior do que se pensa, vez que ao publicar tem estimulado inúmeras pessoas que nasceram com o dom da poesia a escrever cada vez mais e, com a produção constante, a arte vai se aprimorando. Esta é a contribuição maior aos principiantes que são publicados com o mesmo destaque dos mais famosos. Aos calejados com a arte dos versos é dada a esperança de assumir o ressurgimento da poesia como uma força de expressão.

FOCUS – Antologia Poética VII, da Cogito Editora- 2012, é uma edição especial em homenagem a Jorge Amado e Luiz Gonzaga, com textos específicos assinados respectivamente por Carlos Pronzato e Germano Machado. Esta edição reúne 19 poetas, um grupo heterogêneo, que se destaca pela diversidade e liberdade que reflete o tempo de mudanças que atinge o país como um todo e a literatura em particular. Nenhum deles segue linhas dogmáticas ou alinha o poder criativo da poesia a ideologias políticas.

Cabe ao prefaciador antecipar informações sobre a obra a ser lida. O prefácio pode ser um texto apresentando uma análise do autor e do conteúdo da obra, ou uma orientação aos leitores.

[11] Prefácio publicado no livro *Focus: Antologia poética VII*, organizado por Ivan de Almeida e editado no ano de 2012.

Como analisar cada um dos participantes desta antologia seria uma tarefa praticamente impossível pelo espaço destinado ao prefácio, vou me concentrar mais nos aspectos gerais do que nos particulares. Destacando conceitos poéticos, a título de orientação, que permitem aos leitores se identificar com cada um dos poetas, interagindo com seus poemas e criatividade individual.

Começo, portanto, com a citação de alguns conceitos básicos:

“A poesia mais adequada e convincente é aquela que abriga uma mistura de sentimentos, ideias que se chocam entre si e imagens incongruentes” – Richard Wilbur.

“A poesia dá mais prazer quando é entendida apenas geralmente e não perfeitamente” – Coleridge

“A poesia é um confronto de todo o ser com a realidade. É uma luta básica da alma, da mente e do corpo para compreender a vida; para trazer ordem ao caos ou aos fenômenos; e para criar, através da vontade e da compreensão, formas verbais comunicáveis, para deleite da humanidade” – Richard Eberhart

“O poeta deve estar sempre aventurando, experimentando coisas novas. Não se deseja o experimento pelo experimento certamente, no sentido do médico excêntrico cercado por retortas em seu laboratório, mas o poeta que está querendo arriscar tudo e jogar em causas mais elevadas. O poeta deve estar constantemente explorando, entrando em seu limbo” – William J. Smith.

Eu, particularmente, acredito que a poesia tem de ter um caráter universal para permanecer. Ela deve estar acima da política e das ideologias. Ela tem de apresentar os valores comuns a todos os homens, independente de época; como disse Baudelaire: “a poesia é a distância reencontrada” e a esta definição acrescento que a poesia é a soma de todas as fases da vida, com suas descobertas, vivências e valores que transformam a criança de hoje no adulto de

amanhã. O poeta tem de dominar as palavras e com elas adestrar suas emoções, pois como disse João Cabral a poesia é “laboratório da linguagem”. O poeta é o artista/criador capaz de captar a poesia presente no andar de uma mulher, no voo de um pássaro, nos elementos da natureza e transmitir toda a felicidade e a beleza que a vida nos oferece.

Segundo Ezra Pound, para quem “o mau crítico se identifica facilmente quando começa a discutir o poeta e não o poema”, há três modalidades de poesia: “1) **Melopeia**, onde as palavras são impregnadas de uma propriedade musical (som e ritmo) que orienta o seu significado (exemplos encontrados em Homero, Arnaut Daniel e nos provençais); 2) **Fanhoseia**, um lance de imagens sobre a imaginação visual (os chineses atingiram o máximo de fanhoseia, devido talvez à natureza do ideograma); 3) **Logopeia**, a dança, que trabalha no domínio específico das manifestações verbais e não se pode conter em música ou em plástica (Propértio, Laforgue)”.

Em síntese, afirmo, a poesia pode ser feita sem rima e métrica, pois as fórmulas foram abolidas desde o modernismo. Mas o poeta pode rimar sem metrificar. Ele pode criar em versos livres e sem formas fixas, transformando o espírito poético, pois o impulso poético existe independente de rima e métrica. O poeta deve provocar o leitor fazendo com que ele encontre, no fundo de sua alma, o sentimento perdido, a sensibilidade embrutecida, fazendo-os aflorar, despertando lembranças e desejos. Se isso acontece, creio, o poeta deixou de ser aquele ser que produz solitariamente, aquele ser hermético cujo fruto só está ao alcance de uns poucos leitores.

E isso tudo fazem os 19 poetas reunidos neste livro. Abrindo a antologia, em versos soltos pinçados, **Ana Moreira** encanta quando canta: “Foi o teu riso que reascendeu tudo”; “As pobres noites sem estrelas...”; ou quando desiludida confessa “Ah...se eu pudesse ser um rio”. Os versos de **Ana Paula Fanon** também são fortes: “A poesia é a revelação humana”; “Um rio desorientado/sem saber onde desaguar as cicatrizes do tempo”. **Antônio José**

Sanches: “Abro eu próprio as trilhas/ com as ferramentas minhas/ e percorro muitas milhas/ afastando ervas daninhas.” **Bohumila Araújo** produz micro poemas: “Sete estrelas na lagoa/sete estrelas no céu/escuro demais para escrever um poema”. **Maria Cecília de Paula Silva**, professora e socióloga, apresenta uma poesia com marcas culturais, frutos de suas impressões de viagens. De **Cícero Daniel Campos** destaco o quase-hai-kai: “Hoje é garça-paisagem/ sorvendo a gota da vida/num corpo que é dura estiagem”. Já de **Débora Acácio** são marcantes os versos “Longe é um lugar onde a esperança/ nos dá a certeza de que é perto chegar”. De **Durval Kraychete** destaco os versos: “Se não há desejo/ se não há impulso/ se não objeto/ se não há mais nada.../ resta o corte em silêncio”.

Do professor **Fabício Soares**, destaco os versos de cunho ambientalistas: “Não me calo em meu recanto/ não é nem ciência nem fé/ não é só acaso nem somente intenção/ não precisa explicação/ o que nos faz amar as Dunas do Abaeté”. Do jornalista e organizador desta coletânea, **Ivan de Almeida**: “É preciso cantar/ Chorar/ Talvez... um choro de renascença”. **Jairo Pinto** canta “Engula o choro/enxugue as lágrimas/não rascunhe aquele olhar de despedida”. **Juraci Tavares** está presente com suas letras musicais. **Luiz Menezes de Miranda** declara “Eu me escrevo eu me rascunho/eu sou esboçado, mas avesso/eu me tento e me atrevo/eu me copio eu sou debuxo”. **Malu Ferreira** devaneia: “Tu és como o vento/sou folha flutuante”. **Morgana Gazel**, que é matemática, também foi tocada pela poesia: “Estou aqui/enlouquecida, ferida/a ferir quem passa por mim”. **Noêmia Duque**, cantora e compositora, se apresenta com versos como: “Cogito/Resisto/Registro/Agito/Insisto!” **Patrícia Dantas** lança “Questionar-se leva tempo/e as repostas/como o vento/arregaçam a vida”. **Sara Regina** também se questiona: “o que eu quero? /É a textura da angustia/o que eu vejo/é a linha da amargura”. E encerrando a coletânea encontramos o historiador **Sérgio Guerra**: “O meu coração é um terreno/baldio constante/ por mais que plante novas emoções/ estará sempre disponível, /vazio e aberto/ para novas e livres evoluções”.

Segundo Baudelaire “a poesia se alia às artes da pintura, da cozinha e da cosmética pela possibilidade de exprimir toda sensação de suavidade ou de amargor, de beatitude ou de horror pelo cruzamento de tal substantivo com tal adjetivo, análogo ou contrário”. Assim sendo gostaria de encerrar esta apresentação com um poema de minha autoria, com o qual saúdo os poetas que integram a antologia *FOCUS VII* e que talvez complemente os conceitos aqui apresentados, servindo também de orientação aos leitores:

TEORIA E PRÁTICA

A teoria poética
fala da tonicidade
e sonoridade
da rima.
Na criação genética
o poema não tem sexo,
mas a rima tem gênero,
podendo ser masculina,
quando entre palavras oxítonas,
ou feminina,
quando paroxítonas.
As vogais e consoantes,
na sonoridade
passam a ser importantes
quando na semelhança
produzem perfeita identidade
dos sons. A rima imperfeita
acontece entre vogais finais
registrando diferença
na grafia das palavras,
garimpadas e lavradas.
No poema, embutidos,
também estão os valores da rima.
Na rima poética
encontram-se valores das classes gramaticais:
Rima pobre nasce
dentro de uma mesma classe.

Na mistura das classes
gramaticais a rima rica acontece.
Ao poeta garimpeiro,
que a rara rima persegue,
compete seguir a própria estrela
com o objetivo de obtê-la,
não como raridade,
mas como uma preciosidade.

(Extraído do livro *Essência Poética*, publicado pela GRD Edições, 2011)

Salve os poeta da antologia *FOCUS VII*. Que sejam lidos e admirados!

Salvador, Primavera de 2012.

CONFISSÕES LÍRICAS¹² (A POESIA DE TADEU CRUZ)

Ao apresentar seu próprio romance, *Vila dos Confins*, a escritora Rachel de Queiroz afirmou: “Não acredito em prefácios e não gosto de prefácios. Se o livro é ruim, o prefácio não adianta, e se o livro é bom, o prefácio é uma excrescência.” A afirmativa de Rachel é forte e ao mesmo tempo nos remete a refletir as razões pelas quais os prefácios continuam sendo escritos e porque são necessários e solicitados. A lógica discursiva poderia levar esta questão muito longe e, com certeza, a um patamar que não acrescentaria absolutamente nada ao conteúdo deste livro de Tadeu Cruz, que por si só, pelo homem que ele é, pelo que construiu ao longo de sua vida, suas vivências, realizações e decepções, o transformam num ser especial, capaz de lidar com altas tecnologias e ao mesmo tempo se revelar como um homem que sabe expressar seus sentimentos básicos, tais como alegria, raiva, medo, tristeza, nojo, surpresa e desprezo, por meio de poemas fortes como os que aqui estão reunidos.

Conheço o poeta Tadeu Cruz desde a adolescência, quando nos idos de 1960, juntamente com Ivan Dórea Soares lançamos a revista *Experimental* de poesias. A partir de então o poeta enveredou pelo campo profissional, diplomando-se em Filosofia e em Administração, especializando-se em Tecnologia da Informação e concluindo um Mestrado em Engenharia da Produção.

[12] Prefácio escrito para o livro de poemas de Tadeu Cruz intitulado *Nêga*, que se encontra no prelo.

Passou a ser, como autor de 25 livros técnicos, pesquisador e professor, uma referência profissional em Tecnologia da Informação e em Qualidade e Desenvolvimento Organizacional. Como criador da Metodologia DOMP, para mapeamentos, análises, modelagem, implantação e gerenciamento de processos e negócios, utilizada por várias empresas, ele acabou viajando pelo mundo, visitando, entre outros, países como a Alemanha, Argentina, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália e México ministrando cursos e prestando consultorias empresariais. Apesar do sucesso na área da tecnologia, dos softwares e dos sistemas de produção, Tadeu Cruz continuou ligado à literatura, produzindo cinco livros de poesias e um de contos, provando que sua veia poética e romântica não havia sido embrutecida pelos sistemas de gestão do conhecimento, de pessoas e de processos de qualidade. E a prova de que o poeta continua vivo, cantando e expressando seus sentimentos, é este novo livro, intitulado simplesmente *Néga*, no qual reúne mais de uma centena de poemas de amor produzidos no período de 2010 e 2013. O livro está dividido em três partes: Amores, Maria Clara e Belinha.

Os poemas de Tadeu Cruz apresentam uma carga simbólica e filosófica muito forte, apresentando uma linguagem plástica e emocional, demonstrando, como disse Ariano Suassuna, que “não existe diferença entre a literatura e a vida.” A poesia foi o caminho que Tadeu encontrou para registrar períodos de sua própria vida e sentimentos. Inúmeros são os processos e técnicas de produção poética e quanto a esses métodos e escolhas também são inúmeras as tendências e preconceitos, por parte de muitos. Não me cabe o papel de esclarecer, definir ou justificar qual o melhor método de criação poética. Cabe-me, sim, como prefaciador, o papel de destacar a força e sobriedade imagética e de como os poemas foram criados, de maneira simples e direta, dando unidade a este livro.

Tadeu Cruz não se prende às formas fixas, nem a técnicas específicas. Ele procura dar o seu recado, registrando o seu tempo

emocional, seus sentimentos e suas vivências durante o período de quatro anos quando todos os poemas aqui reunidos foram criados. Ao ler esta coletânea, constata-se que o autor não teve a pretensão de marcar divisas e fronteiras estéticas com os poemas deste livro, no qual o poeta consegue transmitir, como poucos, suas mensagens sentimentais, todas construídas em versos livres.

Os poemas deste livro ganham força porque Tadeu Cruz tem o que dizer e suas mensagens brotam do interior do coração dele. Ele consegue transmitir em versos o que mexeu com seu imaginário, com suas emoções, com suas ideias e lembranças sentimentais. A expressão poética contida em *Nêga* se confunde com o próprio autor.

Tadeu não coloca limites entre os seus próprios sentimentos e os poemas criados a partir de suas alegrias e sofrimentos, estabelecendo uma relação direta entre eles, numa forma verdadeira de se confessar, cantando seus amores ou chorando suas mágoas em versos vigorosos e corajosos. Em outras palavras, pode-se dizer, o poeta mergulhou em seus próprios sentimentos, registrando o tamanho de seu amor, de sua dor, de sua paixão, exorcizando seus pecados ao expor verdades íntimas em versos que buscam a essência dos sentimentos. Ele é um poeta moderno que sabe utilizar as ferramentas tecnológicas e terminologias atuais, como Internet, Celular e WhatsApp, para ilustrar o sentimento do amor. Ele sabe ser sincero, amante sofredor e melancólico. Referindo-se à amada, declara que ela “tem a cor que o pecado gosta” ou apresentando conceitos como “amar é fome/ que se alimenta/ de presença”. Ele também sabe ser surrealista:

Você
que como
luz da manhã
vem refletida em cada
gota de orvalho
que recolho

e guardo
nas madrugadas
para durante o dia
beber.

Ao escrever um prefácio para um dos livros de Daniel Rocha, Ruy Guerra afirmou que “a poesia é um espasmo. O que a arte tem de maravilhosa – ousaria dizer sem buscar definir – é a sua total inutilidade. Não mata a fome, não mitiga a sede, não protege do frio e do vento. Nada é tão inútil como a poesia – daí a sua grandeza. É a mais inútil e a mais transformadora manifestação do ser humano”. Por sua vez, o poeta Manuel Bandeira diz que “poeta é quem inventa”. Assim sendo, este livro apresenta a grandeza falada por Ruy Guerra e apresenta um poeta imaginado por Bandeira. Convido os leitores deste livro, a sentir o estilo criativo de Tadeu Cruz e constatar o talento dele em definir sentimentos, como o faz nos versos a seguir:

Tristeza profunda
é ir a qualquer lugar
sem sair do lugar
sem nunca chegar
é dormir sem sonhar
sem ter que acordar
é morrer
sem precisar morrer.

Em síntese pode-se dizer que este livro reúne qualidade e lirismo. A poesia de Tadeu Cruz flui como uma confissão, um relato de um grande amor, de paixões arrebatadoras e expressa os vários sentimentos humanos. Tadeu Cruz é um poeta capaz de expressar, em versos, os dilemas vividos intensamente entre paixões e amores, alegrias e dissabores, sem perder o lirismo e o dom que Deus lhe deu de inventar poemas, mesmo quando embriagado de amor, um sentimento que nunca que nunca está sozinho, pois se faz acompanhar de outros sentimentos. Quem ama, também sofre. Quem ama, fica cego, mudo e surdo. Neste livro, *Nêga*, pode-se sentir o

peso do sentimento expresso em cada verso, do amor sentido, da paixão vivida, da solidão, da decepção, do perdão e da ilusão.

Enfim, este é um livro forte que veio para ficar, encantar e seduzir seus leitores.

Salvador-BA, julho de 2016.

O SONHO DE UMA VIAGEM¹³ (LIVRO-REPORTAGEM DE JOSEMÁRIO F. LUNA)

Partindo de Juazeiro da Lordeza, passando por Casa Nova da nobreza, Sento-Sé da fidalguia, Remanso da valentia, Pilão Arcade do cangaço, Xique-Xique dos bundões, Barra dos barões, Carinhonha bonitinha, Januária da carreira grande, São Romão da feitiçaria, até chegar em Pirapora, Josemário F. Luna teve a oportunidade de viver um dos meus sonhos de juventude: subir o Rio São Francisco da cidade de Propriá, em Sergipe, até sua nascente.

Viajar em um navio-gaiola pelas águas do Velho Chico foi um sonho que não concretizei, mas, lendo este livro-reportagem, *O Adeus do Velho Capitão: a última viagem do São Francisco*, cheio de sensibilidade, pude sentir e experimentar emoções, mescladas com sensações guardadas em minha memória, de um passeio turístico pelo Mississipi, em 1980, a bordo de um enorme navio-gaiola. A beleza natural retratada por Josemário Luna não pode ser comparada com o que apreciei nos Estados Unidos, preparada para agradar turistas.

Lendo as páginas deste livro lamento não ter feito esta viagem (Juazeiro-Pirapora), mas fico satisfeito por ter lido este fiel relato jornalístico, com texto tecido na observação do dia-a-dia, no ócio da viagem lenta, mas que proporcionou ao autor do livro a oportunidade ímpar de assistir, por exemplo, do meio do rio, o nascer

[13] Prefácio escrito para o livro *O adeus do velho capitão: a última viagem do São Francisco*, de autoria do jornalista Josemário F. Luna e publicado no ano de 1996, em Salvador, pela Editora Pórtico.

mais belo e o mais belo pôr-do-sol todos os dias em que estive a bordo do navio-gaiola.

Esta viagem-experiência, vivida por Josemário, vai acompanhá-lo pelo resto da vida, pois se ele não pôde ver o Nêgo d'Água, pelo menos viu de perto os pontos mais famosos do rio, tais como **Pedra do Nome Feio** (na entrada de Curralinho), **Tabaqueiro Bordado** (porto famoso), **Mocambo dos Ventos** (porto próximo a Icatu), **Ressaquinha** (corredeira localizada entre Manga e Carinhanha) e **Curralinho** (trecho encachoeirado, acima de Sento-Sé).

Hoje não tem mais os **Ajoujos**, conjunto de canoas amarradas umas às outras, com cipós e couro cru, vapores, gaiolas, remeiros e vaporzeiros singrando o Velho Chico. Mas temos ainda o Rio, caudaloso, cheio de mistérios, que está morrendo devido à poluição e ao desmatamento.

Suas águas abençoadas, entretanto, continuam alimentando as populações ribeirinhas e são utilizadas em megaprojetos de irrigação, transformando os municípios que o margeiam em verdadeiros celeiros de frutas e cereais. Apesar disto, o rio não é ainda usado apropriadamente e suas potencialidades continuam à espera de decisões políticas.

Este livro de Josemário Luna vem de ser publicado em época oportuna, pois a navegabilidade do Rio São Francisco está voltando a ser debatida, como uma solução para o transporte da produção agropecuária da região. Que o livro seja a semente que faça germinar os projetos que viabilizem o rio como uma hidrovía e que os transportes de carga de passageiros voltem a ter a força que tiveram em décadas passadas sob a proteção do Nego d'Água.

Salvador, maio de 1996.

CRÔNICA DE VIAGEM¹⁴

(CUBA VISTA POR GUILHERME RADEL)

Uma grande crônica de viagem é como podemos classificar este belo, agradável e crítico livro de Guilherme Radel. Lendo *Cuba Libre* me transportei imediatamente para o palco onde o espetáculo estava acontecendo, com atores e direção diferentes, mas com o mesmo roteiro e pano de fundo, que recebeu pinceladas satíricas, de um homem maduro e viajado, e que se revela um grande observador, um detalhista. Enfim, um cronista e crítico social.

Coincidentemente, estivemos na maior ilha das Antilhas no mesmo período, ou seja, um pouco antes da visita do Papa, podendo observar por óticas diferentes a mesma Cuba, a mesma Havana, preparando-se para dar início ao seu processo de abertura maior para o mundo, sofrendo exatamente por isso todas as implicações sociais, culturais, políticas e econômicas frente às decisões internas e externas. Pudemos sentir e ver o choque da mudança e as tentativas de querer preservar as conquistas sociais alcançadas principalmente nos setores da educação e da saúde. Entretanto, não tivemos a oportunidade de nos encontrar na Molecón, na Floridita ou nas ruas estreitas de La Habana Vieja, saboreando um “Cuba” ou um “Mojito”, tão apreciado por Hemingway.

Com interesses e pontos de vista, muitas vezes opostos, percorremos os mesmos lugares, percebendo a Ilha de maneira diver-

[14] Prefácio publicado no livro *Cuba Libre*, de autoria de Guilherme Radel, no ano de 1998 pela Editora Memorial das Letras.

sa, como também em muitos pontos de modo semelhante. Independente do ponto de vista, o estilo de cronista nato de Guilherme Radel transforma a leitura deste livro num agradável momento de prazer, levando o leitor a refletir sobre, por exemplo, o que poderá ocorrer com a Ilha e com o seu simpático povo sob a influência e o processo avassalador da globalização.

Neste livro, como dissemos, o autor revela-se um cronista nato e como tal registrou sua viagem a Cuba em alto estilo, cheio de humor e crítica nas entrelinhas, sem descuidar-se dos fatos históricos que contribuíram para a formação deste povo, cujo maior herói é José Martí. Não se trata de um trabalho de sociologia, de história ou de economia, mas que consegue retratar, num *flash*, um momento contemporâneo de Cuba, sempre buscando contextualizá-lo dentro da história geopolítica do país. O momento contemporâneo é apresentado cheio de aspirações, contradições, sonhos e também de alguns pesadelos. Os fatos históricos são contados muitas vezes em função dos monumentos e construções antigas, mesclando-os com um pouco da história política, demonstrando o autor um grande conhecimento dos fatos que inclusive determinaram os destinos da Ilha.

Enfim, como disse certa feita um acadêmico americano, quando se viaja por um país latino-americano durante um mês, escreve-se um livro. Se morarmos um ano no mesmo país, talvez se possa escrever um artigo. Residindo no país por mais de um ano, antes de se escrever qualquer coisa, muita pesquisa e conhecimento do contexto histórico-político-sócio-econômico e cultural do país será necessário para se chegar a alguma conclusão. Entretanto, crônica é crônica, não é tratado socioeconômico e o que vale são as impressões pitorescas do primeiro momento. E, vale ressaltar, viajar pela Cubana é uma experiência realmente fantástica e conhecer Cuba e a história que se pode aprender a partir de seus velhos e belos prédios coloniais, vale a pena.

Guilherme Radel consegue, com este livro, dar uma boa contribuição para aqueles que pretendem conhecer um pouco sobre a história e o povo cubano e visitar a Ilha que quer se transformar no paraíso turístico das Antilhas. Enfim, este é um livro para ser lido, tomando um “Cuba Libre” ou um refrescante “Mojito”, na esperança de que o povo cubano consiga atingir o sonho da abertura, sem perder as conquistas sociais de que tanto se orgulha.

Salvador, 1998

CRÔNICAS DE UM TEMPO¹⁵ (A JANELA PANORÂMICA DE NOLA ARAÚJO)

Reúne-se neste livro mais de uma centena de crônicas de Nola Araújo. A maioria delas teve a satisfação de ler e publicar, em primeira mão, no suplemento *A Tarde Municípios*, do jornal *A Tarde*, ao longo dos últimos 15 anos. Individualmente, cada uma delas teve um momento e um motivo próprio de criação e uma justificativa para publicação. Quando juntas, porém, revelam uma unidade como se tudo fosse “uma grande história adornada de episódios”.

Utilizando-se de uma ferramenta especial, sua prodigiosa memória, Tia Nola, como costume chamá-la – tornando-me um súdito e admirador da leveza com que se transporta no espaço e no tempo –, consegue transmitir suaves lembranças guardadas no fundo de sua alma ou decifrar, para os seus leitores, os sons que um dia ouviu, reconstruindo, com lembranças, a realidade de tempos idos. Este trabalho de reconstrução é tão perfeito que ela consegue reproduzir imagens, personagens e cenários, com os mesmos detalhes de quem, usando um pincel ou uma máquina fotográfica, registra a cena que realmente vê.

O mundo das atenções de tia Nola gira em torno de Cachoeira, a cidade heroica, fonte permanente de inspiração. Como cronista, revela-se uma observadora consciente do cotidiano, pois

[15] Este prefácio foi escrito para o livro *Crônicas de um tempo*, de Nola Araújo. O volume foi publicado pela Edições Ianamá, no ano 2000. As crônicas foram escritas e publicadas no jornal num período em que a autora já estava com mais de 80 anos de idade.

reconstrói o seu tempo vivido, com todos os aromas e pontos de vista de épocas diferentes, traduzindo para o leitor o esplendor e as cores das estações; os costumes e experiências de sua infância, da adolescência e da vida adulta, além de nos brindar com as reflexões da envelhescência. Os sons, guardados em sua memória, são reproduzidos com todo o encanto, elegância e visão de quem sabe das coisas, de quem soube trilhar o caminho da sabedoria. Com simplicidade ela escreve como quem conversa, como quem está narrando uma estória cheia de lembranças, cheia de detalhes.

É de se admirar, em tia Nola, a disposição com que escreve, permitindo ao leitor participar de seus devaneios, ora iluminados pela luz avermelhada dos velhos lampiões de Cachoeira, ou sob o som ritmado do marolar das águas do Rio Paraguaçu. Seus pensamentos, ensinamentos e reflexões, junto à reconstituição histórica de um tempo passado, se constituem numa verdadeira contribuição ao estudo da evolução dos costumes sociais.

Entre muitas outras coisas, ela destaca a importância de uma janela aberta para a rua como se fosse um verdadeiro elo de comunicação com a vida lá fora. A janela já foi um símbolo usado pelas jovens até para dar o aceite ao pedido de namoro ou para negá-lo, ao fechá-la sob os olhares e suspiros decepcionados dos pretendentes rejeitados. É interessante saber como a janela de uma casa pode ter sido importante nos relacionamentos pessoais e que tipos de interferências pode ter causado na vida de uma cidade interiorana, pois “quando se debruça em janela, é como se fora sobre um pequeno mundo”.

Usando sua memória como uma poção mágica e a caneta como uma varinha de condão, tia Nola consegue reproduzir, nas páginas deste livro, o perfume das flores e das frutas, a ansiedade e a inocência, concluindo sempre com uma reflexão madura. Sem dúvida, este é um livro também de conteúdo sociológico. É um livro que pode ser classificado como de prosa-poética, pois, na verdade, é uma poesia em forma de prosa.

Com extrema sensibilidade e um estilo bem próprio, cultivado e cuidadoso, tia Nola nos faz passear por Cachoeira, permitindo-nos assistir, nas entrelinhas de suas crônicas, às cenas bucólicas que ela presenciou do parapeito de sua janela, de onde desfrutava de uma vista privilegiada para o palco dos acontecimentos. Ao passar cada página é como se dobrássemos uma nova esquina, encontrando sempre uma nova surpresa, sempre grata, sob o manto prateado da lua cheia ou da luz furtiva dos candelabros de antigamente.

A leitura deste doce livro nos permite sentir o palpitar e as emoções desta cronista. Nos permite ainda assistir a um verdadeiro desfile de personagens, cenas e imagens fantasticamente lembradas e que nos são transmitidas com clareza e precisão, principalmente quando a autora se deixa levar pelos seus próprios devaneios, nos transportando também, ou quando passa a filosofar, com sabedoria, nos transmitindo ensinamentos de vida e a experiência de quem já viveu quase um século.

Crônicas de um tempo é um depoimento de vida. É um exemplo de disciplina. É um estímulo e um convite aos leitores para que também escrevam sobre suas lembranças, transmitindo emoções, paixões, histórias e registrando o tempo, pois, como tia Nola mesmo diz, recordar é viver duas vezes.

Salvador, Primavera de 1999

ENCANTADOS DA BAHIA¹⁶ (CONTOS DE EVERSON NASCIMENTO CÂMARA)

Durante as décadas de 70 e 80 do século passado, o Colégio Alípio Franca, em Salvador, exerceu sob o comando do professor Hermano Gouveia Neto, um papel muito importante na divulgação da literatura e no ato de estimular o hábito da leitura entre os jovens. Ele fazia isso como uma obrigação por meio da SELIBA – Semana do Livro Baiano, promovendo exposição de livros e palestras de autores que eram entrevistados por seus alunos. Estimulava os jovens a comparecer a lançamento de livros e a palestras, além de convidar autores, renomados ou não, para longos bate-papos com seus alunos. A SELIBA foi um movimento fantástico e muitas semanas literárias foram plantadas e, com toda certeza, germinadas.

Apesar de não ter conhecido o professor Hermano, Everson Nascimento Câmara, autor deste livro, **Contos dos Encantados da Bahia**, estudou contabilidade no Alípio Franca e, talvez por encanto, a magia dos livros e dos sonhos divulgados naquela escola tenham contribuído para conduzi-lo à literatura.

Desde a adolescência vem escrevendo e tentando ocupar um espaço na literatura baiana, publicando artigos e crônicas na imprensa. Em 1999 concluiu o romance *O Apogeu* que permanece inédito. Agora surge com uma coletânea de cinco contos (*A mulher do santo, Peripécias de um Orixá mal-entendido, Cantos de uma lin-*

[16] Prefácio solicitado para o livro **Contos dos Encantados da Bahia**, de autoria de Everson Nascimento Câmara.

da sereia, *Uma forte história de amor* e *O Dono do ouro*) que vem a público em forma de livro, no qual, procura resgatar a cultura afro-baiana, além de valorizar todo o seu encanto e magia.

Os Orixás, as divindades dos cultos iorubas, são a fonte de inspiração de Everson Câmara. A riqueza de figuras, sentidos e encantamentos oferecidos pelo Candomblé são a base da criação deste contista que além de valorizar a baianidade, usando uma linguagem simples e direta, com enredo rico e dinâmico, consegue esclarecer, apesar de não ser o seu objetivo, a influência dos Orixás no dia-a-dia das pessoas.

Conhecedor do papel de Olorum, o deus supremo, e de que cada Orixá está diretamente relacionado com um fenômeno da natureza, com atividades e aspectos da personalidade humana, o autor elabora suas histórias e constrói seus personagens a partir das pesquisas que realizou. Apesar de ser, como ele mesmo se diz, católico praticante, encontrou no Candomblé um farto material que lhe inspirou e, graças aos Orixás (Exu – o mensageiro dos deuses, Iemanjá – a deusa do mar, Iansã – a rainha dos ventos e das tempestades, Ogum – deus do ferro e das guerras, e Xangô - o deus da força, marido de Iansã, Oxum e Oba) temos a oportunidade de poder, agora, ler estes belos contos encantados, cheios da magia e da malícia baiana.

Professor Everson Nascimento Câmara seja bem-vindo ao círculo dos escritores e que suas pesquisas continuem inspirando outros contos, tão belos quanto estes para deleite de seus leitores.

Salvador, 2003.

ENTRE O MITO E A REALIDADE¹⁷ (RENATO BANDEIRA E A BUSCA DO ELO PERDIDO)

Na sabedoria popular oriental tem um ditado que diz: “seja persistente em suas loucuras que um dia você será considerado o gênio delas”. Acredito que Renato Luís Bandeira se enquadra perfeitamente dentro desta perspectiva. Há mais de 30 anos que este historiador e arqueólogo baiano vem realizando pesquisas documentais e de campo em busca da “Cidade Perdida” no território baiano. Realiza uma pesquisa instigante.

Parte dos resultados ele nos apresenta neste livro *O Enigma de uma Civilização perdida no Sertão da Bahia*. Inúmeros são os fatos curiosos e históricos que apontam para a constatação de uma civilização pré-colombiana em solo brasileiro. As evidências apontam para isto, mas ainda há muitas dúvidas que pairam entre o mito e a realidade, que se confundem e dificultam o esclarecimento e a busca da verdade.

Renato Bandeira busca encontrar as provas definitivas e localizar este “elo perdido” com o objetivo de esclarecer se as culturas pré-colombianas encontradas nas Américas são ou não meros remanescentes de uma civilização ainda maior, a Atlântida, o continente perdido. Ele nos fala, neste livro, do manuscrito dos bandeirantes de 1753, que descreve em detalhes as ruínas da “Cidade Perdida” nos sertões da Bahia, que se constituiriam em um sítio

[17] Texto escrito para o livro *O enigma de uma civilização pedida no sertão da Bahia*, publicado pela Angel Editora, em 2004.

pré-colombiano. As ruínas de um antigo centro ritualístico ou santuário de Palmas de Monte Alto foram constatadas por Theodoro Sampaio e confirmadas pelo professor Luiz Galdino.

O resgate histórico desta incessante busca é apresentado neste livro de leitura fácil, agradável e curiosa. O relato do autor nos abre horizontes e levanta inúmeras dúvidas. Os monumentos encontrados no Brasil e em especial na Bahia são megalíticos? As inscrições rupestres, em fenício e em egípcio, contendo sinais hieróglifos, descobertas em todo o país servem ou não como prova de que uma civilização anterior viveu no Brasil?

A leitura deste livro, como disse, é instigante e como o próprio autor diz, “tudo não passa de um grande mosaico, um jogo de quebra-cabeça” e, exatamente por isso, toda peça faz parte de um todo em busca da verdade. Bandeira persegue esta verdade com vontade de encontrá-la e este livro é o registro de algumas destas peças do jogo.

Salvador, 2003.

HOMENS QUE FIZERAM HISTÓRIA¹⁸ (PERFIS FEIRENSES POR LÉLIA FERNANDES DE OLIVEIRA)

Trabalhando com material biográfico, documentos inéditos, currículos e depoimentos como fontes, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira nos apresenta, neste volume intitulado *Homens que fizeram história*, um resumo biográfico de pessoas que ajudaram ou ainda ajudam a construir a história de Feira de Santana. Trata-se de uma contribuição importante, pois passa automaticamente a ser classificada como uma obra de referência, obra de consulta obrigatória para todos que estejam interessados em saber algo sobre a formação histórica deste município.

Não se trata de um trabalho biográfico exaustivo, mas este livro apresenta uma síntese biográfica dos principais personagens, que a partir de suas respectivas áreas profissionais, tiveram ou ainda têm uma participação socioeconômica, política e cultural muito expressiva na formação dos destinos deste município. A autora consegue mostrar isso detalhando a intervenção pessoal direta de cada um, listando o trabalho desempenhado em benefício da coletividade. A participação digna do cidadão no processo histórico acaba se transformando em exemplo dentro e fora das fronteiras municipais. A história de uma nação, de um Estado ou de município é escrita pelos homens. A vida deles, a história de cada um, é parte da história do todo, do município.

[18] Prefácio do livro *Homens que fizeram história*, de autoria de Lélia Fernandes, publicado em Feira de Santana, Bahia, no ano de 2004.

A arte da biografia, como todo gênero literário, apresenta-se sob diversas formas e expressão. A biografia seria o relato da vida de uma personalidade a partir de um ponto de vista crítico e não apenas historiográfico. Escrever memórias significa relatar o que se recorda tanto de sua própria vida como dos acontecimentos que a marcaram. O memorialista é, em síntese, um autobiógrafo e seu trabalho concentra interesse sobre ele próprio.

O trabalho apresentado neste livro foge, portanto, das definições clássicas de biografia ou memórias, mas ao mesmo tempo se constitui num esforço louvável de reunir um resumo biográfico de homens que exercem ou exerceram sua cidadania, em toda a sua plenitude, na construção de uma realidade concreta: Fazer a história de uma cidade, de um município.

Este livro também resgata a importância e a participação, direta e indireta, de nomes que não são conhecidos das novas gerações e que foram importantes no processo de formação do sentimento de Ser Feirense, um sertanejo forte, determinado e com o claro sentido de que só a união constrói. Assim, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira também contribui para refrescar a memória de todos, trazendo à luz nomes de homens que fizeram e indicando outros que ainda estão fazendo, no dia-a-dia, a história de Feira de Santana.

Um povo sem memória é um povo sem cultura, sem história. E aqui, neste livro, se preserva a memória, se faz a história e se reconhece o trabalho de quem fez e faz a história.

Salvador, 2004

CONTADOR DE CAUSOS¹⁹ (JOÃO JOSÉ DE OLIVEIRA, SEO NENENZINHO)

João José de Oliveira, mais conhecido como seo Nenenzinho, é a experiência de vida em pessoa. Sua história de vida, por si só, merece uma História com “H” maiúsculo, devido à vivência, ao exemplo destemido de homem empreendedor, pai de família, sabedor das coisas da vida, dos homens e dos bichos, conhecedor das dificuldades da vida, da vida de pobre e da vida de rico. Mesmo assim, em sua simplicidade, ele tenta negar isso quando afirma que “assisti e aprendi de tudo da vida de pobre. Falta aprender algo da vida de rico”.

Isto não é verdadeiro por inteiro, pois quem tem uma esposa como dona Mariá e a admiração e o carinho dos filhos e dos amigos como ele tem, não pode dizer que não conhece nada da vida de rico. Como toda mentira tem perna curta, todos podem identificar a sua riqueza. Ele é rico em espírito, rico em humor, rico em amor, rico em amigos, rico em ideias, rico em poder ajudar a quem precisa. Tudo isso transforma Nenenzinho em um homem especial, um homem mágico, que soube contribuir, a seu modo, tirando leite da pedra, para a construção de um mundo diferente, um mundo de bom senso, de companheirismo, de ajuda ao próximo e de realizações. Suas observações do dia a dia nos são repassadas, direta ou indiretamente, nos 40 causos que ele nos relata neste livro. Como

[19] Texto publicado na orelha do livro **Contando 40 contos**, de autoria de João José de Oliveira, no ano de 2009.

todo homem bem vivido ele também sabe filosofar: “o tempo deixa sempre a marca onde passa”; “o ciúme é uma prerrogativa de direito e zelo do homem”; “o faro, o ciúme e o amor ninguém consegue explicar”.

Quem pode desfrutar da proximidade e bater dois dedos de prosa com Nenenzinho, possuidor de memória extraordinária, pode se considerar uma pessoa privilegiada. Sempre bem-humorado, irônico, gozador e disposto a resolver problemas, ele é uma pessoa que agrada à primeira vista, à segunda e a outras tantas. O conheci, como prefeito de Valente, como pai de Aroldo, meu amigo, e devido ao meu trabalho como jornalista. Tive o privilégio de privar de dois dedos de prosa, sentir o humor e a ironia que correm em suas veias, de aprender com as observações que faz e nos conselhos que dá. Em diversos encontros, ouvi o relato de muitas historinhas e sempre disse: “o senhor precisa registrá-las por escrito e publicá-las como livro”. Anos se passaram e, agora, tenho o prazer de ler alguns dos causos que me foram contados. Vale salientar que muitos outros causos não foram aqui revelados, o que nos aponta para a esperança de que outro livro já pode estar na fornalha.

Neste livro, Nenenzinho resgata, registrando para a posteridade, parte de suas observações de vida, transmitidas na forma de causos. Ninguém se engana com ele, que é um bom exemplo em tudo o que fez, na vida pública ou privada. Quando presente em qualquer lugar, logo se forma um grupo ao seu redor, ouvindo-lhe as histórias, estas e outras que não integram esta coletânea. Como Oficial de Farmácia, prático de dentista, veterinário-prático e parteiro (de bicho e de gente), como produtor exemplar, como viajante percorrendo distâncias em lombo de burro e nas nuvens de fumaça dos trens de antigamente, Nenenzinho é um poço sem fundo de vivências e de historinhas. Em *Contando 40 Contos*, ele relata apenas parte deles para o deleite dos leitores, para a lembrança dos que o conhecem e já ouviram suas histórias, além dos

conselhos transmitidos. Ele pode fazer isso porque viveu, sofreu na pele e soube tirar lições da própria vida.

Considerando a multidão que compareceu à festa de 80 anos, de quem não gosta de fazer festa, “nem fumaça de fogo de bosta de boi” vai afastar seus admiradores e atrapalhar o sucesso a que este livro está fadado. Salve seo Nenenzinho! Salve seus causos e sua experiência de vida! Que seus 40 contos sejam lidos e recontados, contribuindo para que o baiano permaneça sendo o povo mais alegre e bem-humorado da face da terra.

Salvador, Verão de 2008.

REMINISCÊNCIAS E OUTROS CONTOS²⁰

(ALMIR OLIVEIRA,
CONTISTA DO TEMPO PRESENTE)

Reminiscências e outros contos, como o próprio título já antecipa, é um livro de contos do jornalista, escritor e historiador Almir Oliveira, um contista laureado, ganhador de vários concursos promovidos por este Brasil a fora. O conto, um gênero literário de difícil definição, é um texto ficcional completo, com um começo, meio e fim específico, apresentando um narrador, tempo e espaço, conflito, clímax e desfecho, contidos em um enredo com personagens bem retratados, através dos quais opiniões são repassados ao leitor.

Neste livro, Almir Oliveira – também autor de *Humberto de Campos – um exemplo de vida*, uma pesquisa histórico-literária – demonstra plena capacidade de expressão, usando as técnicas e procedimentos corretos para conseguir um resultado estético positivo em seus contos. Ele manipula as palavras, adequando-as à linguagem literária, ambientando as situações e costumes, criando assim com seu estilo individual, uma obra única. A estrutura narrativa utilizada por Almir Oliveira, relatando enredos, imaginários ou não, ambientados em tempo e lugar, envolvendo uma ou mais personagens, enquadra-se perfeitamente no que os críticos literários classificam como conto.

[20] O livro para o qual este prefácio foi escrito ainda não foi publicado.

O que é um conto? Qual a origem do termo? A etimologia nos ajuda a entender a palavra conto, que tem origem no ato de contar, proveniente do latim *computare*, que significa enumerar objetos e que com o tempo evoluiu para a enumeração dos acontecimentos. Dentre tantas outras possibilidades, há também a que aponta a palavra latina *commentum*, que significa invenção, ficção, como possibilidades da origem da palavra conto. Acredito que não seja necessária uma investigação mais profunda, pois as duas palavras latinas (*computare* e *commentum*) se adequam perfeitamente ao que desejamos expressar sobre o que é o conto e o quanto os textos de Almir Oliveira se enquadram nesta perspectiva.

Mallarmé já dizia que a literatura é construída de palavras e conteúdos diretos e próprios. Lendo os contos reunidos neste livro, podemos afirmar que apesar de possuir um estilo próprio, intransferível, Almir Oliveira é uma prova de que o autor não pode existir isoladamente no mundo e exatamente por isso seus textos estão condicionados ao contexto cultural de nosso tempo, uma sociedade em transformação, com todos os conflitos pessoais, sociais e de valores éticos, religiosos e raciais. Os contos de Almir são reflexões sobre as questões de vida, tenham elas ou não um caráter existencial, um cunho humorístico ou um fundo psicológico, alegórico ou sócio-documental. Em síntese, são contos de nossa época, época de vida do contista, que se esmera em produzir obras do tempo presente.

Devo admitir que o ato de ser convidado a escrever um prefácio é sempre uma honrosa distinção, um reconhecimento para aquele que o faz. Ser convidado para escrever especificamente este prefácio do livro de Almir Oliveira foi uma tarefa instigante que me obrigou a assumir um olhar crítico e perspicaz, que me permitisse emitir uma opinião isenta e sincera sobre o conteúdo do livro. Tecnicamente, um prefácio deve apresentar um resumo do conteúdo do livro, o que não se aplica neste caso, pois cada conto é uma obra única.

Normalmente, um prefácio contém as impressões de quem leu a obra, os originais, em primeira mão, antes de ser formatado, normatizado e ganhar forma de livro com capa e acabamento gráfico que valorize o conteúdo e atraia os leitores a partir das vitrines das livrarias. Assim sendo, o livro *Reminiscências e outros contos*, como um todo, me agradou como leitor e acredito que vai satisfazer também a outros leitores, mesmo aqueles que se classificam como exigentes, pois a narrativa de Almir Oliveira é envolvente e objetiva, apresentando a clareza como principal qualidade de seu estilo. Naturalmente que gostei mais de um do que outro dos contos desta coletânea, dentre os quais destaco dois: “Reminiscências” e “Indiferença e Esperança”,

Cabe ainda ao prefaciador falar do prefaciado, o que neste caso é muito fácil, pois o autor é jornalista atuante no campo da assessoria de comunicação; é sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, do qual é secretário adjunto para a gestão do biênio 2010/2011; e, membro efetivo e presidente da Academia de Letras do Recôncavo (ALER) desde sua instalação. Almir Oliveira é ainda membro do Instituto Genealógico da Bahia, autor de outros livros e de inúmeros contos, com os quais obteve 13 premiações nacionais.

Concluindo, devo dizer que este livro veio para ficar e merece ser lido por todos.

Salve o contista que retrata o tempo presente, sua época de vida, com estilo, clareza e simplicidade.

Salve Almir Oliveira!

Salvador, maio de 2010.

NARRATIVAS BEM HUMORADAS²¹ (O CONTISTA JOSÉ ROBERTO DE SENA)

O autor deste livro, intitulado *Vissunagem*, José Roberto de Sena, nasceu em Barreiras, no Oeste da Bahia. Estudou na Escola Osvaldo Cruz, quando ainda em Barrerinhas, prosseguindo seus estudos no Antônio Geraldo, na Escola Polivalente de Barreiras, Colégio Batista e Padre Vieira. Coursou Letras na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, até o quinto semestre sendo levado a trancar sua matrícula por motivo de sobrevivência. Passou a trabalhar como jornalista, tendo criado o jornal mensal *Folha do Vale*, que continua circulando em Barreiras e na região do Oeste da Bahia. Trabalhou como repórter na sucursal da *Tribuna da Bahia* e foi chefe de reportagem da TV Oeste, afiliada da Rede Globo por cinco anos. Trabalhou também em emissoras de rádio da região e, atualmente, garante o pão de sua família – mulher e filha - trabalhando com marketing político que, segundo ele mesmo, “aprendi a fazer, fazendo”.

Como jornalista ou como marqueteiro José Roberto teve e continua tendo a oportunidade de viajar pela região do Oeste da Bahia, captando o imaginário popular e uma variedade de tipos interioranos que foram transformados em personagens de suas histórias. Ele diz ter abandonado o curso de Letras da UNEB por uma questão de sobrevivência e que pretende retomar os estudos. Entretanto, não abandonou a vontade de se dedicar à literatura

[21] O livro para o qual este prefácio foi escrito ainda não foi publicado.

e desde 1983, quando lançou seu primeiro livro de poemas, *Por Cresça que Parível*, seguido de outros três, também de poesias: *A viagem dos Versos* (1990), *A Asa da Palavra* (2003) e *A Lâmina de Cortar Silêncios* (2006), ele não parou mais e, agora, nos brinda com *Vissunagem*, um livro de crônicas e contos, além de possuir mais dois livros inéditos e sem data marcada de lançamento.

Apoiado nos falares e saberes do regionalismo baiano e com uma linguagem simples e comunicativa, José Roberto reúne, neste livro, parte de sua criação literária, um misto de crônicas e de contos, alguns dos quais já do conhecimento público, pois foram divulgados via Internet, por meio de blogs, permitindo-lhes uma visibilidade ilimitada e sem fronteiras. Com seu estilo agradável e bem-humorado, ele transporta o leitor para um mundo mágico, no qual a fantasia incorpora inúmeros personagens inseridos adequadamente em cada ambiente onde cada uma de suas histórias se desenrola.

Quando digo que aqui estão reunidos contos e crônicas, estou me baseando nas definições literárias. A crônica, quase sempre divulgada por jornais e revistas, é definida como sendo uma narrativa sem compromisso com as notícias factuais, apresentando um estilo livre literário isento de regras de estilo jornalístico, mas que possui estrutura semelhante à de um conto, tendo uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão, além do foco narrativo situar-se na primeira pessoa. A temática abordada é de livre escolha do autor sem qualquer interferência dos editores dos veículos, mas geralmente envolve questões do cotidiano. Uma crônica é uma narrativa que tem como eixo uma história, o que a aproxima do conto. Por sua vez, o conto é uma narrativa, em prosa, em tamanho menor do que uma novela ou um romance, mas que tem características próprias, tais como: concisão, precisão, densidade, tensão, ritmo, unidade, conflito, início, meio e fim.

Como o propósito deste prefácio não é discutir definições literárias, vale salientar que, sob meu ponto de vista de leigo – não sou

teórico literário –, neste livro de crônicas e contos, José Roberto consegue praticamente cobrir quase todos os tipos de crônicas previstas nas classificações teóricas deste gênero literário: humorística, poética, narrativa-descritiva, memorialista, dissertativa, descritiva, além de nos oferecer também algumas peças que podem perfeitamente ser classificadas como contos, verdadeiros “causos”.

As histórias são envolventes e bem concatenadas. Com uma boa dose de humor e sátira, José Roberto conduz o leitor a querer ler o livro de uma só sentada. Ele sabe trabalhar com as palavras, sem exageros e pedantismo. Destaco, neste espaço, que a crônica que mais me agradou, como leitor comum, foi “O peixe que caiu do céu”. Isso não significa que outras peças que integram este livro, a exemplo de “Entre o muro de mufada e a defesa do Flamengo”, “Galhardia” e “O Cheque”, além do conto “O vereador papa defunto”, não mereçam o mesmo destaque. Merecem sim! Aliás, o livro tem uma unidade no que diz respeito à técnica de narração do autor, além de apresentar uma variedade de personagens que participam do roteiro bem-humorado sobre situações, sobre a simplicidade do povo interiorano, seus costumes e percepções culturais.

Em síntese, podemos dizer que José Roberto de Sena é um narrador nato, que sabe contar uma história bem contada, que sabe prender a atenção do leitor e despertar emoções, quando relata cenas pitorescas, sem artificialismos.

Como disse Tolstói: “se queres ser universal, canta tua aldeia” e é exatamente isso o que José Roberto de Sena faz, quando situa seus personagens no contexto do ambiente socioeconômico, político e cultural do Oeste da Bahia. Este é um livro que, sem qualquer dúvida, será bem recebido pelo público leitor, tendo em vista que o autor sabe sorrir e como fazer os outros sorrirem. Espera-se que José Roberto de Sena continue sendo o observador atento, crítico e satírico que ele é e nos brinde com novas histórias e novos livros.

Salve o escritor José Roberto de Sena! Um escritor que não precisa de apresentações.

Salvador, Outono de 2010.

SEGUNDA PARTE

DIFUSÃO DA
PRODUÇÃO
COMUNICACIONAL

A TELEVISÃO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO²²

(COLEÇÃO GT'S INTERCOM Nº 9)

Durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação –, no período de 3 a 7 de setembro de 1997, na cidade de Santos, o Grupo de Trabalho de Televisão reuniu-se pela quarta vez consciente dos novos desafios tecnológicos e das tendências da globalização versus regionalização. Tendo isto como meta buscou-se dar prioridade a temas que abordassem essas tendências, resultando na apresentação de oito trabalhos, que apesar de independentes entre si estão vinculados não apenas pelo veículo televisão, comum a todos, mas também pela interdependência entre os temas.

Uma verdadeira revolução está se processando, neste fim de século, em todos os setores da atividade humana. A década de noventa está sendo identificada como a década das transformações geopolíticas e socioeconômicas e da reestruturação institucional dos valores culturais, ideológicos e religiosos. Os conceitos de nação, de estado, de controle social e de liberdade também estão sob transformação.

Apesar de continuarem existindo, as fronteiras já não fazem sentido para as empresas, bancos e homens de negócios. O planeta está se tornando um só por conta desta revolução irreversível, um fenômeno, a que se dá o nome de globalização.

[22] Prefácio publicado no livro *A televisão na era da globalização*, editado pela Editora Ianamá (Salvador) e pela Intercom (São Paulo), no ano de 1999.

É difícil se definir a globalização e a literatura existente é, às vezes, até contraditória. Alguns estudiosos negam a realidade da globalização e existe muito pouca concordância, em nível conceitual, sobre o que é realmente a Globalização. O termo, em si, sugere que as atividades políticas, econômicas e sociais estão se transformando em escala mundial, como um fenômeno universal que atinge, ao mesmo tempo e por igual, todos os cantos do planeta. Entretanto, admitir esta ideia seria ignorar, como lembra Maria da Conceição Tavares, “que o padrão de inserção internacional de um país se exerce a partir de estados concretos de dominação”.

Anthony Giddens²³ define globalização como sendo a intensificação das relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de tal modo que acontecimentos locais podem ser influenciados por eventos que estão ocorrendo a centenas de quilômetros de distância e vice-versa. Desta forma, a globalização está relacionada também com a interseção de presença e ausência, o entrelaçamento dos eventos sociais e relações sociais à distância com contextualidades locais. Em síntese, o processo da globalização representa um aspecto do que Giddens chama de “fenomenologia da modernidade”.

De acordo com R. Robertson²⁴, Globalização se refere à compreensão do mundo e a intensificação da consciência do mundo como um todo. É também, na visão de A. McGrew²⁵, um processo que tende, no inteiro, a reforçar – se não aumentar – as desigualdades do poder e da riqueza, ambos entre nações e através delas.

Historicamente, o debate sobre a globalização está vinculado a utópicos pontos de vista sobre sistemas de comunicação. Tal

[23] *The Consequences of Modernity*, Stanford (CA), Stanford University Press, 1990.

[24] *Globalization: Social Theory and Global Culture*, London, Sage, 1992.

[25] “A Global Society”. In: S. Hall. D. Held & McGrew (eds.), *Modernity and Its Futures*, Cambridge (England), Polity Press, 1992, p. 61-116.

debate começou a partir da invenção do telégrafo e, nos anos sessenta, se tornou mais popular com o conceito da aldeia global, de McLuhan.²⁶

Muitos estudiosos da globalização estão preocupados em mapear o mundo como um sistema único,²⁷ um único lugar²⁸, ou uma única sociedade mundial.²⁹ Muitos dos discursos sobre a globalização são baseados nos conceitos e estratégias capitalistas de *marketing*, da transnacionalização do capital e progresso das telecomunicações. Isto porque a cobertura jornalística, em tempo real dos grandes fatos do dia, transmitida por emissoras de rádio e televisão, a exemplo da CNN, realmente atinge grandes audiências em todo o mundo. E isto está criando o senso de que tanto os brasileiros, os americanos, os franceses e os japoneses compartilham o fluxo da informação do mesmo modo, igualmente, gerando, por conseguinte o senso de que coabitamos o planeta ao mesmo tempo com outras pessoas, com as quais estamos ligadas, apesar da distância, através da mídia.

Isto sem falar que, hoje em dia, qualquer pessoa pode, por cabo, satélite, fax, telefone ou Internet, se transportar para qualquer lugar, sem ter a necessidade de viajar. É exatamente por isso que o sistema de telecomunicações, o fluxo de informação e os veículos de comunicação de massa assumem um papel de extrema importância no desenvolvimento da globalização, pois são estes veículos que trazem o mundo para dentro de nossas casas.

[26] **Understanding Media: The Extensions of Man**, New York, New American Library, 1964.

[27] P. Worsley, **The Three Worlds: Culture and World Development**, Chicago, The University of Chicago Press, 1984.

[28] R. Robertson, *op.cit.*, 1992.

[29] M. Albrow; E. King, **Globalization, Knowledge and Society**, Newsbury Park (CA), Sage, 1990.

O reconhecimento do papel exercido pela mídia no processo da globalização está relacionado à percepção popular de que os veículos de informação estão conectados com o centro dos acontecimentos da sociedade onde quer que estes se desenrolem. Vale ressaltar que a tecnologia hoje existente permite tanto à mídia impressa como à mídia eletrônica inserir, instantaneamente, em seus noticiários locais, qualquer reportagem internacional de última hora, enriquecendo o telejornalismo local, contribuindo também para aumentar no telespectador a sensação de que o mundo é pequeno.

Como diz Gabriel Bar-Haim³⁰, se existe uma ordem global com um centro definido ou não, a mídia passa a impressão que tal ordem existe. A afirmação desta existência é transmitida diariamente através de notícias internacionais, documentários sobre partes do globo, abordando assuntos tão variados quanto ecologia na Índia, negócios no Japão, eventos culturais internacionais, a exemplo do Festival de Cannes, o concurso de Beleza Miss Universo e ainda a transmissão dos Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo de futebol.

De acordo ainda com as interpretações de Bar-Haim, a mídia parece sugerir a existência de uma cultura global que não se constitui numa entidade em si mesma, mas é um conglomerado de múltiplos eventos culturais internacionais que refletem a multiplicidade de todas as sociedades cujas diferenças culturais podem ser minimizadas, mas suficientemente caracterizadas para serem percebidas como exóticas.

Continuando em sua análise, Bar-Haim afirma que se alguém assumir como verdadeiro o fato que a audiência de milhões de espectadores a um mesmo programa, seja ocidental ou não, seria

[30] "Media Charisma and Global Culture: The Experience of East-Central Europe". In: *Globalization, Communion and Transnational Civil Society*, New Jersey, Hampton Press, 1996, p. 145-155.

uma contribuição para a formação de uma cultura mundial, tal hipótese “é uma falácia”. Isto porque mesmo a exposição prolongada a culturas diferentes transmitidas pela TV, por exemplo, não conseguirá mudar fundamentalmente as condições sociopolíticas locais que permanecem as mesmas em contradição à artificial coerência e convergência cultural promovida pela mídia.

É inegável que o acesso a informações através da mídia pode influenciar no nosso modo de viver. Giddens,³¹ por exemplo, insiste que consciência global não é limitada ao vago conhecimento de eventos, mas pode diretamente contribuir na formação de estilos de vida individuais.

A globalização é avassaladora e pode provocar padronização cultural. Constata-se que há uma verdadeira epidemia de McDonald's espalhados pelo mundo, mas vale ressaltar também a proliferação da comida chinesa, japonesa, etc. Ironicamente, ao mesmo tempo que a globalização nos conduz a uma aparente padronização, ela também abre perspectivas para outras culturas. Essa contradição é uma das características da globalização, que precisa manter as individualidades porque essa é uma das formas de assegurar mercado consumidor para seus produtos industriais ou culturais.

Assim, pode-se dizer que a Globalização não deve comportar julgamentos de valor. Trata-se de uma nova realidade diante da qual precisamos tomar uma atitude, vez que ela tem eliminado diferenças entre produtos, cuja diferenciação passou a ser a ética da massa, ou seja, a imagem institucional da empresa. Por tudo isto, os efeitos imediatos da globalização são considerados predatórios, mas, ao mesmo tempo, este processo é capaz de levar a países e pessoas benefícios ainda não totalmente dimensionados, como o

[31] *Modernity and Self-Identity: Self and Society*. In *Late Modern Age*, Cambridge (England), Polity Press, 1991.

acesso a milhares de informações e de produtos das regiões mais distantes do planeta.

P. Walterman³² defende o ponto de vista que a Globalização deve ser entendida como multideterminada pelo mercado, soberania, militarização, industrialização, tecnocracia, racismo etc.

Exatamente por isso defendemos também que, para estudar as causas e efeitos deste processo, precisamos construir uma teoria crítica e social da globalização que passe por cima das teorias de direita ou de esquerda, responsáveis por enorme lista de estruturas teóricas (desenvolvimentistas, terceiro-mundistas e outras mais reformistas ou menos radicais), usadas nos últimos trinta anos para entender o fluxo da informação e os processos de interação socio-culturais entre as nações.

Os primeiros estudos que apresentaram o mundo como um todo nas relações internacionais surgiram na década de sessenta. Entretanto, só a partir dos anos oitenta o tema globalização se transformou em objeto de estudos acadêmicos. Segundo Sandra Braman,³³ hoje existem pelo menos dois tipos de grupos de teorias da globalização: um formado por pesquisadores que a examinam a partir da perspectiva do geral para o particular, entendendo o fenômeno e os processos que aparecem abaixo do nível global como nações-estados que crescem em resposta ao processo global. Outro, formado por teóricos que analisam a globalização a partir da perspectiva das partes em direção ao inteiro, argumentando, por exemplo, que o sistema global tem emergido da interação entre nações-estados.

[32] *Globalization, Civil Society, Solidarity: The Politics and Ethics of a World both Real and Universal*, The Hague, Instituto f Social Studies, 1993.

[33] "Interpenetrated Globalization: Scaling Power, and the Public Sphere". In: *Globalization, Communication and a Transnational Civil Society*. New Jersey: Hampton Press, 1996, p. 21-36.

Por isso, qualquer estudo sobre a globalização deve ser feito sem negar, rejeitar ou ignorar modelos anteriores, uma vez que o mundo ainda está cheio de evidências que comprovam aquelas teorias. Por isso concordo plenamente com a afirmativa de Braman, defendendo que a teoria crítica da globalização deve ser entendida como um novo caminho e um transparente meio através do qual velhas estruturas, processos e discursos são ainda visíveis.

Levando tudo o que dissemos acima em consideração é que podemos compreender a interpelação dos trabalhos apresentados no GT de TV durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Assim, poderemos melhor contextualizar a experiência regional apresentada por Ilka Goldschmidt Vitorino, no trabalho intitulado “Chapecó vive a nova Era da Informação abrindo espaço para a produção audiovisual local”, ou entender a importância da legislação em tempos da globalização, quando países latinos americanos estão construindo o seu mercado comum como resultado das tendências de mercado. Uma análise sobre a legislação para televisão no Mercosul está contida no ensaio comparativo intitulado “A regulamentação da TV aberta na Argentina, Brasil e Uruguai”, apresentado por Othon Jambeiro.

Por sua vez Edgard Rebouças, retomando um estudo que iniciamos com o livro *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história*, discute os “Desafios da TV brasileira na era da diversificação”, enquanto Natalício Batista Jr. analisa a produção de vídeos, abordando as “Alegorias ideográficas: A colagem como método mnemônico”, e Robson Bastos da Silva apresenta a “Rede Cultura de Televisão como um modelo alternativo de programação”.

Continuando, Penha Rocha, diversifica a temática quando analisa o mercado de televisão e a exploração deste veículo como instrumento de propagação da fé no ensaio intitulado “Televisão e Religião no mercado global: TV Record e Rede Vida”. O desenvolvimento do mercado televisivo e a luta constante pela audiência exigem não apenas tecnologias, mas também formação de mão

de obra especializada. E este problema é debatido no trabalho intitulado “Formação e treinamento profissional de jornalistas. Um estudo de caso: TV Bahia”, apresentado por Washington Souza Filho. Finalizando, Claudia Bahia de Oliveira demonstra como o regional e o global estão presentes neste grande veículo de massa que é a televisão, no trabalho intitulado “O local e o global no olhar televisivo”.

Como foi dito, os trabalhos aqui reunidos são independentes, mas estão interligados entre si pela legislação, regionalização e produção, dentro do que estamos identificando como sendo a Era da Globalização. A reunião destes trabalhos em um único volume, o segundo produzido pelo GT de TV, é uma contribuição a mais para todos aqueles que estão tentando entender melhor o desenvolvimento da televisão em nosso país e como as tendências afetam o crescimento do maior veículo de massa existente até o momento.

Salvador, setembro de 1998

BIBLIOGRAFIA

ALBROW, M. & KING, E. *Globalization, Knowledge and Society*. Newsbury Park, CA.: Sage, 1990.

BAR-HAIM, Gabriel. *Media Charisma and Global Culture: The Experience of East - Central Europe*. In: *Globalization, Communication and Transnational Civil Society*. New Jersey: Hampton Press, 1996, p. 145-155.

BRAMAN, Sandra. *Interpenetrated Globalization: Scaling Power, and the Public Sphere*. In: *Globalization, Communication, and a Transnational Civil Society*. New Jersey: Hampton Press, 1996, p. 21-36.

GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Stanford, CA.: Stanford University Press, 1990.

- GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in Late Modern Age*. Cambridge, England: Polity Press, 1991.
- MC CREW, A. *A Global Society*. In: S. Hall, D. Held, & McGrew (eds.) *Modernity and Its Futures*. Cambridge, England: Polity Press, 1992, p. 61-116.
- MCLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: New American Library, 1964.
- ROBERTSON, R. *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage, 1992.
- WATERMAN, P. *Globalization, Civil Society, Solidarity: The Politics and Ethics of a World both Real and Universal*. The Hague: Institute of Social Studies, 1993.
- WORSELEY, P. *The Three Worlds: Culture and World Development*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

RECEPÇÃO E TV A CABO³⁴ (A CONTRIBUIÇÃO DE VALÉRIO CRUZ BRITTOS AO CONHECIMENTO)

Recepção e TV a Cabo: A força da cultura local é um livro que dá uma contribuição muito mais ampla do que se espera numa obra que, à primeira vista, seria segmentada, totalmente voltada para o setor da televisão, ou mais especificamente para a recepção da TV a Cabo. Entretanto, Valério Cruz Brittos conseguiu, com um estilo leve e um domínio vocabular exemplar, desenvolver um tema, de interesse dos comunicólogos, de tal maneira que este trabalho pode e deve ser lido, não apenas pelos estudiosos da área, mas também por todo aquele leitor-consumidor do maior veículo de massa deste século, que é a televisão.

Antes de tecer qualquer comentário sobre a obra em si, gostaria de apresentar o seu autor. Valério Cruz Brittos é advogado, jornalista e professor de comunicação, tendo trabalhado em redações de rádio, televisão e jornal, tanto no Rio Grande do Sul, de onde é natural, como em Brasília, tendo exercido as funções de repórter e de editor de política. Nos últimos anos tem se dedicado à prática acadêmica (ensino, pesquisa e extensão), uma vez que é professor vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutor em Comunicação pela FACOM/UFBA, onde tive a honra e o prazer de ser seu orientador e admirador, devido ao seu espírito empreendedor e a garra com que se dedica ao trabalho da pesquisa.

[34] Prefácio escrito para o livro *Recepção e TV a Cabo: a força da cultura local*, de Valério Cruz Brittos publicado pela Editora UNISINOS, 2001.

Como se estas informações já não fossem suficientes para qualificar o autor desta obra, posso ainda destacar que ele tem especialização em Ciências Políticas e em Economia Política da Comunicação, além de ser Mestre em Comunicação pela PUCRS, onde defendeu tese sobre o tema deste livro. Partindo do texto inicial da dissertação de mestrado, Brittos avançou em sua pesquisa, atualizando-a de forma a que a leitura deste livro se torne obrigatória nas escolas, além de se transformar num ponto de referência para todos os que se dedicam ao estudo deste assunto.

Quando digo que este livro oferece uma ampla gama de informações, maior do que a delimitação contida em seu próprio título, na verdade, quero afirmar que esta obra, além de oferecer uma visão histórica de nossa televisão, discute o caso da TV a Cabo no país, partindo da cidade de Pelotas, para constatar que “as identidades culturais local e regional podem ser consideradas como vias que impedem a homogeneização, apesar de, no processo de interação e constante renovação do qual participam, também terem assimilado dados do global, revelando-se elas próprias híbridas”.

Como identificou o autor, uma das especificidades da televisão a cabo “é o modo de assistir à TV que estabelece, tendendo a recepção de coletiva a individual, a partir da múltipla oferta de canais, propiciando maior segmentação do consumo, o que ocasiona dispersão”.

Não podemos deixar de considerar que o mercado de TV paga, no Brasil, ainda é emergente, mas está crescendo com tal rapidez que não é preciso ser profeta para pontuar que no início da próxima década a TV por assinatura será, juntamente com o fenômeno da Internet, responsável pela radical mudança que a televisão convencional vai sofrer tanto no aspecto de conteúdo quanto no que diz respeito à composição de sua audiência. Aliás, Brittos também nos brinda com análises neste sentido.

Os capítulos 2, 4 e 5 deste livro se constituem, a meu ver, num ensaio à parte, quando o autor oferece uma ampla visão de

cultura sob os pontos de vistas da antropologia cultural e social, discutindo como o pluralismo do consumo cultural nos leva a um reordenamento do que realmente do que realmente vem a ser cultura e do significado do que é nacional. Destacando a importância e participação da mídia na constituição das identidades, “as quais não são neutras e envolvem autorreconhecimento, e que a memória coletiva é a garantia da identidade no tempo”, Brittos analisa ainda a identidade cultural e o seu papel como principal agente mediador da recepção.

No sexto capítulo ele se dedica a análise do receptor de televisão a cabo, apresentando dados que evidenciam que a TV a cabo está reduzindo a influência do modelo massivo de comunicação desse período globalização que estamos vivendo. “Com a TV a cabo, a programação homogênea entra em declínio e os grupos e indivíduos vão buscar suas próprias opções... Essa mudança de ver televisão, de coletiva a individual, traz consequências, inclusive, na sociabilidade... Agora, com a segmentação cultural, cresce a individualização do consumo televisivo, reduzindo ainda mais a possibilidade de convivência social”.

Nos sétimo e oitavo capítulos o leitor encontra todas as questões que envolvem a literatura, a tecnologia e regulamentação existente televisão a cabo no país.

Depois de ter analisado a questão da identidade cultural nos primeiros, no oitavo capítulo, Brittos trata do outro lado da moeda, ou seja, o papel da cultura global e sua heterogeneidade. Segundo o autor, “o que determina se um produto integra a cultura global, não é sua origem geográfica, mas seu padrão de produção”. Neste capítulo, que também pode ser identificado como um ensaio à parte, Brittos sintetiza, histórica e conceitualmente, o processo da globalização até os nossos dias quando assume uma forma mais avançada e complexa da internacionalização.

Enfim, podemos dizer que este livro amplia o conhecimento sobre a relação entre receptor, produto e tecnologia, agregando

novos conhecimentos, além de sinalizar para uma mudança no modo de ver e de fazer pesquisas sobre televisão no Brasil. Dentre as várias e importantes considerações conclusivas apresentadas, o autor constatou, por exemplo, que: “Na América Latina, a própria hibridização relativiza o global, desmontando a noção normalmente disseminada de que sua ação é avassaladora, homogeneizante destruidora de toda diversidade”. Dito de outra forma, se o global convive com outras formas culturais, que permanecem, não pode ser homogêneo. Pode sim, e é, hegemônico. Por isso, as identidades culturais, local e regional, podem ser consideradas como “vias que impedem a homogeneização...”

Para concluir esta apresentação, a título de prefácio, volto a insistir: este livro é, de fato, uma grande contribuição à área dos estudos da comunicação e deve ser lido por todos que queiram entender melhor o desenvolvimento da televisão neste país.

Salvador, 1999

ANÁLISE SEMIÓTICA DA TELENOVELA³⁵ (A CONTRIBUIÇÃO DE LÍCIA SOARES DE SOUZA)

A autora deste livro vem dedicando-se ao estudo e à observação da composição das histórias de ficção e à reação dos receptores, desde os tempos de sua adolescência, quando escrevia histórias de amor que circulavam entre os estudantes do Colégio Severino Vieira, em Salvador, e, ainda sem saber, já empregava a técnica do folhetim na divulgação seriada destas. Com o aumento da influência da televisão, a partir dos anos 70 do século passado, ela passou a identificar similaridades estruturais entre as condições de recepção das telenovelas (folhetins eletrônicos) e suas próprias histórias distribuídas no colégio, o que a estimulou, provavelmente, a dedicar-se ao assunto profissionalmente por meio de estudos acadêmicos.

Desde então, Lícia Soares de Souza vem pesquisando e escrevendo sobre as narrativas da televisão, constituindo-se hoje em uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, sempre dando excelentes contribuições no que diz respeito à construção do conhecimento acadêmico para que possamos melhor compreender o que se passa com as formas de produção e os conteúdos transmitidos por nosso maior veículo de comunicação de massa, que é a televisão.

[35] Prefácio incluído do livro **Televisão e cultura: análise semiótica da ficção seriada**, de autoria de Lícia Soares Souza, publicado pela Secretaria da Cultura e Turismo do governo da Bahia, em 2003, como parte da Coleção Selo Editorial Letras da Bahia.

Entre as contribuições de Lícia Souza podemos destacar o livro *Représentation et idéologies: les téléromans au service de la publicité*, publicado em Montreal, Canadá, em 1994, no qual faz uma leitura das telenovelas, destacando as da Rede Globo, por ser a que mais exporta esse tipo de programa. Ela questiona o conceito de representação e ideologia, utilizando-se da semiótica para descrever as modalidades de introdução de um discurso publicitário na ficção narrativa. Entre as conclusões, a autora afirma que a Globo introduz a publicidade nas novelas não muito “sutilmente”, sugerindo ao telespectador “usar a roupa do galã da novela das oito”.

Em 1996, ela volta a concentrar sua atenção de pesquisadora sobre as telenovelas da Globo, publicando um novo trabalho, intitulado “Communication et intégration: la fiction quotidienne de TV Globo”, em uma revista especializada da Universidade de Laval, no Canadá. Nesse artigo, ela apresenta algumas ideias gerais sobre a história dessa ficção nacional, que, aos poucos, distancia-se dos procedimentos importados. Em seguida, analisa algumas novelas que obtiveram êxito nos anos 60 e 70, abrindo o debate sobre a constituição de um amplo campo cultural de grande consumo que já possui suas próprias regras e conceitos de produção.

Considerando que foi sob a influência do folhetim, que a teleficção surgiu e consolidou-se, no século passado, como uma forma de narrativa audiovisual com especificidades próprias que a transformaram numa forma superior da cultura midiática, Lícia Soares de Souza desenvolveu uma nova pesquisa cujos resultados nos são apresentados neste livro.

Em *Televisão e Cultura: análise semiótica da ficção seriada*, a pesquisadora tem dois objetivos principais: 1) caracterizar a dimensão cultural da teleficção sob o ângulo semiótico no contexto da globalização; e, 2) levantar alguns dos principais temas e estilos da narrativa televisiva. Para tanto, a autora identificou quatro núcleos temáticos das telenovelas: a) mal de amor; b) estrutura de poder; c) antropofagia cultural; e, d) estrutura policial.

As análises são feitas a partir de dois cenários: intertextual e hipertextual. O primeiro cenário se apresenta como estrutural global, pois reflete a remodelização dos elementos temáticos e estilísticos. No segundo, hipertextual, a estrutura global particulariza sua referencialidade em contato com os signos de uma comunidade.

Vale destacar que este é um trabalho no qual o cenário cultural é analisado também sob o ponto de vista macro-estrutural, evidenciando as relações e interações entre uma cultura dita erudita (considerada superior) e uma cultura popular de massa (considerada inferior). Aqui, “cultura é percebida como um conjunto orgânico de sistemas textuais que produz a memória de uma coletividade historicamente situada, que instaura programas para assegurar a comunicação do material representativo e que *interpreta* as relações significativas que emanam do patrimônio representativo”.

As evidências apresentadas ao longo deste livro permitiram a autora concluir que hoje é essencial se “pensar a comunicação televisiva a partir de um ponto de vista semiótico com a possibilidade de descrever a rede de trocas entre realidades distintas. Seria perseguir a interação entre os processos desterritorializantes e os de reterritorialização dos espaços singulares no decorrer do qual cada coletividade busca dar sentido aos significantes do mundo moderno”.

Um dos pontos de destaque de seu trabalho é a análise que faz da antropofagia cultural e da carnavalização, evidenciando o relacionamento das telenovelas com um conjunto cultural nacional, levando-a a concluir que “existe um sistema de relações entre componentes de uma tradição cultural do domínio restrito e as narrativas telefictícias, que define um processo produtivo socialmente ativo”.

Além disso, ao analisar a voz da terra na teleficção, a autora concluiu também que as séries regionalistas, produzidas por nossa televisão, “empreendem as ligações signícas entre o domínio restrito e os fatos da atualidade relativos às lutas seculares pela posse

das terras”. No que diz respeito à teleficação policial, que concentra inúmeros estilos do gênero, as evidências mostram “como o código hermenêutico, com seus enigmas e mistérios, recebe identidades próprias na narrativa seriada e modular que caracteriza a teleficação”.

Em síntese, a partir do esquema semiótico de análise proposto, Lícia Soares de Souza lança, com este livro, as bases para que possamos entender como “se agenciam, na especificidade do audiovisual nacional, os componentes narrativos, enunciativos e argumentativos, de vários outros estilos de produção fictícia”, tais como os documentários jornalísticos ou cinematográficos, que tecem novas redes de signos culturais a partir das novas percepções de construção do mundo que estão surgindo como resultado, por exemplo, das idas-e-vindas da globalização e dos processos de fortalecimento da regionalização.

Este livro merece ser lido, não apenas por ser uma contribuição a mais à literatura específica, mas também, e principalmente, pelas questões instigantes que levanta.

Salvador, abril de 2002

UM MANUAL ESSENCIAL³⁶ (A CONTRIBUIÇÃO DE MATILDE SHNITMAN)

Monografia, dissertação e tese são palavras que ainda deixam os alunos tremendo nas bases. Identificar o tema de pesquisa, definir os objetivos gerais e específicos, escolher o método a ser usado, apresentar hipóteses e saber usar as ferramentas de trabalho de acordo com as normas visando à elaboração de um projeto de pesquisa são etapas que sempre afligiram os estudantes de graduação.

Este livro *Monografia, de bicho papão a manso gatinho* é um excelente calmante, uma solução, para aqueles que entram em pânico quando chega a hora de encarar o Projeto de Conclusão de Curso. Matilde Eugenia Schnitman consegue – com uma linguagem clara, precisa, objetiva e bem-humorada – converter o bicho papão num gatinho carinhoso e amigo, eliminando todos os obstáculos, ajudando o aluno a vencer todas as etapas. Este é um manual que deve ser lido por todo estudante que ainda não definiu seu tema monográfico. Em síntese, trata-se de um conjunto de procedimentos de trabalho, cuja receita deve ser seguida à risca para que o aluno consiga estruturar sua monografia e o resultado se transforme numa contribuição ao conhecimento.

Salvador, junho de 2004.

[36] Texto publicado na contracapa do livro *Monografia – De bicho papão a manso gatinho*, editado pela M.E.S. Editora, de Lauro de Freitas, em 2004.

TRAJETÓRIA DA IMPRENSA BAIANA³⁷ (COMPILAÇÃO DE LUÍS GUILHERME PONTES TAVARES)

Este livro não tem por objetivo o de escrever a história da imprensa da Bahia. A intenção está explícita no título que revela o seu universo: *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia*. É uma coletânea de artigos de jornalistas, professores e historiadores que realçam alguns pontos importantes da evolução de nossa imprensa que está por merecer um estudo mais completo e rigorosa análise historiográfica.

Os artigos aqui reunidos foram escritos e publicados no período compreendido entre 1889 e 1986. Cada contribuição busca enfatizar um aspecto individual ou coletivo, sendo todos significativos para a reconstrução da história da imprensa. Trata-se de uma tentativa de preservar registros feitos, de maneira espontânea e a partir de várias dimensões e perspectivas, sem rigor acadêmico e sem maiores pretensões, salientando aspectos da trajetória da imprensa baiana. Este conjunto, de artigos fragmentados, se configura como pequenos recortes sobre momentos significativos do processo de formação cultural de nossa imprensa.

O livro resulta, portanto, do esforço abnegado do jornalista e historiador, doutor Luís Guilherme Pontes Tavares, que vem reunindo, pesquisando e detectando artigos de grandes nomes de

[37] Prefácio da segunda edição, ampliada e revisada do livro *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*, organizado por Luís Guilherme Pontes Tavares e publicado no ano de 2008, em Salvador, com selo da Academia de Letras da Bahia.

nossa cultura que se dedicaram, se preocuparam e perceberam a importância evolutiva da imprensa e contribuíram, em seus trabalhos, com observações preciosas sobre a influência da imprensa, destacando detalhes sócio-político, culturais e profissionais, classificações e definições sobre o jornalismo.

Luís Guilherme, como editor-organizador, enriquece a obra, de maneira criteriosa, ao anexar inúmeras notas explicativas de pé de página que lhe valeram, com certeza, horas de pesquisa, pois ele tem consciência de que escrever história não é simplesmente enumerar nomes, fatos e datas e identificar as singularidades do passado. Ele sabe que existem muitas formas de fazer história e maneiras diversas de pesquisar o passado, trazendo os fatos acontecidos para o presente, explicando como, onde e porque eles aconteceram. Ele tem pleno conhecimento da necessidade de se contextualizar o levantamento historiográfico, destacando a singularidade de cada análise, contribuindo para que o leitor possa construir novos significados a partir das informações que lhes são oferecidas nestas páginas. E isto é exatamente o que o editor-organizador desta obra faz, contribuindo decisivamente para a reconstrução da trajetória do jornalismo baiano.

O leitor, que conhece a edição original deste livro, perceberá de imediato alguns valiosos e enriquecedores acréscimos que foram feitos e passaram a integrar esta segunda edição, revista e ampliada. Os novos textos de importância histórica anexados são de autoria de Artur Arezio da Fonseca, Milton Santos, Pedro Calmon e Raimundo Bizarria.

O primeiro artigo, dos 12 reunidos neste livro, intitulado “O primeiro centenário da Imprensa Baiana” é de autoria do jornalista, ex-governador e senador Otavio Mangabeira e foi publicado originalmente em 1913. Mangabeira nos oferece uma contribuição expressiva com um levantamento pormenorizado dos jornais baianos desde *Idade d’Ouro*, criado em 1811. Ele identifica e descreve

os jornais que surgiram e desapareceram até as comemorações do primeiro centenário da nossa imprensa.

Aloysio de Carvalho (Lulu Parola) aborda também aspectos históricos no artigo “A imprensa na Bahia em 100 anos”, publicado em 1923 por ocasião do centenário da independência da Bahia. Ele registra a mudança que se processava no jornalismo, uma vez que o serviço de informações, fatos e notícias produzidas pelos repórteres se transformaram na alma do jornal, fazendo com que os artigos de fundo, doutrinários e extensos comesçassem a desaparecer: “O que se quer agora é logo a informação, com profusão de títulos em todos os corpos e os competentes clichês, representativos da ocorrência ou da personagem... é a notícia em pílulas, que não há mais tempo para mastigar doutrinas”. E mais adiante destaca: “É convicção minha de que o maior fator de progresso da Bahia, em qualquer departamento da sua grandeza, tem sido a Imprensa, que é um bem incomparável, sempre que acerta, e que, até mesmo quando erra, é um mal necessário”.

O terceiro texto, de autoria de Raimundo Bizarria, se constitui como sendo o mais antigo dentre todos os deste livro, pois foi publicado em 1889. É um depoimento sobre Manuel da Silva Lopes Cardoso, proprietário do *Diário de Notícias*, fundado em 1º de março de 1875, e que, segundo desejo do jornalista, era para ser “em tudo: igual ao *Diário de Notícias de Lisboa*”. Neste artigo depoimento Bizarria presta uma homenagem a Lopes Cardoso destacando sua conduta à frente do DN “combatendo com a máxima imparcialidade e independência, pelos direitos e regalias de cada uma” das classes sociais de seu tempo. De acordo com o articulista, Lopes Cardoso era a própria vida do jornal e destaca: “Durante os meses de março a dezembro de 1875 e todo o ano de 1876 foi ele unicamente quem, redigiu o *Diário de Notícias*”.

O quarto trabalho do livro, de autoria de Aloísio de Carvalho Filho foi publicado originalmente em 1960 e faz um recorte

da história do “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”. Ele registra os jornais da época do DN e os que deixaram de circular, além de destacar como o *Diário de Notícias* influenciou e serviu de modelo para outros jornais que se instalaram com o mesmo objetivo: o de dar notícias com absoluta neutralidade. Segundo Aloísio de Carvalho Filho “era uso, então, inculcarem os jornais, logo pelo batismo, a missão política, crítica ou puramente literária, a que se propunham”. Ele faz uma análise dos principais jornais do período, salientando o desempenho e a participação dos mesmos nos eventos e debates políticos. Identifica também os principais redatores e respectivos proprietários. Analisa ainda as dificuldades e cita os jornais que conseguiram ter vida efêmera e os de mais alta longevidade: “se outras virtudes não possuísem, teria, pois, o *Diário da Bahia*, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* a da longevidade, o que, em tema de imprensa, significa merecimento”. Em síntese, ele faz um estudo breve de cada jornal, apresentando uma visão geral do que foi a imprensa no período estudado.

O quinto artigo é de autoria do jornalista, historiador e professor Antônio Loureiro de Souza, cujo título dá nome também a este livro. Loureiro se detém ao período compreendido entre 1811 e 1972 e já abre o artigo denunciando que “a partir de 1811, até à época atual [1972, quando foi publicado seu artigo originalmente] nada existe sobre a história da imprensa baiana, senão artigos esparsos, enfocando alguns aspectos isolados”. E exatamente por isso ele se propôs a avançar no tempo visando “melhorar e corrigir” o conhecimento que se tinha da história da imprensa. Ele faz um retrospecto da imprensa baiana a partir de 1811, quando do lançamento de *Idade d'Ouro do Brazil*, apresentando uma relação mais completa dos jornais. Identifica também os principais jornalistas que passaram pelos inúmeros veículos citados, até os jornais contemporâneos [década de 1970], incluindo-se aí os jornais semanais e inúmeras revistas que foram lançados e desapareceram nos anos 60 e 70, vinculados a instituições públicas, privadas e universitárias.

O sexto ensaio é de autoria do biógrafo, jornalista e ex-governador Luiz Viana Filho, publicado em 1980 sob o título de “Alguns aspectos do jornalismo baiano”. Trata-se de um depoimento relatando as transformações que ele acompanhou na imprensa no período de 1920 a 1980: “o jornal, de modo geral, nada tinha de uma empresa comercial – era antes e acima de tudo um instrumento político”. Luiz Viana refere-se à boemia e cita os nomes dos grandes jornalistas de seu tempo, explicando que as redações estavam cheias de “intelectuais boêmios ou jovens que tinham o olho mais na política do que no ordenado, pois, assim como Joaquim Nabuco pôde escrever que as Faculdades de Direito eram, na primeira metade do século XIX, espécie de antessala do parlamento, os jornais passaram a ser seguro degrau para a vida pública”. Em seu depoimento sobre os companheiros jornalistas ele destaca as figuras emblemáticas de Ranulfo Oliveira, Aloysio de Carvalho filho e Simões Filho.

O sétimo trabalho é de Artur Arezio da Fonseca, “Uma visita à Imprensa Oficial”, que é um dos quatro novos textos incluídos nesta edição e foi publicado originalmente em 1916. Trata-se de uma crônica que fala sobre a vida das oficinas da Imprensa Oficial da Bahia, detalhando cada espaço, cada máquina e o trabalho ali realizado. É um verdadeiro e sincero depoimento de como funcionava a imprensa oficial.

O oitavo artigo, de autoria de Honestilio Coutinho, foi publicado em 1923 e também versa sobre a Imprensa Oficial do Estado. Didaticamente discorre sobre os objetivos que levaram o governo a criar, detalhando o porquê e como foi criada e como funcionava a IOE. Descreve a infraestrutura física e de equipamentos existentes à época, além de apresentar um breve histórico das primeiras administrações do órgão e os recursos humanos disponíveis na época em que o artigo foi escrito.

O nono artigo, de Antônio Vianna, denominado de “A Notícia”, publicado em 1912, talvez seja a primeira tentativa de se de-

finir e classificar a notícia jornalística, quanto ao gênero e suas mais variadas formas de transmitir as informações de que se tem informação. Além de levantar as questões da responsabilidade social e ética que o jornalista deve ter ao redigir uma notícia. Segundo sua classificação as notícias podem ser: “notícias felicitantes; notícias necessárias; notícias aristocráticas; notícias vagabundas; notícias graves, agudas, temidas e caluniadas”. Sobre as notícias caluniadas, diz ele: “são todas aquelas que revelam fatos comprometedores a indivíduos que precisando de inocentar-se, com uma das mãos segura a máscara da hipocrisia, enquanto com a outra brande a clava iconoclasta [destruidora] da sua perfídia contra a verdade, arrastando ao pelourinho da sua ignomínia a honra, a consciência, a dignidade dictio do jornalista”.

O décimo artigo também foi recém-incluído neste livro e foi publicado originalmente no ano de 1956. É o artigo de autoria do jornalista, geógrafo e cientista social baiano Milton Santos que faz exatamente o que o título do mesmo sugere, ou seja, a “Classificação funcional dos jornais brasileiros – As regiões jornalísticas”, onde se percebe a visão do geógrafo e como ele contextualizou o crescimento e a distribuição dos jornais frente ao desenvolvimento das cidades, frente à evolução dos meios de transporte e como a concentração urbana modificou e influenciou o modo de se fazer jornais:

O jornal se beneficia, como meio de comunicação que é, das múltiplas vias de comunicação que o mundo moderno lhe põe à disposição. Mas a notícia tem uma mobilidade muito maior. Ela se transmite de um ponto do mundo ao seu antípoda no instante mesmo em que o fato se realiza – o milagre do teletipo é uma das maravilhas de nossa época – e as equipes especializadas de tradutores fecham o elo respondendo à chamada feita pelos correspondentes internacionais.

Milton Santos analisa ainda as dificuldades da circulação e distribuição dos jornais pelas mais variadas regiões de um país. Dentre sua classificação dos tipos de jornais, ele define o que são o jornal nacional, o estadual, o regional e o local quanto à circulação e à maneira como tratam as notícias das regiões.

O décimo primeiro e um dos quatro novos incluídos neste volume, é assinado por Pedro Calmon e versa sobre “A Imprensa e a Literatura” que se completam “com a circunstância de que não houve escritor destro, sem a passagem acidental ou prolongada pelo jornalismo”. Trata-se do texto de uma conferência que fez em 1980, no qual utiliza inúmeros exemplos de nossa literatura e do jornalismo para mostrar o quanto um depende do outro e o quanto estão próximos: “Quem recordará em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a nervosa reportagem para *O Estado de S. Paulo* em meio de jagunços e legais, quando se temia que os lauréis da República morressem, afogados pelo xique-xique e pelo gravatá da caatinga, nas planuras sedentas de Canudos?”. Em outros trechos ele diz: “O que passou é jornal, o que perdura, literatura”, ou ainda “Jornalismo e literatura equivalem-se”, [...] “Têm igual procedência a notícia e o romance, a reportagem e o tratado, o periódico e o douto livro. São gêmeos na natureza”.

Encerrando o livro se encontram as “Oito razões (dentro outras) para que exista curso de Jornalismo”, de autoria de Jorge Calmon, que foi um dos maiores defensores do diploma e dos cursos de jornalismo, além de ter sido responsável pela implantação e um dos primeiros professores do curso de jornalismo na Bahia, no ano de 1949. O discurso de Jorge Calmon, paraninfo da turma de jornalismo 1986 da UFBA, da qual tive a honra de ser o professor homenageado, é uma aula de jornalismo, de ética, de responsabilidade social e da importância social do jornalista e do jornalismo: “Ser fiel à verdade é, pois, o primeiro dever do jornalista. E o que fornece a verdade é o fato [...] O erro estará em silenciar,

escamoteando do público o direito à informação, pela qual, por sinal, ele paga, ao comprar o exemplar”.

Concluindo este prefácio, posso afirmar que este livro indica caminhos para que possamos dar início a um criterioso levantamento, realizar novas análises e interpretações para traçar definitivamente as bases para a história da imprensa da Bahia.

Este livro, graças à persistência de Luís Guilherme, que trabalhou com afinco para localizar e distinguir o valor histórico de cada contribuição ou autor aqui incluído, é o ponto de partida para o desafio lançado por Jorge Calmon no prefácio da primeira edição: “A imprensa exige sua história”.

Salvador, janeiro de 2008,

Ano em que se comemora os 200 anos de imprensa no Brasil.

OS DEZ ANOS DA TURMA DO XAXADO³⁸ (CEDRAZ, UM DOS MESTRES DO QUADRINHO)

Tive o privilégio de conhecer Antônio Luiz Ramos Cedraz, ou simplesmente Cedraz, considerado hoje um dos melhores mestres do Quadrinho Nacional, ainda nos anos 70 do século passado, quando editava o suplemento “Jornal de Utilidades”, do jornal A Tarde. Àquela época, este baiano, nascido no município de Miguel Calmon, ainda bancário, apareceu na redação com o seu jeitão de ser, simples e tímido, mas determinado a apresentar alguns de seus primeiros personagens de quadrinho e a divulgá-los nas páginas do vespertino. Ganhou minha atenção, admiração e espaço no suplemento semanal que editava aos sábados até meados de 1970 e que marcou época na história do Jornalismo contemporâneo por ter inovado como um jornal de serviços, dando também oportunidade a jovens cronistas, poetas, fotógrafos, artistas e ao talento excepcional de Cedraz.

Já àquela época, Cedraz fazia o que gostava e gostava do que fazia, fator extremamente importante para a persistência com que venceu os obstáculos rumo ao sucesso e ao reconhecimento, que vem obtendo em todo o território nacional. Entre os inúmeros troféus recebidos destacam-se o Prêmio Ângelo Agostini, que lhe conferiu o título de “Mestre do Quadrinho Nacional” e os cinco

[38] Prefácio do livro 1000 Tiras em Quadrinhos, publicado pela Editora Claret, 2008, edição comemorativa dos 10 anos da Turma do Xaxado, de autoria do cartunista baiano Antônio Cedraz, que nasceu em 4/5/1945 e morreu em 11/09/2014.

prêmios HQ MIX, uma espécie de “Oscar” brasileiro da categoria, oferecido pela Associação dos Cartunistas do Brasil, com sede em São Paulo.

Tenho agora a satisfação de apresentar o quarto livro da Turma do Xaxado, quando o personagem está completando 10 anos de existência. Mais uma vez o destino me permitiu a honra de ser dos primeiros a publicar um trabalho de Cedraz, pois foi exatamente no suplemento “A Tarde Municípios”, do jornal *A Tarde*, do qual fui editor, que as tiras do Xaxado começaram a ser publicadas no ano de 1998, duas vezes por semana. O sucesso das tiras do Xaxado foi tanto que imediatamente passaram a ser publicadas diariamente no Caderno 2 do jornal. Observe-se que a arte produzida por Cedraz se impôs e se impõe sozinha pela qualidade inerente neste baiano, cuja simplicidade, criatividade e comunicabilidade são universais. Suas historinhas encontram espaços por serem inteligentes, bem roteirizadas e engraçadas sem perderem o senso reflexivo e educativo. Suas histórias são atuais, contextualizadas e de inserção social. Além de defenderem os interesses da região, transmitindo as preocupações e reivindicações do semiárido nordestino, os personagens da Turma do Xaxado, um fenômeno da modernidade, expressam um entrelaçamento de eventos e relações sociais globais quando discutem questões sociais, ambientais e ecológicas. Em suas historinhas regionais existe uma perfeita compreensão e consciência do mundo como um todo.

Cedraz é exemplo de dedicação, de paciência, de perseverança, de profissionalismo e de amor à arte que produz. Da Turma do Joinha, nos anos setenta para cá, passando por Lúbio, a Turma da Pipoca até a Turma do Xaxado, ele evolui, é claro, mas seus personagens e historinhas, continuam sendo construídos, definidos e inspirados na experiência de nordestino que ele é. O regionalismo se impõe e dá uma aura especial aos seus personagens, principalmente os da Turma do Xaxado, cujas histórias acabam obtendo um caráter universal, pois identificam-se com os leitores, independen-

te de faixa etária, etnias, ou país de origem, devido às suas características que permitem a transmissão do humor. A simplicidade e comunicabilidade de Cedraz são regionais e, ao mesmo tempo, universais. De há muito suas historinhas romperam as barreiras territoriais baianas, invadindo não apenas os jornais brasileiros, mas também os de Angola, de Cuba e de Portugal. Em 2003, o Projeto Turma do Xaxado recebeu apoio institucional da UNESCO.

Neste ano de 2008, a Turma do Xaxado está completando 10 anos de sucesso e o entusiasmo de seu criador é o mesmo dos idos de 1970, quando começaram a ser publicados pela grande imprensa suas primeiras tiras. Ao longo de mais de 35 anos, Cedraz consolidou seus personagens e se consolidou ganhando respeitabilidade como profissional da área com muita competência. Cedraz não subestima a inteligência de seu público e sabe explorar com sensibilidade, as sutilezas, emoções e espontaneidade de cada situação, sem perder a graça e sem deixar de registrar sua crítica e dar sua contribuição à cultura.

Cedraz, posso afirmar, profissionalizou-se na arte dos quadrinhos e hoje, fora do eixo Rio-São Paulo, é o maior e mais importante produtor de quadrinhos e um dos mais produtivos do Brasil. Sua regularidade criativa é uma benção para todos nós. Este quarto livro-álbum da Turma do Xaxado, comemorativo dos 10 anos – reunindo as historinhas de Zé Pequeno, Arturzinho, Marieta, Marinês, Capiba e de Seu Enoque e dona Fulô, os pais de Xaxado – é simplesmente fantástico. Este trabalho merece todo o nosso apoio, divulgação e leitura atenta, pois Cedraz, como ninguém, sabe fazer uso da imagem como instrumento de opinião, influenciando seu público, atuando como consciência crítica da sociedade, como educador e responsável pela preservação de nossas raízes culturais. Parabéns a Cedraz e a sua equipe e obrigado por nos permitir resgatar os sonhos da infância. Continuem produzindo e sonhando, pois com belos sonhos é que se constrói o futuro.

Salvador, 2008

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA³⁹ (UM EXEMPLO A SER SEGUIDO)

Professor de Geografia, historiador, bacharel em Direito e Etnógrafo sergipano, Bernardino José de Souza (1884-1949), autor de várias obras, é mais conhecido na Bahia do que em seu Estado de origem. Foi aqui que ele deu vazão ao seu espírito empreendedor. O nome de Bernardino está associado a um extenso acervo bibliográfico e também a realizações físicas, tais como as construções das sedes do IGHB e da Faculdade de Direito da Bahia, onde hoje funciona a OAB-Ba. Além de profícuo escritor foi também orador e conferencista sempre lembrado pela pertinência e maneira vibrante de expor suas ideias. Costumava também dar suas opiniões por meio de artigos que publicava nos jornais.

Vale destacar que a obra intelectual e a atuação político-administrativa de Bernardino não ficaram restritas à região, pois seu nome ganhou dimensão nacional. Realizava o que gostava e gostava do que fazia. Dedicava-se com paixão aos seus empreendimentos. O ensino da Geografia e da História foi uma de suas paixões a ponto de ele ser mais lembrado como geógrafo e historiador do que como jurista. A capacidade de mobilização de Bernardino foi responsável pela concretização de uma de suas maiores obras físicas: a construção da nova sede do IGHB, inaugurada em 02 de julho de 1923.

[39] Texto publicado nas orelhas do livro **Bernardino José de Souza: Vida e Obra**, organizado por Consuelo Pondé de Sena e editado pela Quarteto Editora para o IGHB com o patrocínio do Governo do Estado da Bahia, em 2010.

A tudo se dedicava como uma missão. E muitas foram as missões cumpridas. Cada ação sempre resultava num produto, até quando falava em público, como orador-conferencista ou ministrando uma aula, tornava-se um exemplo a ser seguido. Para escrever sobre Bernardino, pode-se dizer, todos os adjetivos juntos ainda são poucos para expressar e descrever o seu valor. Bernardino foi um homem extraordinário, um trabalhador incansável. Exerceu importantes cargos na esfera federal e no período de 1937 até sua morte em 1949, atuou como Ministro do Tribunal de Contas Federal, do qual foi presidente. Neste livro, intitulado ***Bernardino José de Souza: Vida e Obra***, que o IGHB publica com o patrocínio do Governo do Estado da Bahia, estão reunidos depoimentos valiosos que mostram a capacidade realizadora e multifacetada desse intelectual nordestino que soube fazer a hora acontecer, escrevendo seu nome para a posteridade.

Salve Bernardino José de Souza, o “Secretário Perpétuo” do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Salvador, 2009

UMA VIDA COM ACORDES E ARPEJOS⁴⁰ (A MUSICALIDADE DE ZELITO MIRANDA)

Zelito Miranda, o Rei do Forró-Temperado, baiano de Serinha, faz com este livro, uma viagem pelo túnel do tempo para resgatar reminiscências, fatos que ele gosta de relembrar e outros nem tanto, mas que contribuíram para consolidar o homem e o artista irrequieto no qual ele se transformou. O contexto onde viveu, as influências da infância, da adolescência e da vida adulta e, em especial, sua vivência teatral foram de extrema importância no papel político e social desempenhado por este artista, um homem consciente do seu tempo e de seus compromissos com a música regional nordestina. Sua história de vida é permeada por emoções, experimentações, reconhecimentos e decepções, que juntos serviram para modelar sua habilidade e sensibilidade artística.

Zelito Miranda, costume comentar com amigos comuns, está à frente de seu tempo. Seu raciocínio rápido é como sua própria vida: sempre em alta velocidade, sempre encontrando soluções, sempre demonstrando seu potencial criativo e empreendedor. Depois de anos dedilhando acordes, cantando, fazendo shows, que é o palco de sua vida, ele resolve, mais uma vez surpreender os amigos, executando a façanha de escrever um livro espontâneo e sincero, no qual relata tudo, revelando em detalhes como o menino Zelito transformou-se no Rei do Forró Temperado.

[40] Prefácio publicado no livro: **Zelito Miranda: o rei di forró temperado**, como parte da Coleção Gente da Bahia, da Assembleia Legislativa da Bahia, em 2015.

Nesta autobiografia, Zelito demonstra seu saber articulador, lançando mão de elementos narrativos, revelando a força e consistência de todas as suas experiências e saberes adquiridos ao longo da vida, uma espécie de autoconhecimento. Ao relatar suas lembranças, compartilhando seus segredos, Zelito deixa seu esconderijo individual, para se expor num mundo compartilhado e coletivo, que é a vida, com suas alegrias e tristezas, vitórias e derrotas.

Com um texto simples e direto, uma narrativa segura de quem sabe do que está falando e para quem está falando, Zelito tece sua própria vida com um fio doce e forte, cheio de humor, que mistura seus projetos de vida e de trabalho, dentro de um contexto real do passado que se projeta para o futuro. É fácil perceber, acompanhando sua história, como ele soube aproveitar os momentos certos, de estar sempre preparado para montar quando o cavalo passasse selado em sua frente. Ele soube dizer sim, quando outros, na dúvida e diante do desconhecido, diriam não. Com esta atitude proativa, Zelito sempre esteve sintonizado com as tendências, com as oportunidades artísticas, culturais e políticas, criando novas amizades e parcerias profissionais que dessem consistência a seus projetos.

Ao compor suas lembranças com letras de fôrma, em vez de notas musicais, Zelito consegue dar um sentido a sua vida passada, justificando sua vida presente. De maneira estratégica e verdadeira, ele manipula com habilidade a técnica da narrativa e deixa transparecer que se encontra em permanente estado de transformação, que seu potencial artístico é um poço sem fundo, e que ele sabe, tem conhecimento do mundo em que vive e identifica suas reais possibilidades e do que ainda é capaz de realizar.

Zelito é o resultado de suas escolhas e de suas experiências no contexto socioeconômico, cultural e político no qual está inserido. Com magia, ele soube sonhar e construir o seu presente e, no seu imaginário sociocultural, muito ainda está por ser realizado no amanhã. Ao recordar sua história de vida, voltando ao passado,

ele bebe, na fonte, a água poderosa de Serrinha para realimentar seu imaginário, seu poder criativo, sem o qual sua vida não teria sentido.

Conhecedor dos saberes populares do passado e do presente, baseado na força de sua mente, Zelito recompõe seu passado mágico vivido, embutindo todos os seus sonhos, suas fantasias e o imaginário popular. Ao fazer isso, ele acaba projetando um futuro que está apenas começando: a bandeira do escritor que ele começa a empunhar com o lançamento deste livro de memórias.

Ao ler este livro, o leitor perceberá o quanto a vida interiorana, com suas limitações, mas com tradições folclóricas muito ricas, foi importante na formação deste artista em perfeita sintonia com seu tempo. Um artista que sabe correr riscos e fazer opções. Perceberá também que a sensibilidade de Zelito Miranda sempre esteve à flor da pele e que sob ela esconde-se um artista multifacetado, com uma alma de poeta/cordelista, com a leveza de um ator que nunca desce do palco, com a criatividade do músico-compositor de mão cheia, com a determinação de quem sabe transformar os sonhos em produções concretas. Por tudo o que está escrito neste livro revelador só nos resta saudar a nova faceta deste artista: A de escritor. Salve o escritor Zelito Miranda!

Salvador, Verão de 2009.

A CIDADANIA COMO INSTRUMENTO DE
AUDIÊNCIA⁴¹
(A CONTRIBUIÇÃO DE JACQUELINE LIMA
DOURADO)

Para termos uma noção de como a Rede Globo de televisão vem se posicionando perante a nova configuração capitalista das indústrias culturais e conhecermos o papel exercido pela cidadania nas estratégias adotadas na programação da maior produtora de conteúdos televisivos do País, precisamos apenas ler este livro, Rede *Globo: mercado ou cidadania?* de autoria da jornalista, professora, mestra e doutora em comunicação, Jacqueline Lima Dourado.

Trata-se de um livro originado a partir da tese de doutoramento da autora, *Estudos das estratégias da Rede Globo de Televisão na esfera da cidadania*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A autora usou a Economia Política da Comunicação (EPC) como referência norteadora na análise dos problemas e das hipóteses levantadas.

Num momento em que todo o país discute a valorização da cidadania como ferramenta da democracia, este livro, que toma a Globo como referência, nos apresenta, de maneira clara e direta, os meios pelos quais a televisão brasileira está usando o *marketing*

[41] Prefácio publicado no livro intitulado *Rede Globo: mercado ou cidadania?*, editado pela Editora da Universidade Federal do Piauí (EDUFPI), em 2011.

e o *merchandising* sociais como plataforma para assegurar maior audiência, além de apresentar exemplos de como a cidadania é representada na programação de maneira transversal na grade transmitida diariamente.

Com larga experiência no mercado midiático, Jacqueline Lima Dourado, exercendo atualmente a docência no curso de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí, onde lidera o Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Diversidade, nos apresenta, neste livro, os resultados de um trabalho de pesquisa minucioso, onde a maturidade da pesquisadora emerge devido ao equilíbrio com que fez as análises dos dados coletados.

O livro apresenta um debate instigante sobre como a Rede Globo constrói seus conteúdos de cidadania e como eles são representados na grade de programação. A autora questiona o que a maior rede brasileira de televisão pretende alcançar com a inserção de temáticas sociais por meio de ações de *marketing* e *merchandising*, além de avaliar como a emissora lida com a constituição de identidades culturais e sociais em meio à alternância de programas de caráter global ou local.

Assim sendo, ao longo dos capítulos deste livro, Jacqueline Dourado descreve como a Globo atua e se posiciona com relação aos conteúdos, demonstrando a relação existente entre a cidadania e o espaço público midiático da rede. A autora identifica, questiona e nos apresenta ainda como as ações de *marketing* e *merchandising* sociais da Rede Globo de Televisão atuam no exercício da cidadania com o objetivo de garantir maior audiência, preservando a liderança exercida sobre as concorrentes.

O quarto e o quinto capítulos deste livro apresentam, a meu ver, a maior contribuição da obra ao conhecimento sobre o desenvolvimento da televisão brasileira. O quarto capítulo apresenta como as estratégias de *marketing* e *merchandising* sociais são utilizadas para difundir conhecimentos, promover valores, reafirmar princípios éticos, além de estimular mudanças de comportamento.

No quinto capítulo, a autora constrói o conceito de “grade transversal de programação”, um verdadeiro achado metodológico para a operacionalização de novos estudos relacionados com o conteúdo dos programas televisivos. Com base nesse conceito, Jacqueline apresenta a Globo como espaço público midiático e as formas como ela desempenha o papel de promotora de debates das questões sociais.

Apesar de reconhecer que estudos como este não permitem conclusões generalizadas, devido às especificidades e à complexidade dos agentes e objetos envolvidos, a autora afirma que “é impossível negar que a Rede Globo tem incorporado à programação temas sociais, alguns dos quais, hoje, estão mais em voga por conta da Constituição cidadã, de 1988, como também graças ao processo de redemocratização do País”.

Jacqueline Dourado também nos adverte que

[...] se é indiscutível a presença de conteúdos cidadãos na programação global, a crítica recorrente refere-se à falta de sistematização de um possível processo de conscientização das coletividades. [...] O problema é que, além da pulverização, [a Rede Globo] se restringe à transmissão de informações, sem avançar rumo ao aprofundamento das discussões temáticas sobre a vida dos cidadãos e suas relações com os outros, com o Estado, com as instituições e com o mercado.

Em síntese, *Rede Globo: mercado ou cidadania?* mostra claramente como a Rede Globo tem fortalecido sua imagem de TV socialmente responsável, usando as estratégias de *marketing* e de *merchandising* sociais. A rede se utiliza também da valorização da interatividade para aumentar sua credibilidade e liderança. Não tenho a menor dúvida de que este livro é uma contribuição positiva ao conhecimento da comunicação e que será de grande utilidade para os estudiosos e, principalmente, para os alunos de graduação e de pós-graduação interessados em conhecer diferentes facetas de

nossa televisão, que provocam novas reflexões. Este livro, muito oportuno, chega a público no ano em que se comemoram os 45 anos da Globo e os 60 anos da instalação da televisão em nosso país.

Salvador, maio de 2010.

REFLEXÕES QUE MERECEM DESDOBRAMENTOS⁴² (JOSÉ MARQUES DE MELO E A TELEVISÃO BRASILEIRA)

Neste livro, José Marques de Melo reconhece que cresceu na civilização da palavra impressa, sentindo-se como se fosse “peixe fora d’água” ao trabalhar com a temática da imagem e do movimento. Primeiro, diz ter convivido com o cinema, depois, presenciou o desenvolvimento da televisão, observando a maneira de “sua inserção cada vez mais intensiva, na vida cotidiana do planeta”, percebendo “como é difícil assimilar valores e rotinas que rompem com a linearidade”.

Seus estudos empíricos privilegiaram, e muito, o jornalismo impresso, mas com o tempo a televisão também se impôs na trajetória do pesquisador. Tenha sido ou não em função das circunstâncias, como sugere, o importante é que sua presença no setor foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa sobre a televisão, o nosso maior veículo de massa.

Ao realizar um balanço de sua própria produção acadêmica, ele afirma ter constatado que os estudos que fez na área televisiva foram eminentemente conjunturais, “denotando intervalos periódicos, descontinuidades temáticas e algumas vezes ajustes analíti-

[42] Este prefácio foi publicado no livro *Televisão Brasileira: 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção*, 2010. Uma publicação editada com apoio do Programa Globo Universidade, para subsidiar os debates do CELACOM 2010, XIV Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação Realizado no Memorial da América Latina. São Paulo, 17-90 de maio de 2010.

cos”. Entretanto, os textos reunidos neste livro, *Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção* [232 páginas], traduzem o quanto a participação de José Marques de Melo foi importante no sentido de se também construir uma bibliografia especializada sobre a televisão Brasileira. Lendo os textos aqui reunidos, pode-se, por exemplo, constatar que desde o primeiro momento ele esteve presente, envolvido, estimulando, organizando, participando, propondo e orientando estudos sobre a televisão brasileira. Este livro, apesar de não ter sido a intenção primeira do autor, de certa forma, é também um resgate da contribuição e envolvimento pessoal dele no desenvolvimento da produção acadêmica da área.

Seu interesse pelo fenômeno televisivo no Brasil data da década de 60 do século passado, quando realizou, em 1967, um estudo exploratório de recepção das telenovelas na cidade de São Paulo, quando professor e responsável pelo Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, constatando, baseado nos conceitos formulados por Morin (“concepção lúdica da vida”), Riesman (“multidão solitária”) e por Marcuse (“apatia política”), que a telenovela tinha se transformado “numa espécie de ‘ópio do povo brasileiro’ numa conjuntura tipicamente repressiva (o período compreendido entre o golpe militar de 1964 e o golpe dentro do golpe de 1968”.

O fato de ter trabalhado no Instituto de Estudos Econômicos, em 1966, supervisionando pesquisas de veiculação de anúncios para a televisão, permitindo-lhe compreender as implicações persuasivas da televisão, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do interesse de Marques por este veículo de massa. Ele também foi um dos primeiros professores a ensinar disciplinas de telejornalismo, na USP e na Cásper Líbero, além de ter sido também um dos responsáveis pela criação e implantação de um núcleo de estudos de telenovelas na USP. Se isso não bastasse, foi ainda na década de 60 que Marques de Melo publicou seus

primeiros livros abordando temáticas relacionadas com telejornal e telenovela, além de ter contribuído diretamente com a publicação de inúmeros outros livros, de autores variados, sobre televisão, quando dirigiu uma coleção de comunicação da Editora Vozes. Da década de 1960 para cá ele tem publicado livros e dezenas de artigos sobre vários aspectos da televisão.

Muito tem sido publicado sobre a participação de José Marques de Melo, no que diz respeito ao jornalismo, mas ele tem a mesma importância no que se refere especificamente à televisão. Aliás, no entender de Carlos Eduardo Lins da Silva, ele “não é apenas um dos mais importantes teóricos da comunicação da história do Brasil. Ele é a pessoa a quem esse campo de estudos mais deve no país”.

Particularmente, meu primeiro contato com José Marques de Melo foi por meio de seus livros, principalmente, *Estudos de Jornalismo Comparado*, obra de referência para a disciplina “Comunicação Comparada” que eu ministrava no curso de Jornalismo da UFBA, nas décadas de 70 e 80 do século passado. Quando fui realizar estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, mantive uma correspondência regular com ele, trocando ideias e considerando suas observações sobre temas televisivos nos quais eu estava trabalhando para as teses de mestrado e doutorado na Universidade do Texas, em Austin. Além de subsidiar com informações e se colocar à disposição para ajudar, ele também não deixou de solicitar colaboração para o então *Cadernos Intercom*, embrião da hoje *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, que seria dedicado ao tema: “Televisão & Poder”. A solicitação foi atendida e remeti um ensaio sobre o impacto do golpe de 64 no desenvolvimento da televisão brasileira, baseado em minha dissertação de mestrado, defendida em 1980.

Como se pode notar, a televisão era e continua sendo um dos interesses constantes deste pesquisador incansável. Só conheci o José Marques de Melo pessoalmente no ano de 1982, quando, fui

convidado, por ele, para participar do 5º Congresso da INTERCOM. Desde então, tenho acompanhado os passos desse pesquisador acadêmico e seu interesse pela televisão. Sob sua liderança tive a oportunidade de participar do projeto binacional entre dois países latino-americanos, intitulado “Estudo Comparativo dos Sistemas de Comunicação Social no Brasil e no México”, do qual participaram pesquisadores brasileiros e mexicanos. Como resultado de minha participação no projeto, meu texto transformou-se no livro intitulado *Um Perfil da TV brasileira: 40 anos de história (1950-1990)*, que foi também publicado em espanhol, no México.

Hoje, tenho alguns livros publicados, de minha autoria, sobre a televisão brasileira, mas o primeiro deles, publicado no Brasil sobre TV, foi estimulado por ele. É por isso que afirmo que se um levantamento for realizado hoje sobre o que existe publicado na área de televisão no país, encontraremos a presença ou a influência direta e indireta de José Marques de Melo. A maioria dos pesquisadores de renome da área foram seus orientandos ou trabalharam com ele em algum projeto. Isto para não falarmos da influência do GT de Televisão da INTERCOM, criado por ele nos anos 90, e que tive o prazer de ser coordenador por muitos anos por indicação dele.

Mas, deixemos de lado o registro da presença marcante de Marques nos estudos sobre a televisão brasileira, para nos dedicarmos um pouco a este livro, oportuno e indispensável, pois o autor nos oferece, reunidos, em uma única obra, ensaios produzidos e publicados ao longo dos anos. Os textos, aqui transformados em 15 capítulos distribuídos em três blocos, tiveram dados estatísticos atualizados e ou sofreram ajustes factuais, mantendo-se a estrutura básica de argumentação original. De maneira didática, os ensaios sobre a televisão foram agrupados em três partes: “Momentos Decisivos”; “Caminhos Tortuosos”; e, “Brechas Oníricas”, além de contar com um prólogo, “Itinerário Cognitivo”, e um epílogo, “Inventário Oportuno”.

O primeiro bloco, Momentos Decisivos, reúne seis capítulos. No primeiro, Um Lugar ao Sol, entre outras considerações, é apresentado como os governos militares se utilizaram da televisão para promover a integração nacional e estimular o ciclo modernizante do país. Aborda ainda como a televisão passou a absorver a maior fatia do bolo publicitário e a exportar seus programas. No segundo capítulo, Ícones Imortais, apresenta os dois maiores empreendedores da TV brasileira, “que ousaram criar condições para o avanço midiático e para a promoção de nossa identidade cultural”: Assis Chateaubriand e Roberto Marinho. Os textos originais foram ampliados e adaptados.

O terceiro capítulo, Catarse Coletiva, analisa a telenovela a partir dos anos 60, focando no enredo, nos personagens e cenários, além de abordar o fenômeno do fascínio exercido pelas telenovelas sobre os telespectadores. No quarto capítulo, País de Contrastes, o autor reuniu textos que foram escritos nos anos 1970, na conjuntura do chamado “milagre econômico” e tem o objetivo de situar o leitor com a época.

Os dois últimos capítulos do primeiro bloco, intitulados Ásperos Tempos e Ascensão e Glória, apresentam textos atualizados sobre os traumas causados pelo golpe de 1964 e que foram pinçados de dois livros anteriores de José Marques de Melo: *Telemania, anestésico social* e *As Telenovelas da Globo- produção e exportação*.

A segunda parte do livro, intitulada Caminhos Tortuosos, é composta por quatro capítulos, cujos dados sofreram ajustes factuais. O fio condutor dos três primeiros capítulos deste bloco são os dados obtidos na pesquisa nacional realizada pela então ABEPEC – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação –. Assim sendo, o sétimo capítulo do livro, A Segunda Colonização, com texto produzido nos anos 1980, acentua o caráter da televisão brasileira como instrumento do neocolonialismo. O oitavo capítulo, Trilhas Sinuosas, apresenta texto compactado do original publi-

cado em revistas da década de 1980, e analisa o tipo de programas exibidos, sendo a maioria deles gravados e enlatados. O nono capítulo, *As Malhas do Poder*, analisa o sistema político das concessões de canais televisivos da época e o coronelismo eletrônico instalado no país. O último texto do segundo bloco, o décimo capítulo do livro, *Globalização Continental*, é baseado em textos publicados em 1993, com ajustes factuais, a fim de oferecer uma ideia geral do processo globalizante e como a televisão se insere no contexto.

O terceiro bloco do livro, *Brechas Oníricas*, apresenta cinco capítulos, cujo elo são as telenovelas. No capítulo 11, *Fábrica de Sonhos*, o autor situa o leitor no panorama das indústrias de ficção audiovisual, discutindo os produtos nacionais: telenovelas, casos especiais e as minisséries. O capítulo 12, *Folhetim Nacional-Popular*, apresenta razões pelas quais a telenovela conquistou popularidade no Brasil. No capítulo 13, *Melodrama Tipo Exportação*, faz uma análise do mercado internacional de programas televisivos e explica como a TV Globo ganhou fatias desse mercado, começando pelos países de língua portuguesa, depois espanhola (na América Latina) e posteriormente invadindo outros países europeus e também os do bloco socialista, onde a telenovela “*Escrava Isaura*” se constitui no principal símbolo de sucesso das exportações da Rede Globo.

No 14º capítulo, *A Gata Borracheira do Campus*, o professor José Marques de Melo lança mão de artigos que escreveu e publicou na imprensa nacional e internacional e apresenta a odisséia da telenovela no campus. No último capítulo do livro, *Diálogo Entre Produção e Recepção*, adaptado a partir de uma apresentação que fez nos Estados Unidos, o autor aborda a necessidade de interatividade entre produtores e receptores. Ele analisa a interatividade entre audiência, produtos ficcionais seriados, tomando por base as telenovelas de maior sucesso nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do século passado. A importância dos capítulos que integram o terceiro bloco se evidencia no que o próprio José Marques de Melo diz: “A

telenovela constitui um formato singular do gênero ficcional na categoria entretenimento da comunicação televisiva latino-americana. Em face da grande audiência que alcançou nos mercados nacionais e do êxito conquistado como produto de exportação no mercado midiático mundial, vem merecendo interesse crescente da midiologia e da culturologia.”

Com o epílogo, Inventário Oportuno, o professor José Marques de Melo encerra este livro, que é a sua mais nova contribuição acadêmica, ampliando o conhecimento existente sobre a evolução de nossa televisão. Esta antologia, *Televisão Brasileira – 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção*, é instigante e reveladora, além de disponibilizar “para as novas gerações o conhecimento referente aos primeiros 60 anos da televisão brasileira”, com pontos de vista diferente do que é habitual.

Em síntese, este livro facilita ao leitor compreender, dentro do contexto e da conjuntura, de cada década, como aconteceu a evolução de nossa televisão, permitindo ainda uma avaliação paralela entre a televisão analógica e a digital que se encontra em implantação em todo o país. Este livro, vale ressaltar, não é um tratado, mas uma reflexão crítica inteligente, onde se destacam o rigor argumentativo, a clareza das ideias e o valor didático. Sem dúvida alguma será de grande utilidade para alunos de graduação, pós-graduação e para docentes e pesquisadores porque os textos aqui reunidos provocam reflexões e merecem debates e desdobramentos.

Salvador, fevereiro de 2010.

FRAGMENTOS VALIOSOS⁴³ (UMA PESQUISA DE RENATO BANDEIRA)

Muito se tem escrito sobre a Coluna Prestes, que continua estimulando a busca de novos detalhes que possam lançar luz sobre sua atuação. Neste livro, *Coluna Prestes na Bahia – Trilhas, combates e Desafios*, Renato Luís Bandeira tem como objetivo resgatar as andanças da Coluna Prestes no território baiano, refazendo o caminho de sua marcha, evidenciando as trilhas, os combates e os desafios enfrentados, o que de fato o faz. O livro apresenta detalhes, enriquecidos por valiosos depoimentos de testemunhas da época, colhidos nos locais por onde os rebeldes passaram.

Este trabalho é quase que um diário do período em que os Rebeldes estiveram na Bahia. Partindo dos relatos de Lourenço Moreira Lima, Bandeira acrescenta detalhes e esclarece pontos dúbios, utilizando-se dos depoimentos que confirmam ou desmentem certos fatos tidos como verdadeiros.

Bandeira relata que mais de ano se passara sem que a Coluna Prestes fosse combatida pelos legalistas que “brincavam de gato e rato somente para fazer face aos gastos do governo federal e, poder assim, comprovar a evasão da dinheirama”, pois muitos estavam lucrando com aquela perseguição sem fim. Devido à propagan-

[43] Texto escrito para as orelhas do livro *Coluna Prestes na Bahia: Trilhas, combates e desafios*, de autoria de Renato Luís Bandeira e publicado pela Assembleia Legislativa da Bahia. A terceira edição ampliada foi publicada em 2016 às expensas do próprio autor, com o apoio da Secretaria de Educação do município de Seabra. As orelhas da primeira edição foram mantidas.

da do governo Artur Bernardes as populações fugiam quando tomavam conhecimento da aproximação da Coluna com medo dos revoltosos. Sobre isto, Anita Prestes afirma: “Quem cometia toda sorte de tropelias contra o povo indefeso eram as tropas a serviço do governo”.

Bandeira, no entanto, corrige esta afirmativa acrescentando que os atos de vandalismo e violência eram praticados por todos, pelas tropas legalistas, pelos Batalhões Patrióticos como também pelos rebeldes comandados por Luís Carlos Prestes. Mas, deixa claro que ocorriam à revelia dos comandos e quando identificados, os culpados eram punidos.

Por três vezes a Coluna Prestes atravessou o território baiano, a primeira, em 2 de setembro de 1925, quando permaneceu por apenas cinco dias sem enfrentar problemas ou combater inimigos. A segunda entrada ocorreu no período de 26 de fevereiro a 18 de abril de 1926, quando por 52 dias percorreu 1.596 quilômetros. Os rebeldes ingressaram na Bahia atravessando o rio São Francisco, em trecho próximo à Cachoeira de Paulo Afonso, dirigindo-se à Chapada Diamantina, mais precisamente a Mundo Novo e Morro do Chapéu. Nessa segunda entrada a Coluna encontrou resistência por parte dos jagunços do coronel Horácio de Matos.

A terceira entrada na Bahia, depois de ir a Minas Gerais e fugir estrategicamente das tropas que aguardavam os rebeldes, ocorreu no período de primeiro de março a 2 de julho de 1926, percorrendo em 64 dias, 2.820 quilômetros entre Condeúba e Rodelas. Nessa terceira passagem pela Bahia, a Coluna Prestes enfrentou a perseguição implacável dos legalistas, principalmente na região de Mucugê, Seabra, Iraquara, Central e Uibaí, causando-lhes grandes baixas.

Enfim, os fragmentos históricos sobre a Coluna Prestes e sua atuação na Chapada Diamantina contribuem para preencher lacunas e restabelecer algumas verdades. Este livro é uma importante contribuição, valorizada pelos depoimentos exaustivamente levan-

tados por Bandeira que percorreu as mesmas trilhas percorridas por Prestes para produzir este relato.

Salvador, novembro de 2011.

SALVADOR À NOITE⁴⁴ (A VISÃO ARTÍSTICA DE VALTER LESSA)

O repórter-fotográfico Valter Lessa é, na essência, um artista visual que sabe pintar com a luz. Seus trabalhos apresentam contrastes que dão vida, transmitem emoções e registram momentos únicos por meio das lentes de sua câmera Hasselblad. Este livro é um ensaio fotográfico documental extremamente criativo e de rara beleza que, além de registrar a realidade, a luminosidade de *Salvador à Noite*, é também uma obra de arte interpretativa do artista-poeta e fotógrafo que Lessa é.

Lessa é sensível, intuitivo e por isso suas fotos alcançam a essência. Ele é um fotógrafo notável, pois sabe dominar e organizar todas as variáveis que compõem a linguagem formal da fotografia: o plano, o fundo e o sistema de linhas. Fotografando contra a luz da Lua, por exemplo, ele consegue destacar relevos, criar noção de volume e transmitir a estética da natureza que se funde com a intervenção urbana do homem, com suas construções, como se fossem uma peça única.

As fotos de Lessa não registram apenas um fragmento, uma imagem estática, pois ele soube captar o essencial imperceptível. Ao admirar cada fotografia, com suas nuances, podemos interpretar a imagem acrescentando a ela o nosso repertório de sentimentos e de lembranças, que nos leva a imaginar e a sentir o cheiro, a brisa, a paz da luz da Lua, a tranquilidade, o aconchego e a beleza

[44] O livro para o qual o prefácio foi produzido, ainda não foi publicado.

que o local registrado nos transmite. Ele captura e evidencia um instante perfeito, expressando um olhar único sobre o que vê em fração de segundos. Para alcançar o objetivo, obter uma boa fotografia, ele investiu muito tempo de observação e de espera pelo momento adequado.

Produzir fotografias noturnas com qualidade e criatividade exige do fotógrafo um alto conhecimento de seu equipamento e da técnica em si. Alta exposição, tripé e grandes aberturas de diafragma são apenas algumas coisas que ele precisa saber usar para o registro de fotos noturnas. E isso Lessa sabe fazer com maestria, pois é o artista da captação de momentos, exercendo total controle sobre sua câmera Hasselblad, lentes e filmes. Ele sabe usar a angulação, o enquadramento e a iluminação perfeita para captar paisagens utilizando a luz da Lua e a iluminação artificial da cidade. Lessa sabe interpretar a realidade, captando também a alma ambiental em um segundo. Ele não apenas clica e copia, ele recria o ambiente externo de Salvador, por meio da realidade estética.

A exemplo de Sebastião Salgado – mundialmente reconhecido por seu estilo de fotografar – podemos dizer que Valter Lessa também tem um estilo próprio, evidenciado no registro de imagens noturnas de Salvador, que permite ao espectador escolher caminhos para múltiplas interpretações. Ele recorta a realidade, vislumbrando a essência além da aparência, e com isso produz emoções. Em síntese, Valter Lessa revela, neste livro, uma realidade aparente e essencial, o instante poético, com o qual consolida a identidade de Salvador, com elevado senso estético.

Salvador, primavera de 2011.

ALAGOAS NA IDADE MÍDIA⁴⁵ (JOSÉ MARQUES DE MELO RESGATA DÉBITO CULTURAL)

Neste ano de 2013, José Marques de Melo completa 70 anos de idade, sendo que destes, 55 foram dedicados ao jornalismo e a comunicação, ora como repórter, ora como articulista, ora como pesquisador, ora como professor, formador de opinião e de profissionais que passaram a atuar no jornalismo em particular, ou no campo da comunicação em geral, seguindo-lhe os passos. Marques nasceu no dia 15 de junho de 1943 em Palmeira dos Índios, mas cresceu e criou raízes em Santana do Ipanema, Alagoas. E depois, quando de lá saiu para estudar, nunca mais se acomodou como ele mesmo diz neste livro: “Tendo inoculado o vírus do retirante nas águas salobras do Ipanema, tornei-me andarilho cultural: percorri quase todos os quadrantes europeus e americanos, inclusive os territórios onde vicejou o socialismo real”.

Depois de ter feito nome nacional e internacional ele se volta às origens. Mesmo estando ausente do território caeté desde os anos 1960, José Marques de Melo não perdeu os laços afetivos com o seu povo e a sua cultura. Nos últimos dez anos, tem se dedicado a colocar Alagoas na agenda investigativa dele, tendo publicado inúmeros artigos e ensaios voltados à preservação do ethos

[45] O título original do prefácio publicado no livro *Alagoas na Idade Mídia* foi “Andarilho cultural resgata débito intelectual”. O livro foi publicado pela Viva Livraria e Editora, de Maceió, em 2013.

alagoano. Todo o esforço tem sido feito no sentido de saldar um compromisso pessoal, um “débito intelectual”, como ele denomina, para com Alagoas, o seu estado natal.

Em 2009 ele publicou, em *O Jornal*, de Maceió, um ensaio intitulado “Diáspora intelectual santanense: a vanguarda da terra espinhosa”, no qual sistematizou o contingente literário de Santana do Ipanema em três grupos: Vanguarda Sertaneja, Retaguarda Litorânea e Diáspora Nacional. No artigo ele afirma:

[...] a formação de diásporas intelectuais só pode ser compreendida num quadro de penúria cultural, que induz os jovens à emigração. Seus integrantes preservam laços orgânicos muito tênues com a terra de origem. Mas ela permanece como fonte de inspiração ou matriz geradora dos componentes sociológicos e geográficos que configuram as criações em prosa e verso. Se a era da imprensa não foi auspiciosa para a cultura santanense, a idade da internet vem favorecendo e estimulando o florescimento literário. Tais condições foram criadas no processo de transformação socioeconômica que o município experimentou na segunda metade do século XX, ultrapassando o estágio agropastoril, para se converter em polo terciário, dinamizando o setor de serviços.⁴⁶

Em 2010, juntamente com Rossana Gaia ele lançou um livro totalmente diferente de toda a sua obra: *Sertão Glocal: um mar de ideias às margens do Ipanema*⁴⁷, editado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas. Nesse livro, que ele denomina de diáspora santanense, Marques de Melo apresenta um panorama literário do município de Santana do Ipanema que é conhecido

[46] MARQUES DE MELO, José. “Diáspora intelectual santanense: a vanguarda da terra espinhosa”. *O Jornal*, 06/2009. Maceió. Disponível em [HTTP://www.maltanet.com.br/literatura/exibe.php?id=755](http://www.maltanet.com.br/literatura/exibe.php?id=755) – acesso em 21/03/2009

[47] MARQUES DE MELO, José; GAIA, Rossana (org.) *Sertão Glocal: um mar de idéias brota às margens do Ipanema*. Maceió: EDUFAL, 2010.

como terra de poetas, contistas, dramaturgos, romancistas, biógrafos, cineastas e historiadores.

O resgate do débito intelectual que José Marques de Melo tem procurado fazer nos últimos dez anos, atinge o ápice com a publicação deste livro *Alagoas na Idade Mídia*, que apresenta três eixos temáticos: 1) Província, no qual apresenta um inventário dos pensadores comunicacionais alagoanos; 2) Aldeia, no qual ele resgata o passado, esboçando o presente; e, 3) Tribo, no qual ele aborda a história da própria família. Os três eixos são constituídos por textos prioritariamente de origem jornalística, produzidos a partir de motivações as mais variadas. Os artigos e os eixos temáticos se completam de modo a configurar e justificar o título da obra.

Se reunir estes artigos e reflexões foi um desafio, o resultado se configura como um inventário prolífero e histórico, por meio do qual José Marques de Melo coloca Alagoas na geografia comunicacional do país, tendo em vista, principalmente, o fato de que ele resgata a identidade jornalística alagoana por meio da memória da imprensa e a construção da história da mídia de Alagoas, tendo como pano de fundo os perfis biográficos dos homens que participaram dessa história. A identificação do acervo bibliográfico e das personalidades que contribuíram para a construção da cultura alagoana, da identidade caeté, é como o próprio autor diz, “o mapa da mina para o resgate do elo perdido”.

Além de fazer o resgate histórico e preservar a memória, um dos méritos deste novo livro de José Marques de Melo é o de inserir Alagoas, os jornalistas e intelectuais alagoanos no cenário nacional, fazendo o link de suas contribuições para com as ciências da comunicação. Com este livro, José Marques de Melo enriquece conteúdos, contextualiza fatos e acontecimentos, além de motivar os mais jovens a dar continuidade à pesquisa por ele iniciada e ou estimulada. Com este livro, ele mostra o caminho das pedras e confirma o fato de que uma memória resgatada é a condição míni-

ma para a manutenção da identidade cultural na nação caeté e da inclusão da sociedade alagoana no espaço midiático.

Como homem inquieto e perspicaz, que reflete e questiona, durante todo o tempo, sobre o que, como e por que fazer, José Marques de Melo, ao longo de sua vida e obra multifacetada, tem nos mostrado o que deve e o que ainda precisa ser feito no campo da comunicação. Neste livro, ao denominar cada eixo temático com palavras-chaves (Província, Aldeia e Tribo) José Marques nos remete a um dos ícones da comunicação, Marshall McLuhan, que já nos alertava com os seguintes pensamentos:

Quando confrontados com uma situação inteiramente nova, tendemos a ligar-nos aos objetivos, ao sabor do passado mais recente. Olhamos o presente através de um espelho retrovisor. Caminhamos de costas em direção ao futuro.

[...]

O nosso é um mundo inteiramente novo de simultaneidade. O “tempo” cessou, o “espaço” sumiu. Vivemos agora uma aldeia global... um acontecer simultâneo.⁴⁸

A leitura deste novo livro de José Marques de Melo nos obriga a navegar nos múltiplos links que ele faz com suas obras anteriores e com a de outros autores, os mais variados. Ler este livro é como se estivéssemos na internet navegando em múltiplos links com acesso a outras obras para completar o exercício a que o autor nos instiga.

Neste livro, ao lado de seus perfilados, José Marques é, ao mesmo tempo, observador participante, agente da narrativa e intérprete das leituras feitas, a partir de seus condicionamentos, hábitos e experiências. Ele identifica a identidade cultural, os aspectos

[48] MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

peculiares da diáspora caeté. A contribuição de cada intelectual/jornalista citado é construída a partir do reconhecimento de uma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos e pessoas, tendo em vista que a memória do grupo se baseia na afirmação de sua identidade.

Ao mapear as características e tendências da memória caeté, ele alinha questões e levanta discussões a partir de um referencial intelectual local, que também é nacional e global. A maior contribuição da preservação da memória é o fato de que só assim se pode construir e valorizar a história de pessoas e lugares. Stuart Hall, por exemplo, afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação”.⁴⁹

Ao resgatar as contribuições de cada personalidade abordada, ele constrói uma identidade alagoana consistente com a determinação da diáspora caeté. E para tanto, ele identificou raízes e penetrou no âmago da história, pois o autor tem consciência de que a memória é um elemento constituído do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.

Ao abordar os escritores emblemáticos de Alagoas, José Marques diz: “a diáspora nacional apresenta fisionomia complexa cobrindo universos oscilantes entre a história e a política, a antropologia cultural e a economia contábil, a medicina social e a etnografia regionalista”. Ao destacar, por exemplo, a figura emblemática de Arthur Ramos, o projeto dele para UNESCO e a contribuição ao campo da comunicação, José Marques afirma:

Fica explícita, desta maneira, a extensão do programa estratégico de Arthur Ramos para todo o campo das ciências sociais, beneficiando posteriormente disciplinas do saber

[49] HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999, p. 48.

aplicado, como é o caso da comunicação. [...] A verdade é que, já na década de 30, quando escrevia seu livro *Introdução à Psicologia Social*, um manual didático destinado aos estudantes da pioneira Universidade do Distrito Federal, Arthur Ramos tinha clareza sobre o papel da mídia na sociedade.

Por outro lado, Marques de Melo identifica Santana do Ipanema como o “espaço de confluência simbólica” e constata os sinais positivos da tecnologia moderna, no tempo presente do sertão, um sertão glocal que está emergindo como espaço geocultural, no qual a internet tem ocupado espaço e contribuído para a modernidade.

Quando escreveu a apresentação de seu próprio livro, *Jornalismo Forma e Conteúdo*, lançado em 2009, José Marques de Melo já registrava suas preocupações com as tendências do jornalismo:

Vivemos uma conjuntura marcada pela presença de novos interlocutores interferindo na cena jornalística. Além da vigilância exercida pela cidadania, começa a ter peso a avaliação de desempenho feita metodicamente pelos observatórios midiáticos ou pelos ouvidores dos usuários da mídia. Avulta também a corrente que, ancorada nos espaços acadêmicos ou nos movimentos sociais, reivindica a hegemonia da crítica radical.⁵⁰

Neste novo livro, sua preocupação é recorrente. Ele não esconde sua preocupação com a turbulência que o jornalismo vem atravessando frente às mudanças tecnológicas, sociográficas e geopolíticas, que têm atropelado os processos de produção da notícia.

Com este livro José Marques de Melo nos oferece uma trajetória diversificada da mídia alagoana, concentrando-se em perfis biográficos, além de preencher lacunas historiográficas, resgatando acontecimentos singulares. Aqui ele apresenta novas e interessan-

[50] MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo, Fonte e Opinião*. São Caetano do SUL, SP: Difusão editora, 2009, p.15.

tes contribuições para se pensar a comunicação, além de novos detalhes para enriquecer sua própria biografia.

Em síntese, podemos dizer que o autor consegue, com este livro, resgatar a autoestima alagoana e santanense estimulando as novas gerações a lembrar e a ter orgulho dos valores municipais e estaduais. Acredito que ele cumpre plenamente o seu débito intelectual para com Alagoas, além de desafiar a nova geração de jornalistas professores e pesquisadores alagoanos a dar sequência ao trabalho agora iniciado. Mais uma vez ele ensina o caminho das pedras e nos dar o exemplo de como proceder no sentido de encontrar no passado a força para a construção de nossa identidade.

Salvador, 22 de dezembro de 2012.

JORNALISMO CULTURAL DE QUALIDADE⁵¹ (A ESSÊNCIA DO JORNALISTA ALBENÍSIO FONSECA)

Com texto primoroso de cronista nato e o espírito jornalístico aguçado, Albenísio Fonseca reúne neste livro, *Jornalismo Cultural – EM TRANSE*, uma coletânea de suas produções publicadas nos suplementos da imprensa baiana, ao longo dos últimos 35 anos, como fruto de uma atuação marcante, como repórter, editor e empresário na área de comunicação, pois foi responsável pelo lançamento de publicações como o *Jornal do Recôncavo*, *Jornal da Orla*, *Jornal da Península*, *A Era da Qualidade*, *Jornal do São João* e muitos outros.

Nos 50 textos selecionados, Albenísio revela ângulos e perspectivas diferentes de olhar o lugar comum, nos levando a transitar por suas memórias e sensibilidade jornalística. Ele nos conduz a admirar aspectos que foram objeto de seu olhar clínico e crítico. Com seu estilo de relatar, de se entranhar na realidade, de ir além da superficialidade jornalística, ele apresenta o âmago do que, e sobre o que, está escrevendo, descrevendo o corpo físico e o espírito cultural impregnado do cheiro e da cor do ambiente.

Foi durante a década de 1980, quando a indústria cultural brasileira marcou crescimento expressivo, que Albenísio Fonseca começou a atuar, fazendo sua interpretação estética e a representa-

[51] Este prefácio encontra-se no livro *Jornalismo Cultural - EM TRANSE*, publicado e lançado pela editora Boa Ideia, em fevereiro de 2017.

ção do sistema artístico-cultural baiano, de um modo tão singular que seu estilo se destacou, passando a ocupar as capas dos suplementos dos jornais onde trabalhou. Albenísio aprendeu a fazer uma triagem dos produtos culturais, priorizando aspectos que lhe permitisse fugir da padronização da cobertura cultural dos jornais, sempre acrescentando um toque especial, um requinte, em tudo que escrevia.

Nos textos aqui reunidos percebe-se a consciência crítica e criativa do jornalista, atuando dentro de um conceito de cultura amplo e atual, lançando mão de ferramentas técnicas e teóricas relacionadas a cada manifestação cultural. Ele desenvolve uma metodologia própria, tanto no processo de captação da informação quanto na estruturação de seus textos, superando os obstáculos de maneira ética e criativa, correspondendo aos pressupostos teóricos da cultura e do próprio jornalismo.

A atuação dele como jornalista cultural vai além de textos informativos e opinativos distribuídos aqui na forma de reportagens, entrevistas, artigos, crônicas, resenhas e coberturas de eventos. A diversidade de temas e formas de abordagens dos produtos culturais é inerente ao próprio autor. Albenísio tem consciência de que o jornalismo é um instrumento de integração entre as tradições, revelando a cultura baiana como algo dinâmico, múltiplo e colorido.

Como jornalista cultural ele se posiciona, emite opiniões e faz cobranças com vista à revitalização, preservação dos bens culturais, históricos e ambientais. Ele demonstra ter consciência de que o jornalismo cultural envolve a produção, circulação e consumo de bens simbólicos dentro de um contexto de mercado tão amplo que o obriga a avaliar e analisar a produção simbólica de maneira profissional e coerente de forma a lhe garantir legitimidade.

Neste livro, um marco do Jornalismo Cultural praticado na Bahia, um caleidoscópio cultural, o leitor passeia por uma diversidade temática que vai do cinema à literatura, da música à antropo-

logia, da história à fotografia, do esporte ao design, passando ainda pelo marketing e publicidade.

Albenísio identificou novos veículos de comunicação e de intervenção cultural na vida da cidade, nos grafites registrados nos muros de Salvador, “um novo veículo para a poesia ou suporte para as artes plásticas” em um “universo estético que transcende objetivamente a cotidianidade dos trabalhos domésticos e instaura não exatamente o princípio, mas o precipício do prazer”. Ele identificou, nas camisetas e nas bijuterias produzidas com temas baianos, novos meios de comunicação incorporados como extensão do homem e por meio dos quais as mensagens culturais são multiplicadas. Para ele, de maneira poética, a bijuteria é identificada como “um teatro de seduções aleatórias”.

A fragmentação da experiência jornalística dele nos é apresentada nestes textos que, de modo singular, captam aspectos únicos do espaço cultural da cidade e da Bahia, ao mesmo tempo em que o autor desfila, com naturalidade, um conhecimento teórico dos principais pensadores da contemporaneidade, citando-os adequadamente, com a intimidade de grande conhecedor de suas obras.

Abordando temáticas variadas com sua lupa de aumento, Albenísio faz o registro de fragmentos culturais examinados sob a ótica jornalística, enriquecida pelo conhecimento e sensibilidade de um poeta-cronista cultural que pratica o jornalismo com um olhar que revela paixão e compromisso com o fazer cultural contemporâneo. A riqueza dos textos aqui reunidos é uma demonstração de que o jornalismo cultural foi e ainda é praticado nesta cidade com amor, paixão e profissionalismo. Albenísio consegue descrever qualquer tema, buscando suas origens na história, contextualizando a cultura e seu relacionamento intrínseco com o universo da comunicação.

O autor estabelece o diálogo entre o querer e o criar cultural com a comunicação, evidenciando o valor, a participação e a intervenção do jornalismo cultural na sociedade, como fonte de

reprodução, de registro, de resgate da memória, e de participação efetiva como instrumento de cidadania.

Jornalismo Cultural – EM TRANSE é um livro marcante, caracterizando-se como um registro de uma época e de nossa cultura. Os temas abordados permanecem tão atuais quanto no dia em que foram publicados pela primeira vez. Com a capacidade de transitar entre assuntos diversos, trabalhados como fragmentos, sem eliminar a transversalidade cultural aqui apresentada, Albenísio promove uma perfeita articulação entre os temas. Ele oferece aos leitores uma diversidade de situações, fornecendo-lhes uma melhor compreensão dos fatos. Como bom jornalista, além de informar, ele também influencia na percepção do leitor, por meio da interpretação dos acontecimentos, esclarecendo seus pontos de vista sobre os temas abordados e sua respectiva relevância no meio cultural.

Ao ter em mãos este conjunto de fragmentos culturais, que dão a noção de um todo, o leitor pode dimensionar o que é, na verdade, este gênero do jornalismo, pois Albenísio Fonseca produz um Jornalismo Cultural de Qualidade.

Salvador, maio de 2013.

PARA ENTENDER A NOSSA INDEPENDÊNCIA⁵² (PESQUISA DE CONSUELO PONDÉ DE SENA)

No ano em que a Universidade Federal da Bahia (UFBA) comemora 70 anos de existência [2016], a Editora da UFBA (Edufba) promove a reedição do livro *A imprensa reacionária na independência – Sentinella Bahiense*, de autoria de Consuelo Pondé de Sena⁵³, publicado originalmente pelo Centro de Estudos Baianos (CEB, 1983), do qual ela foi diretora. Consuelo dedicou toda a sua vida a preservar a memória e as tradições históricas da Bahia, a exemplo da luta pela nossa independência e a significação do 2 de Julho de 1823 para a Bahia e para o Brasil, pois, como destacou o historiador Tobias Barreto, foi “a resistência baiana que decidiu a unidade nacional”. Este livro é um exemplo dos objetivos da autora em esclarecer e transmitir o quanto a participação dos patriotas baianos foi importante para validar definitivamente a Independência do Brasil.

Como historiadora, a vida profissional de Consuelo sempre girou em torno de instituições baianas vinculadas à cultura, à história e à educação, mas duas entre tantas se destacam prioritariamente: a UFBA e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB). Para entendermos melhor a importância histórica deste

[52] Este prefácio foi publicado na segunda edição do livro *A imprensa reacionária na independência – Sentinella Bahiense*, publicado pela EDUFBA no ano 2016, como parte da Coleção UFBA 70 Anos.

[53] Consuelo Pondé de Senas nasceu em Salvador em 19 de janeiro de 1934 e faleceu em 14 de maio de 2015.

livro, se faz necessário falar um pouco sobre a trajetória de Consuelo nestas duas instituições.

Concluído os estudos do primeiro e segundo graus, depois de obter a primeira colocação no vestibular, diplomou-se em Geografia e História pela UFBA em dezembro de 1956. Atraída pelas disciplinas de natureza antropológica e pelo estudo da língua Tupi, foi sucessora do prof. Frederico Edelweiss no ensino dessa disciplina, a partir de 1963 quando ingressou na UFBA, da qual se aposentou em 1993 após 31 anos de trabalho. Na Universidade ocupou cargos administrativos. Consuelo sempre foi uma professora dedicada, com mestrado em Ciências Sociais – História Social, tendo exercido com competência e determinação a chefia do Departamento de Antropologia e Etnologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFFH) e a diretoria do Centro de Estudos Baianos (CEB) (1974-1983). Durante a gestão dela no CEB, foram publicados um total de 30 trabalhos abordando temas de interesse da Bahia.

No Instituto Geográfico e Histórico da Bahia foi presidente reeleita por vários mandatos consecutivos, dedicando-se à preservação dos valores históricos e culturais do 2 de julho. Consuelo foi considerada por seus pares como a maior guardiã da História da Bahia. Todos os anos, nos festejos do 2 de Julho, ela não se cansava de lembrar que esta é uma festa de origem popular, não oficial, proveniente de uma guerra na qual o povo teve participação decisiva. Sob a direção dela, o IGHB manteve-se como guardião e protagonista da história da Bahia. Antes de assumir o IGHB (1996-2015), dentre outras funções públicas Consuelo foi diretora do Arquivo Público da Bahia (1986-1990) e diretora da Casa de Rui Barbosa da Associação Baiana de Imprensa (ABI) (1985-1987).

Como pesquisadora e autora, Consuelo Pondé de Sena publicou vários livros, dentre os quais destacam-se: *Portugueses e africanos em Inhambupe* (1977), *Introdução ao estudo de uma comunidade do agreste baiano: Itapicuru* (1987), *Os Dantas*

de Itapicuru (1987), *Trajatória Histórica de Juazeiro* (1992), *Cortes no Tempo* (1997), *A Hidranja Azul e o Cravo Vermelho* (2003), *Bernardino de Souza – vida e obra* (2010), *No insondável tempo* (2013) e o livro *A imprensa reacionária na independência – Sentinella Bahiense* (1983), objeto desta apresentação.

Este livro de Consuelo Pondé de Sena inclui-se entre aqueles que jamais devem ser esquecidos por causa da contribuição que faz para entendermos melhor a luta travada pelos baianos no processo da nossa independência, além de valorizar o estudo de jornais antigos publicados na Bahia e ainda tão pouco estudados. Sobre o papel do redator (como eram denominados os jornalistas da época) Joaquim José da Silva Maia existem apenas dois livros publicados, o de Consuelo, que analisa o jornal *Sentinella Bahiense* (1822) e o de Maria Beatriz Nizza da Silva, que estuda o *Semanário Cívico* (1821-1823). Enquanto Consuelo destaca o papel que o redator português exerceu no sentido de tentar persuadir o público leitor a se posicionar contra a decisão de D. Pedro de convocar uma Assembleia Legislativa e Constituinte no Brasil, o trabalho de Maria Beatriz recupera as discussões políticas travadas durante aquele período.

O *Sentinella Bahiense*, que se constitui em uma importante fonte documental para quem estuda o processo de nossa independência, foi criado pelo português Joaquim José da Silva Maia no dia 21 de junho de 1822. Os 15 números desse jornal foram impressos na Tipografia da Viúva Serva e Carvalho, tendo o último sido impresso no dia 07 de outubro de 1822. O jornal, de vida efêmera, era impresso no formato 18,5 X 28,5cm e tinha o objetivo de promover a defesa dos interesses da nação portuguesa, pois seu proprietário se denominava zelador dos interesses pertinentes à regeneração portuguesa e não deixava de acusar os “facciosos do Recôncavo” como os culpados pelas agitações que ocorriam naquele ano.

Em seu número inaugural, o redator do *Sentinella Bahiense* já demonstrava o desapontamento com relação aos objetivos constitucionalistas de 1821, que, na visão de Joaquim José da Silva Maia, foram desvirtuados com a criação de novos partidos – Democrático e Constitucional – que visavam fomentar a rivalidade entre portugueses e brasileiros. Segundo Consuelo, o redator estava indignado com a distorção dos propósitos constitucionalistas e com as decisões de D. Pedro. O *Sentinella Bahiense*, portanto, estava empenhado na luta pela causa portuguesa e funcionava como um auxiliar na divulgação da doutrina do *Semanário Cívico*.

Com esse propósito, registra Consuelo, “transmitia notícias tendenciosas e mentirosas” com o objetivo de intimidar os brasileiros e, ao mesmo tempo, exaltar as forças portuguesas. Este trabalho analisa o conteúdo dos 15 exemplares do *Sentinella Bahiense*, jornal panfletário, que Consuelo denomina de reacionário, pois “recusava-se a noticiar qualquer informação que significasse as derrotas das forças portuguesas”. A autora destaca ainda que “na realidade, não lhe interessava registrar a bravura e o denodo dos patriotas baianos e a progressiva perda de posição dos lusitanos aqui sediados”.

Fazendo uma analogia com os posicionamentos da imprensa dos nossos dias, Consuelo Pondé de Sena, emite opiniões seguras quanto a parcialidade da imprensa da época de nossa independência, como nos trechos a seguir: “Aliás, como hoje, somos forçados a concluir – é difícil, senão impossível, obter-se a imparcialidade absoluta dos nossos meios de comunicação quando estão em jogo a defesa de causas adversas e dos interesses contrários”. Mais adiante, ela conclui que “o que se depreende, com muita clareza, de todos esses relatos, é que o *Sentinella Bahiense* pretendia proclamar a inexistência de unanimidade nos propósitos libertários do nosso povo”.

O estudo de Consuelo destaca que os últimos números (11, 12, 13 e 14) publicados depois do 7 de setembro de 1822 ignoram

totalmente aquela data e o que aconteceu no sul do país. O jornal ignorava a proclamação da independência e continuava sua doutrinação a favor da causa portuguesa, a Regeneração Nacional, além de continuar criticando os movimentos e governos instalados no Recôncavo, classificando-os como “rebeldes, sediosos e perturbadores da paz”. A edição de número 14 foi dedicada a criticar o que acontecia no Rio de Janeiro, a ameaçar os baianos, além de omitir as batalhas que ocorriam na Bahia.

Ao analisar a última edição do *Sentinella Bahiense*, publicada no dia 7 de outubro de 1822, a autora constatou que o jornal além de ignorar o que estava acontecendo em Salvador dedica toda a sua primeira página à ordem emitida pela Junta Provisional, baseada na Lei n. 189, destinada a promover a eleição dos deputados para a legislatura das futuras cortes da Província, incluindo-se as Villas do Recôncavo. No número 15 foi publicado uma nota do redator anunciando o fim do *Sentinella*, pois tudo o “que eu poderia dizer o faz melhor o *Semanário Cívico*”.

No último parágrafo deste livro, Consuelo Pondé de Sena registra suas conclusões sobre o fim do jornal: “o redator não tinha mais fôlego para dar continuidade ao seu trabalho [...] Na realidade, não havia mais por que duplicar as notícias sobre a situação política da Bahia, quando a marcha dos acontecimentos evidenciava a nossa futura vitória”. A reedição deste livro é importante tanto para quem milita na área da história como na área da comunicação e interessa a todos porque se trata de um resgate de parte de nossa história e dos nossos valores culturais.

Registre-se que um mês depois do último número do *Sentinella Bahiense* ter circulado, no dia 8 de novembro de 1822 teve início a Batalha de Pirajá, quando as forças brasileiras começaram a vencer e a exercer o bloqueio da cidade de Salvador, forçando a retirada das tropas portuguesas. O processo de libertação da Bahia do jugo colonial português começou em Cachoeira, no dia 25 de Junho de 1822, com a expulsão das tropas do general Madeira de

Melo do Recôncavo, culminando com a entrada triunfal do Exército Libertador em Salvador, no dia 2 de Julho de 1823, libertando definitivamente a Bahia, que permanecera até então sob o domínio de Portugal.

Apesar de não ser objeto da análise de Consuelo Pondé de Sena, que se propôs a estudar os 15 números do *Sentinella Bahiense*, a reedição do livro ***A imprensa reacionária na independência – Sentinella Bahiense*** deixa transparecer o quanto precisamos ainda pesquisar sobre os jornais e o papel de seus redatores e proprietários em todos os períodos de nossa história. É necessário que novos estudos sejam feitos sobre o redator Joaquim José da Silva Maia que deixou o Brasil junto com as tropas portuguesas, estabelecendo-se na cidade do Porto, Portugal, onde editou o jornal *Imparcial* a partir de 1826 até o ano de 1828, tendo publicado cerca de 120 edições. Em 1829 ele retornou ao Brasil e começou a publicar *O Brasileiro Imparcial* a partir de janeiro de 1830. Como se pode observar a reedição do livro de Consuelo Pondé de Sena serve de inspiração também para novos estudos sobre a imprensa brasileira e em especial sobre os inúmeros jornais publicados na Bahia, principalmente os que foram editados na cidade de Cachoeira.

Que tenham uma boa leitura!

Salvador, 7 de março de 2016.

A MEMÓRIA TELEVISIVA POTIGUAR⁵⁴ (TRABALHO ORGANIZADO POR VALQUÍRIA KNEIPP)

A bibliografia referente à televisão brasileira ainda é muito carente e este livro, *Trajatória da Televisão no Rio Grande do Norte – A fase analógica*, organizado pela doutora Valquíria Aparecida Passos Kneipp, caracteriza-se como mais um esforço no sentido de registrar particularidades dessa história, cheia de revelações e de detalhes regionais que enriquecem os estudos sobre a evolução desse meio em nosso país.

Considerando que o livro se propõe a resgatar parte dessa história, resolvi iniciar esta apresentação relatando como, indiretamente e por “osmose acadêmica”, tenho também minhas ligações com a chegada da TV no Rio Grande do Norte. Essa ligação passa pelos meus estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, onde fui orientando de doutorado do brasilianista Emile G. McAnany, que começou a se interessar pelo Brasil no ano de 1967 quando, ele ainda como aluno de doutorado na Universidade de Stanford, na Califórnia, orientando de Wilbur Schramm, matriculou-se numa disciplina que tinha o objetivo de desenvolver um projeto Educacional na Televisão, utilizando a tecnologia do satélite para ser testado nas áreas rurais do Brasil, Índia e Indonésia.

O projeto de uso do satélite para promover educação do qual participou em 1967 na Universidade de Stanford, acabou sendo

[54] O livro para o qual este prefácio foi escrito encontra-se em produção, no prelo e será lançado neste ano de 2017.

adaptado no Brasil pelo INPE (Instituto Nacional de Estudos Espaciais), em São José dos Campos.

Inicialmente, o Brasil não era o objetivo específico da disciplina, mas a presença de três estudantes brasileiros de pós-graduação acabou influenciando na condução do curso. Vale destacar que a conexão do Brasil com a Universidade de Stanford já tinha antecedentes, pois o primeiro engenheiro brasileiro a obter Doutorado em Stanford, no ano de 1964, foi Fernando Mendonça, que se especializou em satélites. E os três estudantes brasileiros que estavam na turma de Emile McAnany, eram estudante/orientandos de Fernando Mendonça, no Brasil, mais precisamente em São José dos Campos onde ele desenvolvia pesquisas relacionadas ao uso de satélites e sua aplicabilidade em programas educacionais (MATTOS, 2010, p.299-300).

Em 1977, Emile McAnany retornou ao Brasil para avaliar o impacto do projeto de simulação do satélite que o INPE implantou, em 1972, no Rio Grande do Norte.

Era um projeto de rádio e televisão para escolas rurais que seria semelhante ao que um satélite nacional realizaria, caso que o Brasil decidisse pela compra de uma tal tecnologia. O lado técnico do projeto foi dirigido por engenheiros e outras pessoas do INPE e foi bem executado. Os resultados, entretanto, foram insatisfatórios para os estudantes nas salas de aulas rurais. A conclusão a que eu e meu colega brasileiro chegamos foi a de que apenas a tecnologia sozinha não poderia transformar um sistema escolar. Em resumo, a tecnologia, grande ou pequena, não pode ser a resposta para a mudança social significativa (McANANY, OLIVEIRA, 1978). A crítica dos projetos de mídia deste período foi a de que as vidas das pessoas não podem ser modificadas por uma aplicação de cima para baixo da tecnologia, por mais sofisticada que ela possa ser. Mas também é verdade que a mídia podia ter algumas influências muito significativas nas vidas das pessoas, muitas vezes, para o pior, mas ocasionalmente para o melhor,

mesmo quando o impacto não foi planejado (McANANY, 2010, p. 96).

Os estudos realizados por McAnany sobre o uso da mídia e das tecnologias na promoção da educação e do desenvolvimento em países terceiro mundistas resultaram na publicação de três monografias: *O papel do rádio no Desenvolvimento: Cinco estratégias de utilização* (*Radio's Role in Development: Five Strategies of use*, 1973); *Meios de Comunicação na Educação para Países de Baixa Renda: Implicações para o Planejamento* (*Communication Media in Education for Low-Income Countries: Implications for Planning*, 1980), em coautoria com J. Mayo; e *O Saci-Exern projeto no Brasil: um estudo de caso analítico* (*The Saci-Exern Project in Brazil: An Analytical Case Study*, 1980).

Vale destacar que o trabalho sobre o Projeto SACI (Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares), produzido juntamente com João Batista Oliveira, foi publicado no Brasil pela Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, no n° 8 da série *Estudos e Pesquisas*, no ano de 1978, com 84 páginas, sob o seguinte título: *Projeto Saci: embrião de um satélite educativo*.

E assim, como orientando de Emile G. McAnany, na Universidade do Texas, em Austin, matriculado em disciplinas focadas em Comunicações Internacionais, acabei por me inteirar e analisar o caso do Projeto SACI, ou seja, do embrião da televisão no Rio Grande do Norte. Feito estas considerações evocativas para demonstrar que não sou alheio à história da TV no Rio Grande do Norte, volto o foco desta apresentação especificamente para o livro em questão.

O livro está dividido em duas partes com nove capítulos. A primeira parte engloba quatro capítulos, dos quais os dois primeiros são de contextualização, o inicial sobre a evolução da TV no Estado e o segundo sobre a implantação da mídia eletrônica no Nordeste. Os outros dois capítulos apresentam reflexões metodológicas sobre como estudar historicamente a televisão no Brasil.

O primeiro capítulo detalha a evolução da TV no Rio Grande do Norte a partir de 1972, quando foi instalada a primeira emissora com produção local: A Televisão Universitária (TVU), criada inicialmente para atender ao projeto SACI. Atualmente, 2016, a TVU retransmite a programação da TV Brasil. O capítulo inicial também resgata a produção acadêmica sobre a televisão no Estado potiguar.

O texto do capítulo, assinado por Valquíria Kneipp e Luciana Silva é rico em detalhes, registrando inclusive a desfaçatez como as concessões dos canais de TV eram distribuídas no período da ditadura militar. Exemplo disso foi a concessão, leia-se doação, da TV Ponta Negra, a primeira emissora comercial do Rio Grande do Norte, outorgada em 1985 por João Batista Figueiredo, último presidente do regime militar, e que só começou a transmitir em 1987, como afiliada do SBT, de Silvio Santos. A doação política de Figueiredo foi feita ao amigo e aliado Carlos Alberto de Souza, então um senador da república. Para não fugir à regra, todos os quatro canais comerciais de TV do Rio Grande do Norte foram outorgados para políticos locais.

O segundo capítulo, assinado por Aline Maria Grego Lins, relata as dificuldades que os Estados nordestinos passaram para ter acesso a emissoras comerciais instaladas em suas capitais. As três principais capitais da região, Recife, Salvador e Fortaleza ganharam suas primeiras emissoras no ano de 1960 e eram responsáveis pela retransmissão de sinais para os estados vizinhos. São Luís, do Maranhão, ganhou sua primeira emissora em 1963. A autora descreve em detalhes como foi a instalação das emissoras no Nordeste, destacando como a TV Borborema, de Campina Grande, se constituiu, em 1966, como sendo a primeira emissora da Paraíba e a primeira a ser instalada numa cidade do interior e não na capital como nos demais estados da região. A capital, João Pessoa, se contentava em receber a programação transmitida pela TV Jornal do Recife até meados da década de 1980, quando em 1986 foi inau-

gurada a TV Cabo Branco. Aline Grego Lins faz um breve e excelente apanhado histórico das emissoras do Nordeste, região que foi contemplada com várias concessões de rádio e TV a partir do último governo do regime de exceção, quando Figueiredo concedeu cerca de 650 permissões e no governo da Nova República, de José Sarney, que outorgou politicamente mais de mil permissões antes da Constituição de 1988 ser promulgada. O destaque deste capítulo vai para o papel desempenhado pela Globo Nordeste, no Recife, para fazer a cobertura das notícias dos Estados vizinhos e para a retransmissão do sinal na região.

O terceiro capítulo, de autoria de Ana Carolina Temer, identifica caminhos metodológicos para a reconstrução da história das emissoras de televisão no Brasil. Isto porque “a compreensão da inserção social da televisão sofre ainda com a dificuldade de lidar com as diferentes dimensões desta mídia”. A autora aborda a relação de desconfiança entre as empresas televisivas e os pesquisadores acadêmicos que, baseados “em contradições e verdades incompletas, tendem a atribuir à televisão uma importância menor ou mesmo imputar apenas dimensões negativas”. Para vencer os obstáculos a um melhor entendimento desta mídia ela propõe a formatação de uma metodologia que “envolva um estudo histórico, mas não limitado à citação dos fatos, mas ansiando compreender os elementos envolvidos e a relação que mantém entre si”.

Ana Carolina Temer sugere ainda que “a reflexão metodológica na pesquisa sobre as mídias, e particularmente sobre a televisão, deve se iniciar na compreensão do pesquisador que se trata de um objeto que está à vista de todos, e cujo fazer é moldado coletivamente ou mesmo socialmente”. A autora apresenta ao longo do texto uma série de sugestões que os pesquisadores devem levar em consideração ao se dedicar a estudar e registrar a evolução da televisão.

O quarto capítulo, que encerra a primeira parte do livro, de autoria de Celio J. Losnak, também apresenta reflexões metodoló-

gicas a partir dos dilemas do historiador das mídias e “seu tempo, ambiente das possibilidades e limites na abordagem do passado e do presente em constante tensão com questões contemporâneas”. Losnak dialoga com vários autores responsáveis por abordagens metodológicas para o resgate da história e da memória da mídia, pontuando o que considera relevante em cada uma das propostas. O texto é uma excelente revisão da bibliografia específica do tema tratado, o que levou o autor a concluir que é de fundamental importância “entender como as redes de televisão se entendem por todo o Brasil, [...como] são apropriadas pelas estruturas políticas e grupos dominantes, [...como] integram-se à cultura regional e retratam os segmentos populares com certos vieses”.

No quinto capítulo, Ciro Pedroza realiza exatamente o que se propõe no título. Suas anotações, enriquecidas com notas de pé de página, caracteriza-se como sendo um texto bem elaborado da história da primeira emissora de Televisão do Rio Grande do Norte, detalhando desde os objetivos, o processo de instalação, as vitórias e derrotas do desafio do Projeto SACI de implantar um programa de tele-educação via satélite por meio da TV Universitária (TVU). A importância dessa experiência e as contribuições da TVU, como diz Pedroza, “ultrapassou em muito o caráter meramente pedagógico de sala de aula à distância” e a sua maior contribuição ao Rio Grande do Norte foi “a qualificação de mão de obra especializada no fazer televisivo”.

Enquanto Ciro Pedroza se ocupou da primeira emissora pública do Estado, Cristina Vidal Bezerra, no sexto capítulo, dedica sua atenção à primeira emissora comercial do Estado: A TV Ponta Negra. Neste trabalho, além de resgatar artigos e documentos, vídeos e documentários, a autora procedeu a uma série de entrevistas com o objetivo de elaborar sua narrativa histórica, passando para o leitor, com segurança, informações e fatos relevantes da chegada e do desenvolvimento da TV comercial em Natal, construindo assim um perfil atual dessa emissora e sua atuação no Estado. A

narrativa sobre a instalação e desenvolvimento da TV ponta Negra foi enriquecida com a história pessoal e os depoimentos das pessoas envolvidas no processo ao longo do tempo. Os detalhes da concessão do canal e as disputas políticas locais estão evidentes no texto. Cristina Bezerra evidencia que a TV Ponta Negra sempre se caracterizou pela inovação, além de ter mantido o foco de sua programação voltada para a população carente.

Como não poderia deixar de ser considerada à parte, o sétimo capítulo, assinado por Alisson Santos e Juliana Holanda, trata da história da TV Cabugi, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Norte. Os autores apresentam uma visão panorâmica bem concatenada do processo de implantação da TV Cabugi na década de 80 do século passado, baseando-se numa rigorosa revisão bibliográfica enriquecida com depoimentos que explicam fatos da história da TV no Rio Grande do Norte. Os autores reafirmam o que já era evidente nos textos anteriores: “Os interesses políticos que permearam a década de 1980, como retorno do regime democrático ao Brasil, serviram como pano de fundo para as concessões dos canais televisivos” no Rio Grande do Norte.

No oitavo capítulo, Gustavo Fernandes e Emanuel dos Santos concentram atenção na história da TV Band Natal, além de mapear a mídia televisiva potiguar. Os autores também fizeram uma ampla investigação no acervo acadêmico da biblioteca da UFRN, identificando aqueles que agregassem valor à história da televisão. Aplicaram também as técnicas da história oral com a realização de entrevistas semiestruturadas, aplicadas em indivíduos que trabalharam ou ainda trabalham na emissora focada. Em síntese, os autores apresentam a história, cheia de altos e baixos, da TV Band no Rio Grande do Norte, a quinta emissora a ser instalada no Estado.

Encerrando o livro, encontra-se a história da TV Tropical, assinada por Juliana Hermenegildo, que aborda a instalação

da TV Tropical, na cidade de Natal, tendo como pano de fundo as relações econômicas e políticas da região que retardaram a chegada e ainda prejudica o desenvolvimento da mídia televisiva no Rio Grande do Norte. A TV Tropical foi a primeira no Estado a transmitir com sinal digital, no ano de 2012, e se caracteriza como parte do maior conglomerado de comunicação potiguar. O Grupo tropical controla oito emissoras de rádio, sendo duas na capital e seis no interior, além de dois canais de televisão.

Em síntese, pode-se afirmar que este livro, *Trajetória da Televisão no Rio Grande do Norte – A fase analógica*, preenche perfeitamente os objetivos da organizadora, Dra. Valquíria Kneipp, de oferecer um perfil da mídia televisiva no Estado do Rio Grande do Norte. A organizadora e os autores participantes desta empreitada merecem os louros dos objetivos alcançados. Resta aos leitores o prazer de ler e descobrir como foi a implantação da televisão no Estado potiguar e se deliciar com os detalhes dos bastidores dessa história.

Salvador, 2016

REFERÊNCIAS

- MATTOS, Sérgio. A pesquisa sobre tecnologia de Comunicação no Brasil e na América Latina. In: *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 33, p. 299-308, n.1, jan./jun.2010.
- McANANY, Emile; OLIVEIRA, João Batista Araújo. *Projeto Saci: embrião de um satélite educativo. Estudos e Pesquisas*. Rio de Janeiro: Instituto de Tecnologia Educacional, 1978.
- McANANY, Emile. Algumas ligações dos Estudos de Comunicação dos EUA com o Brasil: Memórias. In: HOHLFELDT, Antônio (Org.). *José Marques de Melo: Construtor de Utopias*. São Paulo: INTERCOM, 2010, p.89-102. (Coleção memórias, v. 1).

